

# LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

VOL. 9, 2014

## FICHA TÉCNICA

Linguística:  
Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto  
Vol. 9, 2014

ISSN: 1646-6195

Periodicidade: anual

Diretora:  
Ana Maria Brito

Secretariado Editorial:  
João Veloso

Editores:  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
e Centro de Linguística da Universidade do Porto

Capa:  
José Osswald

Impressão e acabamentos:  
Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal:  
248653/06

Tiragem:  
200 exemplares

Os artigos publicados estão sujeitos a "peer review".

Esta edição é integralmente financiada por:  
Centro de Linguística da Universidade do Porto

(Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projeto PEst-OE/LIN/UI0022/2014.)

A Revista está registada no DOAJ e Latindex e está indexada na base de dados Fonte Académica.

<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id191&sum=sim>

# SUMÁRIO

Espaço da direção . . . . .	5
Artigos	
Non epistemic perception and subeventive structure . . . . . <i>Ángeles Carrasco Gutiérrez</i>	9
<i>A princesa ficou *adormir ou a dormir? Dados sobre a consciência da unidade palavra em Português europeu. . . . .</i> <i>Catarina Afonso, Anabela Gonçalves, Maria João Freitas</i>	35
A aquisição das consoantes líquidas em PE: contributos para a caracterização da faixa etária 4;0 - 4;11 . . . . . <i>Clara Amorim</i>	59
Ênclise e próclise na coordenação . . . . . <i>Gabriela Matos, Madalena Colaço</i>	83
<i>Ou seja vs. o sea: formal identity and functional diversity . . . . .</i> <i>Salvador Pons Bordería, Ana Cristina Macário Lopes</i>	103
O contraste português / espanhol em Nicolau Peixoto (1848) . . . . . <i>Sónia Duarte</i>	129
Recensões	
Maria Helena Mira Mateus e Luísa Solla (orgs.) Ensino do Português como Língua Não Materna: Estratégias, Materiais e Formação . . . . . <i>Celda Choupina</i>	151
Edith A. Moravcsik. Introducing Language Typology . . . . . <i>João Veloso</i>	157
Graça Rio-Torto, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira, Sílvia Ribeiro: Gramática Derivacional do Português . . . . . <i>Ana Maria Brito</i>	167
Marion Sandré. Analyser les discours oraux. Approche pluridisciplinaire . . . . . <i>Isabel Margarida Duarte</i>	175
Instructions to authors . . . . .	181



## Espaço da Direção

Este é um momento muito especial para o Centro de Linguística da Universidade do Porto. De facto, depois de quase quarenta anos de existência e de sucessivas avaliações internacionais com Bom e Muito Bom, o Centro de Linguística da Universidade do Porto foi avaliado com uma baixa classificação, que ignorou, de modo profundamente injusto, a qualidade e quantidade da investigação teórica e aplicada e da formação avançada em Linguística realizadas, nas últimas décadas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com o apoio do Centro de Linguística. O futuro desta unidade de investigação está, pela primeira vez desde a sua fundação por Óscar Lopes em 1976, perigosamente ameaçado.

Contudo, não é a ocasião para paramos nem para nos sentirmos vencidos. Pelo contrário, continuaremos, dentro das nossas possibilidades, a estudar e investigar a linguagem e as línguas e a aplicar o nosso conhecimento avançado em inúmeras formas de intervenção.

Como forma simbólica de mostrar o nosso sentimento de injustiça e de desacordo perante a atual situação do Centro de Linguística, a cor deste volume é o negro.

É para nós muito significativo que este volume seja constituído por artigos em várias áreas da Linguística, escritos por linguistas de diferentes universidades e centros de investigação. Na realidade, desde o seu primeiro volume, a *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* – nunca se fechou dentro das fronteiras da nossa instituição e, pelo contrário, esteve sempre aberta a investigadores nacionais e estrangeiros que quiseram, através deste espaço editorial, partilhar a sua investigação.

A direção agradece reconhecidamente aos autores, aos membros da Comissão Científica e ainda a outros linguistas que avaliaram vários artigos submetidos (Telmo Verdelho, Álvaro Iriarte, João Paulo Silvestre), esperando que este volume contribua, mais uma vez, para o diálogo e discussão entre os linguistas e centros de investigação nesta área tão importante do conhecimento.

Ángeles Carrasco Gutiérrez analisa semanticamente a percepção não epistémica, a partir de frases infinitivas selecionadas por *ver*, em Espanhol.

Catarina Afonso, Anabela Gonçalves e M. João Freitas descrevem o desempenho de crianças portuguesas numa tarefa de avaliação de consciência da unidade *palavra*.

Clara Amorim analisa os dados de produção de líquidas numa amostra de 40 crianças falantes nativas de dialetos setentrionais do PE entre os 4;0 e 4;11 anos.

Gabriela Matos e Madalena Colaço escrevem sobre as condições que regulam a ênclise e a próclise em estruturas de coordenação em Português Europeu.

Salvador Pons Bordería e Ana Cristina Macário Lopes fazem uma análise comparada dos valores semânticos e pragmáticos dos marcadores *ou seja* em Português e *o sea* em Espanhol.

Sónia Duarte estuda a primeira gramática de espanhol para portugueses, de Nicolau Peixoto, de 1848.

Seguem-se quatro resenhas de livros recentes em várias áreas da Linguística.

Artigos



# Non epistemic perception and subeventive structure\*

Ángeles Carrasco Gutiérrez  
Angeles.CGutierrez@uclm.es  
*University of Castilla-La Mancha (Spain)*

ABSTRACT. States and null transition processes are the two types of events that are excluded from the infinitive clauses embedded to the Spanish verb *ver*, 'to see'. The reason is that none of them provide changes of properties or locations that can be perceived. This is the lexical requirement that the visual perception verb imposes to its complements. In this paper, they are examined the conditions under which certain null transition processes can appear in non-epistemic or direct perception contexts: (a) the existence of external boundaries; (b) the inexistence of presupposed states related to the asserted states; and (c) the possibility that null transition (macro)processes are analyzed in terms of non-null transition (micro)processes.

KEY-WORDS. Non-epistemic perception, subeventive structure, pseudocopulative verbs, aspectual periphrases

## 1. Introduction

In this paper, we will pay attention to some examples of non-epistemic perception in which there are infinitive clauses embedded to the Spanish verb *ver*, 'to see'. As in previous work, we will assume following Dretske (1969: 32) that in this kind of contexts *to see* means to perceive a change of state. The italics are ours:<sup>1</sup>

I mean that the percipient must see A *at the time it passes from state S1 to S2* and A's being in state S1 must look different to him that A's being in state S2. There must be some visual differentiation between *the temporally successive states whose succession constitute the event*.

---

\* This research is part of a project supported by the Ministerio de Economía y Competitividad (FFI2012-32660). This work was presented at the *Centro de Linguística da Universidade do Porto* (CLUP) on May 2013. We thank the audience for valuable questions and discussion. We would also like to express our gratitude to Juan Carlos Moreno Cabrera, whose ideas have inspired us from the very beginning.

<sup>1</sup> For the syntax and semantics of the perception verbs, consult Kirsner & Thompson (1976), Akmajian (1977), Suñer (1978), Barwise (1981), Barwise & Perry (1983), Willems (1983), Asher & Bonevac (1985), Mittwoch (1990), Dik & Hengeveld (1991), Guasti (1993), Safir (1993), Borgonovo (1996), Boivin (1998), Di Tullio (1998), Santos (1998), Felser (1999), Higginbotham (1999), Rizzi (2000), Rodríguez Espiñeira (2000), Cipria (2002, 2003), Miller & Lowrey (2003), Hornstein, Martins & Nunes (2006), Enghels (2007), Gisborne (2010), Carrasco Gutiérrez & González Rodríguez (2011), and Arteaux (2012), among many others.

In addition, we will adopt the events classification of Moreno Cabrera (2003). This author distinguishes three basic types of events: *states*, *processes*, and *actions*.<sup>2</sup> Briefly, states are relations between entities and properties (*attributive states*), or between entities and locations (*locative states*) (see 1):

- (1) STATES:
- a. El cajón está abierto.  
the drawer ESTAR-PRES 3.SG open  
'The drawer is open.'
- b. El cajón está allí.  
the drawer ESTAR-PRES 3.SG there  
'The drawer is there.'

Processes are conceived as relations of transition between at least two states which involve the same entity. These transitions can be either *null* transitions or *non-null* transitions. The transitions are non-null if the states related represent different properties or different locations of the same entity. The transitions are null if the states related represent the same property or the same location.<sup>3</sup> See Table I. The formulations in Table I are taken from Moreno Cabrera (2003: 138): *p* stands for the property of being open,  $\sim p$  stands for the property of not being open, and *T* stands for *transition*:

TABLE I – Two type of processes<sup>4</sup>

NON-NULL TRANSITIONS	El cajón se abrió. the drawer SE opened-3.SG 'The drawer opened.'	$\sim pTp$
	El cajón se cerró. the drawer SE closed-3.SG 'The drawer closed.'	$pT \sim p$

<sup>2</sup> See Moreno Cabrera (2003: 171-198) for a critical review of the proposals of McCawley (1968), Jackendoff (1972, 1990), Dowty (1979), Pustejovsky (1991, 2000), Levin & Rappaport Hovav (1995), Mateu Fontanals (1997), and Van Valin & LaPolla (1997).

<sup>3</sup> As Moreno Cabrera (2003: 141) suggests, non-null transition processes are not states: (The translation is ours.)  
The first sentence [*Juan sigue en Madrid*, 'Juan is still in Madrid'] means something more than *Juan está en Madrid*, 'Juan is in Madrid'. In effect, in order Juan to be still in Madrid it is necessary that John has been in Madrid before the time referred to in the sentence. Thus, there are at least two states [...] related by the fact that they are true with respect to two different moments of the same interval [...] We can see, then, that to understand the meaning of *Juan sigue en Madrid*, 'Juan is still in Madrid', it is necessary to propose at least two locative states that are temporally related in a way analogous to the way in which the two or more locative states of a displacement process are related. From all of this we conclude that *Juan está en Madrid*, 'Juan is in Madrid', denotes a state, and that *Juan sigue en Madrid*, 'Juan is still in Madrid', denotes a process.

<sup>4</sup> For the concept of *transition*, see von Wright (1963).

NULL TRANSITIONS	El cajón <i>sigue</i> abierto. the drawer continues [to be] open 'The drawer is still open.'	pTp
	El cajón <i>se mantiene</i> cerrado. the drawer SE remains closed 'The drawer remains closed.'	~pT~p

Finally, actions are agentivity or causativeness relations between entities and processes. In (2), for example, Juan is the entity that originates, controls or is responsible for the process to occur:

- (2) ACTION:  
 Juan abrió el cajón.  
 Juan opened-3.SG the drawer  
 'Juan opened the drawer.'

Now, consider the following sentences:

- (3) a. Vimos {abrirse/cerrarse} el cajón.<sup>5</sup>  
 saw-1.PL open-SE/close-SE the drawer  
 'We saw the drawer open/close.'  
 b. \*Vimos {seguir abierto/mantenerse cerrado} el cajón.  
 saw-1.PL continue [to be] open/remain-SE closed the drawer  
 'We saw the drawer be still open/remain closed.'  
 c. \*Vimos estar abierto el cajón.  
 saw-1.PL ESTAR open the drawer  
 'We saw the drawer be open.'

The events denoted by the embedded predicates are distinct. In (3a) and (3b) we have processes. The entity responsible for the processes to occur is not specified, if there is any. In (3c) we have a state. The state is excluded due to its homogeneity, that is, there is no change or progression in the property it denotes that can be perceived. The processes in (3b) are also excluded. The Table I shows that these processes are examples of null transition relations between properties. i.e. the properties related are identical. So again, the embedded event does not satisfy the lexical requirement of

<sup>5</sup> In English, it is also possible to find a full infinitive in the complement clause, i.e. a root verb with the infinitival marker *to*. For its interpretation and its more restricted use, see Felsler (1999) and the references cited there.

the perception verb in the main clause. The only events that satisfy this lexical requirement of providing a change of state are those denoted by the embedded predicates of (3a). These events relate different properties of the same entity (see Table I).

Non finite states can be embedded to the Spanish perception verb if they are modified by temporal expressions like *hasta que llegó María*, ‘until María arrived’. These temporal expressions act as external boundaries, and in doing so they mark the transition to a new state:

- (4) Lo vimos      estar abierto hasta      que      llegó      María.  
       it saw-1.PL    ESTAR open until      that    arrived-3.SG    María  
 ‘We saw it be open until María arrived.’

In this paper, we are interested in examples such as (3b). In the embedded clauses there are null transition processes that can be identified by the presence of the Spanish pseudo-copulative verbs *seguir*, ‘to be still’, and *mantener*, ‘to remain’ (see Moreno Cabrera 2003: 138-412, 193).<sup>6</sup> Our aim is to give an explanation of two kinds of contrasts. The first contrast is illustrated in (5):

- (5) a. \*Lo vimos    *seguir*                    abierto hasta      que llegó      María  
       it saw-1.PL    continue [to be] open until      that arrived-3.SG    María  
       ‘We saw it be still open until María arrived.’  
       b. Lo vimos    *mantenerse*                    abierto hasta      que llegó      María  
       it saw-1.PL    remain-SE                    open until      that arrived-3.SG    María  
       ‘We saw it remain open until María arrived.’

These sentences show that *seguir* and *mantener* do not behave in the same way when they are modified by temporal expressions like *hasta que llegó María*, ‘until Mary arrived’. We can find predicates headed by *mantener* in the infinitive clause (see 5b), but the predicates headed by *seguir* are excluded (see 5a). In order to explain this contrast, we will demonstrate that the states related by *mantener* are asserted, and thus can be perceived whenever the context provides external boundaries. On the contrary,

<sup>6</sup> The meaning of the Spanish pseudo-copulative verb *permanecer*, ‘to stay’, is very close to the meaning of *mantener*, ‘to remain’. Although this verb does not appear in the examples of null transition processes in Moreno Cabrera (2003), we think that it would be necessary to explore its behaviour. We will leave this task for future investigation.

*seguir* connects states that are asserted with states that are presupposed. The presupposed states cannot be the object of non-epistemic perception.

The second contrast is illustrated in (6):

- (6) a. Vimos *seguir* *abriéndose* solo el cajón muchos días (hasta  
saw-1.PL keep opening-SE by itself the drawer several days until  
que lo arreglaron definitivamente).  
that it fixed-3.PL definitely  
'We saw the drawer keep opening by itself for several days (until it was  
fixed definitely).'
- b. Juan tiró levemente del cajón y todos lo vimos *seguir* *abriéndose*  
Juan pulled-3.SG gently of-the drawer and all it saw-1.PL go on opening-SE  
solo (hasta que su contenido quedó completamente al descubierto).  
by itself until that its contents remained-3.SG completely to-the uncovered  
'Juan pulled the drawer gently and we all saw it go on opening by itself  
(until its contents were completely uncovered).'

In (6a) and (6b), the embedded predicates are not headed by the pseudo-copulative verb *seguir*, but by the auxiliary of a periphrastic construction. Nevertheless, the embedded events appear to be null transition processes, as the events of (3b) and (5a) (see Moreno Cabrera 2003: 142). Then, the question is why the infinitive headed by the auxiliary *seguir*, 'to keep/to go on', can be embedded to the verb of visual perception. Null transition processes relate identical properties or locations of the same entity. Consequently, they do not provide any change of state that can be perceived. For this reason, the predicates that denote null transition processes lead to ungrammaticality in non-epistemic perception contexts.

In the last part of the paper, a distinction will be made between *static* and *dynamic* null transition processes, following Moreno Cabrera (2003). The sentence (6a) will be considered as an example of a dynamic null transition process. We will show that what is really perceived in (6a) are the non-null transition microprocesses which constitute the dynamic null transition macroprocess. With regard to the event denoted by the embedded predicate of (6b), we believe that it should not be classified as a null transition process. Our purpose is to suggest that in (6b) the auxiliary *seguir* does not relate identical states, but different states of the same process.

For simplicity, we will focus our attention exclusively on the telic predicates of the sentences above. The paper is organized as follows. Section 2 is devoted to make some distinctions in the events classification of Moreno Cabrera (2003), and, in particular, to introduce the concepts of *path* and *attributive path*. These concepts will be necessary to change the formulations in Table I. In section 3, we will pay attention to the pseudo-copulative verb *seguir*, ‘to be still’, in the contexts of non-epistemic perception. In section 4, the periphrastic construction *seguir + gerundio*, ‘to keep/to go on + gerund’, will be taken into consideration. The main conclusions of the paper will be summarized in section 5.

## 2. The attributive path

After the introductory section, we need to return to the formulations in Table I. These formulations may be suitable to describe the meaning of instantaneous processes. However, they can clearly be improved as descriptions of the meaning of non-instantaneous processes like those denoted by *abrir/cerrar*, ‘to open/to close’. In this section, we will propose alternative semantic structures for them, but before we must also introduce some concepts related to the subeventive structure of the processes proposed by Moreno Cabrera (2003).

To begin with, let us consider the example (7). The process in (7) differs from the others in the lack of intermediate states between the initial state ( $s_0$ ) and the final state ( $s_n$ ). The lack of intermediate states, or what is the same, the temporal contiguity relationship between the initial and final states is the reason why these processes are conceived as non durative, i.e. as instantaneous. The symbol  $\mathfrak{P}$  stands for *transition*:

- (7) *marcar un gol*, ‘to score a goal’  
 $s_0 \Rightarrow s_n$

In (8), it is shown that instantaneous events are not compatible with the progressive construction *estar + gerundio*, ‘to be + gerund’:

- (8) \*Cuando se fue la luz, el equipo de casa estaba marcando un gol.  
 when SE went-3.SG the light the team from home ESTAR-PAST.3.SG  
 scoring a goal  
 ‘When the power went out, the home team was scoring a goal.’

The processes in (9) and (10) are not instantaneous. This means that they include intermediate states ( $s_1, s_2, \dots, s_{n-1}$ ). Moreno Cabrera (2003) calls the intermediate states *path*. There are processes oriented to the path, i.e. without specific initial and final states, as the one in (9), and there are also processes not oriented to the path, i.e. with specific initial and final states, as the one in (10):

(9) *correr por el parque*, 'to run through the park'  
 $s_1 \text{ P } s_2 \text{ P}, \dots, \text{ P } s_{n-1}$

(10) *abrir/cerrar*, 'to open/to close'  
 $s_0 \text{ P } s_1 \text{ P}, \dots, \text{ P } s_n$

Observe in (11) that the events that are not instantaneous are compatible with the progressive construction *estar + gerundio*, 'to be + gerund':

- (11) a. Cuando se fue la luz, Juan *estaba corriendo* por el parque.  
when SE went-3.SG the light Juan ESTAR-PAST.3.SG running through the park  
'When the power went out, Juan was running through the park.'
- b. Cuando se fue la luz, el cajón *estaba abriéndose*.  
when SE went-3.SG the light the drawer ESTAR-PAST.3.SG opening-SE  
'When the power went out, the drawer was opening.'

In addition, the example (12a) shows that the events oriented to the path cannot be modified by temporal expressions like *en dos minutos*, 'in two minutes', unlike events not oriented to the path (see 12b). *En dos minutos*, 'in two minutes', can also modify instantaneous events (see 12c). Note, however, that it has a different function. In (12b), the temporal expression measures the path. In other words, two minutes is the time between the initial state (the drawer is not open) and the final state (the drawer is open). In (12c), two minutes is the time that it is needed for the only transition between the initial state (the goal has not been scored) and the final state (the goal has been scored) to occur:

- (12) a. \*Juan *corrió* por el parque *en dos minutos*.  
Juan ran-3.SG through the park in two minutes  
'Juan ran through the park in two minutes.'

- b. El cajón se abrió en dos minutos.  
the drawer SE opened-3.SG in two minutes  
'The drawer opened in two minutes.'
- c. El equipo de casa marcó un gol en dos minutos.  
the team from home scored-3.SG a goal in two minutes  
'The home team scored a goal in two minutes.'

Finally, the examples in (13) illustrate the different interpretations of the three types of events in combination with the approximative adverb *casi*, 'almost':

- (13) a. El cajón *casi* se abrió. [Factual (√). Counterfactual (√).]  
the drawer almost SE opened-3.SG  
'The drawer almost opened.'
- b. Juan *casi* corrió por el parque. [Factual (#). Counterfactual (√).]  
Juan almost ran-3.SG through the park  
'Juan almost ran through the park.'
- c. El equipo de casa *casi* marcó un gol. [Factual (#). Counterfactual (√).]  
the team from home almost scored-3.SG a goal  
'The home team almost scored a goal.'

The sentence with the event oriented to the path admits two interpretations (see 13a). One of these interpretations is counterfactual: the drawer did not open. The other one is not. In the second interpretation, there are some transitions between the states that constitute the path, but the final state is not reached. The sentence with the event not oriented to the path and the sentence with the instantaneous event only admit the counterfactual interpretation: Juan did not run through the park (see 13b), and the home team did not score a goal (see 13c).

The equivalences between the events classification of Moreno Cabrera (2003) and the classical typology based in the work of Vendler (1957) can be established without difficulty. Both proposals are put together below:

TABLE II – Moreno Cabrera (2003) vs. Vendler (1957)<sup>7</sup>

MORENO CABRERA (2003)	VENDLER (1957)
States	States
Instantaneous processes (or actions)	Achievements
Non instantaneous processes (or actions):	
Path-oriented	Activities
Not oriented to the path	Accomplishments

The data in (11), (12) and (13) demonstrate that the events denoted by *abrir/cerrar*, ‘to open/to close’ are not instantaneous. They involve a path, that is, intermediate states. These intermediate states can be independently modified by adverbs such as *apenas*, ‘barely’, *poco*, ‘slightly’, *medio*, ‘half’, and *casi*, ‘almost’, as we can see in (14). This path is not included in the formulations in Table I. That is why we think that the formulations should be revised:

- (14) a. El cajón está *apenas* {abierto/cerrado}.<sup>8</sup>  
 the drawer ESTAR-PR.3.SG barely open/closed  
 ‘The drawer is barely open/closed.’
- b. El cajón está *poco* {abierto/cerrado}.  
 the drawer ESTAR-PR.3.SG slightly open/closed  
 ‘The drawer is slightly open/closed.’
- c. El cajón está *medio* {abierto/cerrado}.  
 the drawer ESTAR-PR.3.SG half open/closed  
 ‘The drawer is half open/closed.’
- d. El cajón está *casi* {abierto/cerrado}.  
 the drawer ESTAR-PR.3.SG almost open/closed  
 ‘The drawer is almost open/closed.’

Moreno Cabrera (2011) applies the adjective *attributive* to the path constituted by resultative states as the ones in (14). This is the kind of path that corresponds to the processes to which we are paying attention in this

<sup>7</sup> Actions inherit the aspectual structure of processes: *Juan marcó un gol*, ‘Juan scored a goal’, would be an action of achievement, *Juan corrió por el parque*, ‘Juan ran through the park’, would be an action of activity, and *Juan abrió el cajón*, ‘Juan opened the drawer’, would be an action of accomplishment. See Moreno Cabrera (2011: 10).

<sup>8</sup> See Moreno Cabrera (2011: 13), sentences in (16).

paper.<sup>9</sup> So, (14a) and (14d), for example, can be understood as the resultative states of the processes in (15a) and (15b), respectively:

- (15) a. El cajón *apenas* {se abrió /se cerró}.  
the drawer barely SE opened-3.SG/ SE closed-3.SG  
'The drawer barely opened/closed.'
- b. El cajón *casi* {se abrió /se cerró}.  
the drawer almost SE opened-3.SG/SE closed-3.SG  
'The drawer almost opened/closed.'

The examples (16a) and (16b) show that it is also possible to establish null transition relations between the states of the attributive path:

- (16) a. El cajón sigue *apenas* abierto.  
the drawer continues [to be] barely open  
'The drawer is still barely open.'
- b. El cajón sigue *medio* cerrado.  
the drawer continues [to be] half closed  
'The drawer is still half closed.'

The proposal of Moreno Cabrera (2011) is to use the algebraic structure of group  $(Q, +)$ , i.e. the set of the rational numbers  $(Q)$  with the addition operation, to model the attributive paths. We will make use of the same tools to provide the semantic structure of the events denoted by *abrir/cerrar*, 'to open/to close'. Consider (17):

- (17) *abrir*, 'to open'  
 $P^0(i) \Rightarrow \underline{P^{1/10}(i)} \Rightarrow \underline{P^{1/2}(i)} \Rightarrow \underline{P^{9/10}(i)} \Rightarrow P^1(i)$

The attributive path is underlined. The symbol  $\Rightarrow$  represents the transition between two states. The capital letter  $P$  stands for *property*, the lowercase letter  $i$  stands for *entity*. The number  $0$  represents the initial state (e.g. the drawer is not open), The number  $1$  represents the final state (e.g. the drawer

<sup>9</sup> An attributive path can be constituted by resultative states, but it cannot be constituted by episodic states (Moreno Cabrera 2011: 12). Resultative states can be conceived as the final states of a process. Episodic states cannot. Consider (i). In the acquisition of the property denoted by *caro*, 'expensive', there are not intermediate states. Thus, the adverbs *apenas*, 'barely', *poco*, 'slightly', *medio*, 'half', and *casi*, 'almost', would render the sentence ungrammatical:

(i) El cajón está (\*{*apenas/poco/medio/casi*}) caro.  
the drawer ESTAR-PR.3.SG barely/slightly/half/almost expensive  
'The drawer is barely/slightly/half/almost expensive.'

is open). The property denoted by the past participle *abierto*, ‘opened’, is segmented into ten parts conventionally. The superindex 1/10 represents the first intermediate state of the attributive path of the event denoted by *abrir*. The superindex 9/10 represents the last intermediate state. The superindex ½ represents the middle of the attributive path.

In (18), we give the semantic structure of the event denoted by *cerrar*:

- (18) *cerrar*, ‘to close’  
 $P^1(i) \Rightarrow \underline{P^{9/10}(i)} \Rightarrow \underline{P^{1/2}(i)} \Rightarrow \underline{P^{1/10}(i)} \Rightarrow P^0(i)$

In (19) it is represented the meaning of two null transition processes headed by the pseudo-copulative verb *seguir*:

- (19) a. *seguir abierto*, ‘to be still open’  
 $P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$   
b. *seguir cerrado*, ‘to be still closed’  
 $P^0(i) \Rightarrow P^0(i)$

Notice that if we change the superindex of the states involved in the subeventive structure, it is possible to locate the process in different points of its path:

- (20) a. *apenas abrir*, ‘to open barely’  
 $P^0(i) \Rightarrow P^{1/10}$   
b. *casi cerrar*, ‘to close almost’  
 $P^1(i) \Rightarrow P^{9/10}(i) \Rightarrow P^{1/2}(i) \Rightarrow P^{1/10}(i)$   
c. *seguir medio abierto/cerrado*, ‘to be still half open/closed’  
 $P^{1/2}(i) \Rightarrow P^{1/2}(i)$

The semantic structures introduced in the last pages will be used hereafter to give an account of the contrasts illustrated in the first section. Recall that the purpose of this paper is twofold. Firstly, we will give an explanation of the different behaviours of the infinitive clauses headed by the pseudo-copulative verbs *seguir*, ‘to be still’, and *mantener*, ‘to remain’, when embedded to the Spanish verb *ver*, ‘to see’. Secondly, we are interested in explaining why the periphrasis *seguir + gerund*, ‘to keep/go on + gerund’, does not lead to ungrammaticality in contexts of non-epistemic perception. The next section will be devoted to the first topic.

### 3. The pseudo-copulative verb *seguir* in the contexts of non-epistemic perception

For simplicity, we will repeat the sentences in (5) below. The pseudo-copulative verb *mantener*, ‘to remain’, can be embedded to *ver*, ‘to see’, in the contexts of non-epistemic perception whenever the predicate it heads is modified by temporal expressions like *hasta que María llegó*, ‘until Mary arrived’ (see 5b). The pseudo-copulative verb *seguir*, ‘to be still’, cannot (see 5a). As we know, these temporal expressions add an external boundary to the null transition process:

- (5) a. \*Lo vimos *seguir* abierto hasta que llegó María.  
it saw-1.PL continue [to be] open until that arrived-3.SG María  
‘We saw it be still open until María arrived.’
- b. Lo vimos *mantenerse* abierto hasta que llegó María.  
it saw-1.PL remain-SE open until that arrived-3.SG María  
‘We saw it remain open until María arrived.’

Both of the processes in (5) relate states which are identical and are located in different points of the same temporal interval. Our hypothesis is that the contrast illustrated above is due to a crucial difference between the null transition processes headed by *mantener* and by *seguir*. The former verb would connect identical properties or locations that are all asserted. The latter verb would connect properties or locations that are asserted with properties or locations that are presupposed.

To support this hypothesis, we will display four arguments. The first argument is that the presupposed character of the properties and locations connected by *seguir* can be maintained in non assertive contexts: negative sentences (see 21a), interrogative sentences (see 21b), or conditional sentences (see 21c). In all of them, we can say that the drawer was or is open before the assertion time:

- (21) a. El cajón no siguió abierto.  
the drawer not continued-3.SG [to be] open  
‘The drawer was not still open.’
- b. No sé si el cajón siguió abierto.  
not know-1.SG whether the drawer continued-3.SG [to be] open  
‘I do not know whether the drawer was still open.’

- c. Si el cajón sigue abierto, el niño se tropezará con él.  
if the drawer continues [to be] open the boy SE will stumble with it  
'If the drawer is still open, the boy will stumble over it.'

Compare the sentences in (21) with the sentences in (22). In none of them it is possible to say that the drawer was or is open:

- (22) a. El cajón no se mantuvo abierto.  
the drawer not SE remained-3.SG open  
'The drawer did not remain open.'
- b. No sé si el cajón se mantuvo abierto.  
not know-1.SG whether the drawer SE remained-3.SG open  
'I do not know whether the drawer remained open.'
- c. Si el cajón se mantiene abierto, el niño se tropezará con él.  
if the drawer SE remains open the boy SE will stumble with it  
'If the drawer remains open, the boy will stumble over it.'

The second argument is that only *mantener* is compatible with the phasal adverbs *todavía no*, 'still not', and *ya*, 'already':<sup>10</sup>

- (23) a. El cajón todavía se mantiene abierto.  
the drawer still SE remains open  
'The drawer still remains open.'
- b. El cajón todavía no se mantiene abierto  
the drawer still not SE remains open  
'The drawer still does not remain open.'
- c. El cajón ya se mantiene abierto.  
the drawer already SE remains open  
'The drawer already remains open.'
- d. El cajón ya no se mantiene abierto.  
the drawer already not SE remains open  
'The drawer does not remain open any more.'

---

<sup>10</sup> For the second and third arguments, consult Morimoto & Pavón (2007: 31-33). There, the lecturer will find different grammaticality judgements and another point of view with respect to the verb *mantener*.

Compare (23b) and (23c) with (24b) and (24c):

- (24) a. El cajón *todavía* sigue abierto.  
the drawer still continues [to be] open  
'The drawer still continues to be open.'
- b. \*El cajón *todavía no* sigue abierto.  
the drawer still not continues [to be] open  
'The drawer still does not continue to be open.'
- c. \*El cajón *ya* sigue abierto.  
the drawer already continues [to be] open  
'The drawer already continues to be open.'
- d. El cajón *ya no* sigue abierto.  
the drawer already not continues [to be] open  
'The drawer does not continue to be open any more.'

In Muller (1975) we find the idea that the adverbs like *todavía*, 'still', *ya*, 'already', and their negative counterparts presuppose a phase that is anterior to the phase asserted. Both phases are connected with a possible, but not obligatory posterior phase (see also Garrido 1991, 1993). The meanings of these adverbs is shown in Table III, which we take from García Fernández (2000: 131):

TABLE III – *Todavía* (no), *ya* (no)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSSIBLE POSTERIOR PHASE
<i>Todavía</i> , 'still'	Positive	Positive	Negative
<i>Todavía no</i> , 'still not'	Negative	Negative	Positive
<i>Ya</i> , 'already'	Negative	Positive	Positive
<i>Ya no</i> , 'no more/no longer'	Positive	Negative	Negative

Consider (23b), *El cajón todavía no se mantiene abierto*, 'the drawer still does not remain open'. According to the meaning of *todavía no*, above, the drawer does not remain open in the present (asserted phase: negative), nor in the past (previous phase: negative), but it is possible that it will remain open in the future (posterior phase: positive). Consider (23c), *El cajón ya se mantiene abierto*, 'the drawer already remains open'. According to the meaning of *ya*, the drawer remains open in the present (asserted phase: positive), the drawer will probably remain open in the future (posterior phase: positive), but it

did not remain open in the past (previous phase: negative). The formulations below represent these interpretations, besides the interpretations of (23a), *El cajón todavía se mantiene abierto*, ‘the drawer still remains open’, and (23d), *El cajón ya no se mantiene abierto*, ‘the drawer does not remain open any more’. Negative phases appear crossed out hereafter:

TABLE IV – The meaning of sentences in (23)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSTERIOR PHASE
<i>Todavía</i> , ‘still’	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$
<i>Todavía no</i> , ‘still not’	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$
<i>Ya</i> , ‘already’	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$
<i>Ya no</i> , ‘no more/no longer’	$P^1(i) \Rightarrow P^1(i)$	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$	$P^+(\ddot{i}) \Rightarrow P^+(\ddot{i})$

The meanings of the sentences headed by the pseudo-copulative *seguir*, ‘to be still’, are very different. The reason is that just one of the properties related by this verb is part of the sentence assertion. *Seguir* connects asserted properties with presupposed properties. In the following Tables, both of them are made coincide with adverbial phases. Thus, the presupposed property must appear in an anterior phase. We have represented it within brackets.

Consider the formulation for (24a), *El cajón todavía sigue abierto*, ‘the drawer still continues to be open’, in Table V (1). The asserted state, i.e. the drawer is open, is located in the present. But the drawer must also be open in a previous moment. This requirement imposed by the pseudo-copulative verb is compatible with the meaning of the adverb *todavía*. As we can see in Table III, above, both the asserted phase and the previous phase should be positive. That is why the sentence (24a) is grammatical:

TABLE V (1) – The meaning of (24a)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSTERIOR PHASE
<i>Todavía</i> , ‘still’	$[P^1(i) \Rightarrow]$	$P^1(i)$	$P^+(\ddot{i})$

The example (24d), *El cajón ya no sigue abierto*, ‘the drawer does not continue to be open any more’, is also grammatical. See Table V (2). The drawer is not open in the present (asserted phase: negative), and it will not probably be open in the future (posterior phase: negative). However, the

drawer was open in two different moments of a past interval. Again, there is no contradiction between the meaning of the process headed by the pseudo-copulative verb and the meaning of the phasal adverb *ya no*:

TABLE V (2) – The meaning of (24d)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSTERIOR PHASE
<i>Ya no</i> , ‘no more/no longer’	[ P <sup>1</sup> (i) ⇒ ] P <sup>1</sup> (i)	P <sup>1</sup> (i)	P <sup>+</sup> (-i)

Whenever there is a conflict between the meaning of the process headed by the pseudo-copulative verb and the meaning of the phasal adverb, the sentences are excluded. To our view, that is the case in (24b) and (24c). Let us see.

Consider (24b), *\*El cajón todavía no sigue abierto*, ‘the drawer still does not continue to be open’. According to the meaning of *todavía no*, the drawer will probably be open in the future. This state is connected by the pseudo-copulative verb with a presupposed state that is identical. As we can see in Table V (3), the presupposed state is located in the asserted phase. But note that the state is crossed out because the asserted phase is negative. The contradiction is there: if we attend to the presupposition associated to the phasal adverb *todavía no*, we should understand that the drawer is not open in the present. But if we attend to the presupposition associated to the pseudo-copulative verb, we should understand the opposite, i.e. that the drawer is open in the present:

TABLE V (3) – The meaning of (24b)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSTERIOR PHASE
<i>Todavía no</i> , ‘still not’	P <sup>+</sup> (-i)	[ -P <sup>+</sup> (-i) ⇒ ]	P <sup>1</sup> (i)

To finish, consider (24c), *\*El cajón ya sigue abierto*, ‘the drawer already continues to be open’. According to the meaning of *ya*, the drawer is open in the present. This state is connected by the pseudo-copulative verb with a presupposed state that is identical. As we can see in Table V (4), the presupposed state is located in the previous phase. This previous phase is negative. In consequence, the presupposed state is crossed out. The ungrammaticality of the sentence is due to the contradictory meanings of the presupposition associated to the phase adverb *ya*, i.e. that the drawer is not open in the past, and the presupposition associated to the pseudo-copulative verb, i.e. that the drawer is open in the past:

TABLE V (4 – The meaning of (24c)

	PREVIOUS PHASE	ASSERTED PHASE	POSTERIOR PHASE
Ya, 'already'	{P <sup>+</sup> -(i) ⇒}	P <sup>+</sup> (i)	P <sup>+</sup> (i)

The third argument to demonstrate that the semantics of the two pseudo-copulative verbs is not the same are the different grammaticality judgements that their sentences deserve if the Spanish adverb *últimamente* is added. See sentences in (25):

- (25) a. *Últimamente*, el cajón se mantiene abierto.  
 lately the drawer SE remains open  
 'Lately, the drawer remains open.'
- b. \**Últimamente*, el cajón sigue abierto.  
 lately the drawer continues [to be] open  
 'Lately, the drawer is still open.'

This adverb allows to establish a contrast between the time of the event and a time anterior to it. Consider (25a). The time of the event is the present. So, we can say that in the present the drawer remains open. But there would be the inference that the drawer did not remain open in a time anterior to the present. In (25b), this inference conflicts with the presupposition associated to *seguir*. In (25b) the asserted state is also located in the present. As we propose, *seguir* connects an asserted state with an identical presupposed one. This presupposed state is located in (25b) in a time anterior to the present. Therefore, the drawer should be open in the past in order the drawer to be still open in the present to be true.

The last argument is that temporal expressions which set a left boundary render the sentences with the pseudo-copulative *seguir* ungrammatical. Compare (26a) with (26b):

- (26) Desde que el golpe de Juan lo desenchajara,  
 since that the hit of Juan it disengaged-3.SG  
 'Since Juan's hit disengaged it,'
- a. el cajón se ha mantenido abierto.  
 the drawer SE has remained open  
 'the drawer has remained open.'

- b. \*el cajón ha seguido      abierto.  
the drawer has continued [to be] open  
'the drawer has been still open.'

The beginning of the null transition process in (26b) cannot be modified by the temporal sentence introduced by *desde*, 'since', because this part of the process is not visible. This part coincides with the presupposed state.

From the arguments presented above we conclude that the crucial difference between the Spanish pseudo-copulative verbs *mantener* and *seguir* is that only with regard to the latter it can be affirmed that there are presupposed properties or locations involved in the null transition process.

We can now come back to the contrast in (5):

- (5) a. \*Lo vimos    *seguir*                    abierto hasta que llegó            María.  
it    saw-1.PL continue [to be] open    until that arrived-3.SG María  
'We saw it be still open until María arrived.'
- b. Lo vimos    *mantenerse*                  abierto hasta que llegó            María.  
it    saw-1.PL remain-SE                  open    until that arrived-3.SG María  
'We saw it remain open until María arrived.'

(5a) is ungrammatical, as \**Vimos seguir abierto el cajón*, 'We saw the drawer be still open', (in 3b). The reason is that the embedded process cannot be perceived. The embedded process consists of two states. One of these states is not asserted, but presupposed, and, consequently, it cannot be the object of non-epistemic perception.

The process denoted by the predicate headed by *mantener* consists of two identical asserted states. So in principle, they can be perceived. The ungrammaticality of sentences like \**Vimos mantenerse abierto el cajón*, 'We saw the drawer remain closed' (in 3b), is due to the fact that null transition processes do not involve changes of states. On the contrary, (5b) is grammatical for the same reason as (4), *Lo vimos estar abierto hasta que llegó María*, 'We saw it be open until María arrived', i.e. because the temporal sentence provides an external boundary. External boundaries introduce a new state. Remember that we are assuming that in direct perception contexts to see means to perceive a change of state (see Dretske 1969).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> There is another important difference between the pseudo-copulative verbs that explains the following (un)grammaticality judgements. Only *mantener* can be used whenever there is an entity responsible for the process:

In the next section we will pay attention to the behaviour of the auxiliary *seguir*, ‘to keep/to go on’, in the same contexts of non-epistemic perception. We are interested in sentences like (6a) and (6b). Observe that both are grammatical:

- (6) a. *Vimos seguir abriéndose solo el cajón muchos días (hasta saw-1.PL keep opening-SE by itself the drawer several days until que lo arreglaron definitivamente).*  
that it fixed-3.PL definitely  
‘We saw the drawer keep opening by itself for several days (until it was fixed definitely).’
- b. *Juan tiró levemente del cajón y todos lo vimos seguir abriéndose Juan pulled-3.SG gently of-the drawer and all it saw-1.PL go on opening-SE solo (hasta que su contenido quedó completamente al descubierto).*  
by itself until that its contents remained-3.SG completely to-the uncovered  
‘Juan pulled the drawer gently and we all saw it go on opening by itself (until its contents were completely uncovered).’

We will devote subsection 4.1 to examples like the one in (6a), and subsection 4.2 to examples like the one in (6b). The reason is that they illustrate different uses of the auxiliary.

#### 4. *Seguir* + gerundio in the contexts of non-epistemic perception

##### 4.1. *Seguir* as head of dynamic null transition processes

In the examples of Moreno Cabrera (2003), *seguir* is followed by adjectives, past participles, and prepositional phrases. The sentence (27) is the only exception:

- 
- (i) *La he visto mantener abierto el cajón.*  
her have-1.SG seen keep open the drawer  
‘I have seen her keep open the drawer’
- (ii) \**La he visto seguir abierto el cajón.*  
her have-1.SG seen continue [to be] open the drawer  
‘I have seen her be still open the drawer’

What is interesting in (i) is that there are not temporal expressions that introduce external boundaries. Carrasco Gutiérrez & González Rodríguez (2011) think that the process is bounded in sentences like (i) by the time of the control exerted by the entity denoted by *la*, ‘her’. The drawers are inanimate objects. Thus, they can remain open indefinitely. This indeterminacy with respect to the extension of the null transition process would also extend to the physic event of visual perception. This is the cause of the ungrammaticality of \**Vimos mantenerse cerrado el cajón*, ‘We saw the drawer remain closed’, (in 3b). On the contrary, the entity denoted by the pronoun *la*, ‘her’, is animate. Her will, her purpose or her strength will determine the extension of the control over the process. Consequently, both the null transition process and the perception event are implicitly bounded.

- (27) El tronco siguió rodando (gracias a la pendiente).  
 the trunk kept-3.SG rolling thanks to the slope  
 ‘The trunk kept rolling thanks to the slope.’  
 [Example (30b) in Moreno Cabrera (2003: 142).]

This sentence is an example of a *dynamic* null transition process. The dynamic null transition processes let act the dynamic tendency of the entities or counteract their static tendency. The example (27) has the second interpretation: “the trunk tendency to be at rest is counteracted by the slope, which makes it keep moving”, p. 142 (the translation is ours). The sentences of section 3 would be examples of *static* null transition processes. Their characteristic is the opposite: they let act the static tendency of the entities or counteract their dynamic tendency (see Talmy 2000).

Notice that the classification of *seguir rodando* as a null transition process should have to do with the presence in (27) of the same verb of the examples in section 3. But the question is whether (27) is really the same kind of example. In the examples of section 3, the past participles *abierto*, ‘open(ed)’, and *cerrado*, ‘closed’ represent the property that it is attributed to the same entity in two different temporal intervals. In (27) *seguir* is followed by a verb of way of displacement. *Rodar* denotes neither a property nor a location, but a process of change of place. In consequence, if following Moreno Cabrera (2003) we assume that *seguir* also connects two distinct temporal moments, we must say that the assertion of sentence (27) is that in two distinct temporal moments the trunk is involved in the same process of displacement. There would not be a change, what is the characteristic of a null transition process. However, *seguir* would not relate states.

The semantic structure of (28) is our attempt to apply this reasoning to the process of one of the examples in which we are interested, (6a):

- (28) El cajón siguió abriéndose solo muchos días hasta que lo arreglaron  
 the drawer kept-3.SG opening-SE by itself several days until that it fixed-3.PL  
 definitivamente.  
 definitely  
 ‘The drawer kept opening by itself for several days until it was fixed definitely.’  
 [ $P^0(i) \Rightarrow P^{1/10}(i) \Rightarrow P^{1/2}(i) \Rightarrow P^{9/10}(i) \Rightarrow P^1(i) \Rightarrow$  ]  $P^0(i) \Rightarrow P^{1/10}(i) \Rightarrow P^{1/2}(i) \Rightarrow P^{9/10}(i) \Rightarrow P^1(i)$

Observe that both to the left of the underlined symbol  $\Rightarrow$  and to its right there are the semantic structures corresponding to two non-null transition

processes. But note that those processes are identical. The null character of the transition would strictly derive from this fact. In other words, we can say that the transitions are not null at the level of the processes which are related, let us call them *microprocesses*. In spite of that, we can also say that *seguir* heads a predicate that denotes a null transition event at the level of the process constituted by the microprocesses, let us call it *macroprocess*.<sup>12</sup>

As in the examples in section 3, the microprocess to the left is not asserted, but presupposed. That is why it is represented within brackets. With respect to the microprocess to the right, the sentence assertion is that the drawer has been involved in it more than once. Recall that *abrir*, ‘to open’, denotes a non instantaneous event with an initial state, a final state, and a path. Thus, if the drawer has been involved in this process more than once, that means that more than once the drawer has gone from not being open to having at least the property represented by the first state in the attributive path. We will leave for future research the problem of how to give account of the iteration of the process in the semantic structure of (28).

Now, consider again the sentence (6a):

- (6) a. *Vimos seguir abriéndose solo el cajón muchos días (hasta que lo arreglaron definitivamente).*  
saw-1.PL keep opening-SE by itself the drawer several days (until it was fixed-3.PL definitely)  
‘We saw the drawer keep opening by itself for several days (until it was fixed definitely).’

To our view, (6a) is an example of perception of a dynamic null transition process. We propose that in (6a) the objects of perception are the microprocesses. The subeventive structure of these microprocesses is constituted by states related by non-null relations. There are changes of states, and thus the lexical requirement that the perception verb imposes to its complement is satisfied. As we know, the perceived microprocesses constitute a null transition macroprocess with the presupposed one. Nevertheless, the grammaticality of (6a) demonstrates that this fact is absolutely compatible with the lexical requirement imposed by *ver*, ‘to see’.

---

<sup>12</sup> See Bertinetto (1994) for the original concepts of *macro* and *microevent*.

We will finish this paper with an explanation of the grammaticality of (6b) in the next section.

#### 4.2. *Seguir* as head of non-null transition processes

Compare the example (28) above with the example (29). In (29) the drawer is involved in the non instantaneous process denoted by *siguió abriéndose* just once:

- (29) (Primero Juan empujó levemente el cajón, pero después) el cajón *siguió abriéndose solo hasta que todo su contenido quedó al descubierto.*  
First Juan pulled-3.SG gently the drawer but after the drawer went-3.SG on opening-SE by itself until that all its contents remained-3.SG to-the uncovered  
'First Juan pulled the drawer gently, but later the drawer went on opening by itself until its contents were completely uncovered.'

In the examples with static null transition processes *seguir* connects states. In the examples with dynamic null transition processes *seguir* connects microprocesses. The question to which we will try to answer in this section is what is the function of *seguir* in (29). Our proposal is that the auxiliary verb heads a predicate that denotes a non-null transition process.

In (29) it is asserted that the drawer was involved in an initial part of the process of going from having the property of not being open to having at least the property of being barely open. The initial part of the process is presupposed. In other words, in order the drawer to go on opening it should happen that in a time anterior to the time of the sentence the drawer has already gone from not being open to being at least barely open.

The semantic structure of (30) reflects this interpretation. Observe that *seguir* relates distinct phases or parts of the same process:<sup>13</sup>

- (30)  $[P^0(i) \Rightarrow P^{1/10}(i) \Rightarrow \dots, \cong ] \dots, \Rightarrow P^{9/10} \Rightarrow P^1$

<sup>13</sup> We have the same interpretation in (i). Properly, there are no parts or phases because *correr*, 'to run', does not denote a process with initial and final states. Consequently, the intermediate states of the path are not ordered. The sentence (ii) would be the equivalent to (28). We must investigate further into this matter:

- (i) Después de cruzarnos, él *siguió corriendo* dos horas.  
after of to cross-US he kept-3.SG. running two hours  
'After we crossed each other on the way, he kept running for two hours.'  
(ii) A pesar del diagnóstico, él *siguió corriendo* muchos años.  
in spite of-the diagnosis, he kept-3.SG running several years  
'In spite of the diagnosis, he kept running for several years.'

To the left of the underlined symbol  $\Rightarrow$ , we find the presupposed part of the process. The asserted part is to the right. It is an intermediate part. The process can reach the final state depending on the context, as in (29).

With this semantic structure in mind, we can, finally, explain the grammaticality of (6b):

- (6) b. Juan tiró levemente del cajón y todos lo vimos seguir abriéndose  
Juan pulled-3.SG gently of-the drawer and all it saw-1.PL go on opening-SE  
solo (hasta que su contenido quedó completamente al descubierto).  
by itself until that its contents remained-3.SG completely to-the uncovered  
'Juan pulled the drawer gently and we all saw it go on opening by itself  
(until its contents were completely uncovered).'

Our conclusion is that what we have in the embedded sentence of (6b) is neither a dynamic nor a static null transition process. It is a non instantaneous process of change in just one occasion of the property of not being open to the property of being open. In consequence, the grammaticality of (6b) is not an exception. It is comparable to the grammaticality of (3a), *Vimos {abrirse/cerrarse} el cajón*, 'we saw the drawer open/close'. There is only one difference: due to the presence of *seguir* we must understand that what is perceived is just one part of the process of change of state.

## 5. Conclusions

Our goal in this paper has been to answer two questions related to the conditions to embed infinitive clauses headed by *seguir* and *mantener* to the Spanish perception verb *ver*.

Firstly, we have maintained that the null transition process denoted by the predicate headed by the pseudo-copulative *mantener* behaves as a state. It can be embedded to *ver* whenever it is modified by temporal expressions that introduce external boundaries. On the contrary, the null transition process denoted by the predicate headed by the pseudo-copulative *seguir* cannot be embedded to *ver*, no matter if it is modified by temporal expressions that introduce external boundaries or not. This is due to its complex nature. *Seguir* connects properties or locations that are asserted with identical properties or locations that are presupposed. The presupposed properties or locations cannot be the object of non-epistemic perception.

Secondly, we have proposed three different semantic structures for the events denoted by the predicates headed by *seguir*: *static* null transitions processes (see Table I, *El cajón sigue abierto*, ‘the drawer is still open’), *dynamic* null transitions processes (see 28, *El cajón siguió abriéndose solo aún muchos días hasta que lo arreglaron definitivamente*, ‘the drawer kept opening by itself for several days until it was fixed definitely’), and *non-null* transition processes (see 29, *(Primero Juan empujó levemente el cajón, pero después) el cajón siguió abriéndose solo hasta que todo su contenido quedó al descubierto*, ‘first Juan pulled the drawer gently, but later the drawer went on opening by itself until its contents were completely uncovered’). Only the static null transition processes headed by the pseudo-copulative verb are excluded from the contexts of non-epistemic or direct perception. They are not excluded neither the dynamic null transition processes nor the non-null transition ones. In both cases the states that constitute their subeventive structure are not identical, i.e. there are changes of properties or locations. That is the lexical requirement that infinitival complement of visual perception verbs must satisfy.

## REFERENCES

- Akmajian, A. 1977. The complement structure of perception verbs in an autonomous syntax framework. In: P. W. Culicover, T. Wasow & A. Akmajian (Eds.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 427-460.
- Arteax, I. 2012. Perception verb complements in Basque. In: Urtzi Etxeberria, R. E. & M. Uribe-Etxeberria (Eds.). *Noun phrases and nominalization in Basque: Syntax and Semantics*. Amsterdam: John Benjamins, 397-435.
- Asher, N. M. & Bonevac, D. 1985. How extensional is extensional perception. *Linguistics and Philosophy*. 2: 203-228.
- Barwise, J. 1981. Scenes and other situations. *Journal of Philosophy*. 78(7): 369-397.
- Barwise, J. & Perry, J. 1999 [1983]. *Situations and attitudes*. Stanford: CSLI Publications.
- Bertinetto, P. M. 1994. Le perifrasi abituali in italiano ed in inglese. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*. 8: 32-41. [Also in: 1994/1995. *Studi Orientali e Linguistici*. 6: 117-133; and in: 1997. *Il dominio tempo-aspettuale. Demarcazioni, intersezioni, contrasti*. Torino: Rosenberg & Sellier, chapter 9.]
- Boivin, M.-C. 1998. Complementation and interpretation: The concrete and imaginative readings of ‘visual’ perception verbs. In: U. Sauerland & O. Percus (Eds.). *The interpretative tract: MIT Working Papers in Linguistics*. 25: 103-123.
- Borgonovo, C. 1996. Gerunds and perception verbs. *Langues et Linguistique*. 22: 1-19.

- Carrasco Gutiérrez, Á. 2011. La percepción de estados. In: M. V. Escandell Vidal, M. Leonetti & C. Sánchez López (Eds.). *60 problemas de gramática del español dedicados a Ignacio Bosque*. Madrid: Akal, 198-204.
- Carrasco Gutiérrez, Á. & González Rodríguez, R. 2011. La percepción visual de estados. In: Á. Carrasco Gutiérrez (Ed.). *Sobre estados y estatividad*. München: Lincom Europa, 158-188.
- Cipria, A. B. 2002. Tensed complements of perception verbs: Issues in their temporal interpretation. In: J. Gutiérrez-Rexach (Ed.). *From words to discourse. Trends in Spanish Semantics and Pragmatics*. Oxford: Elsevier, 37-60.
- Cipria, A. B. 2003. Spanish perception verbs and sequence of tenses: Aktionsart effects. In: R. Núñez-Cedeño, L. López & R. Cameron (Eds.). *A Romance perspective on language knowledge and use. Selected papers from the 31<sup>st</sup> Linguistic Symposium on Romance Language (LSRL), Chicago, 19-22 april 2001*. Amsterdam: John Benjamins, 253-272.
- Di Tullio, Á. 1998. Complementos no flexivos de verbos de percepción física en español. *Verba*. 25: 197-221.
- Dik, S. & Hengeveld, K. 1991. The hierarchical structure of the clause and the typology of the perception-verb complements. *Linguistics*. 29: 231-259.
- Dowty, D. 1979. *Word meaning and Montague grammar. The semantics of verbs and times in Generative Semantics and Montague's PTQ*. Dordrecht: Reidel.
- Dretske, F. 1969. *Seeing and knowing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Engels, R. 2007. *Les modalités de perception visuelles et auditives. Différences conceptuelles et répercussions sémantico-syntaxiques en espagnol et en français*. Tübingen: Niemeyer.
- Felser, C. 1999. *Verbal complement clauses. A Minimalist study of direct perception construction*. Amsterdam, John Benjamins.
- García Fernández, L. 2000. *La gramática de los complementos temporales*. Madrid: Visor.
- Garrido, J. 1991. Gestión semántica de la información pragmática en los adverbios de cambio todavía y ya. *Foro Hispánico: Revista Hispánica de Flandes y Holanda*. 2: 11-27.
- Garrido, J. 1993. Operadores epistémicos y conectores textuales. In: H. Haverkate, K. Hengeveld & G. Mulder (Eds.). *Aproximaciones pragmatolingüísticas al español*. Amsterdam: Rodopi, 5-50.
- Gisborne, N. 2010. *The event structure of perception verbs*. Oxford: Oxford University Press.
- Guasti, M. T. 1993. *Causative and perception verbs. A Comparative study*. Torino: Rosenberg & Sellier.
- Higginbotham, J. 1999. Perceptual reports revisited. In: K. Murasugi & R. Stainton (Eds.). *Philosophy and Linguistics*. Boulder, Colorado: Westview Press, 11-33.
- Hornstein, N., Martins, A. M. & Nunes, J. 2006. Infinitival complements of perception and causative verbs: A case study on agreement and intervention effects in English and European Portuguese. *University of Maryland Working Papers in Linguistics*. 12: 81-110.
- Jackendoff, R. 1972. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Jackendoff, R. 1990. *Semantic structures*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kirsner, R. S. & Thompson, S. A. 1976. The role of pragmatic inference in semantics: a study of sensory verb complements in English. *Glossa*. 10: 200-240.
- Levin, B. & Rappaport, M. 1995. *Unaccusativity: At the Syntax-lexical Semantics interface*. Cambridge, MA: The MIT Press.

- Mateu Fontanals, J. 1997. *On relational semantics: A semantic theory of argument structure*. Barcelona: Autonomous University of Barcelona PhD Dissertation.
- McCawley, J. D. 1976 [1968]. Lexical insertion in Transformational Grammar without deep structure. In: *Grammar and meaning. Papers on semantic and syntactic topics*. New York: Academic Press, 156-166.
- Miller, P. & Lowrey, B. 2003. La complémentation des verbes de perception en français et en anglais. In: P. Miller & A. Zribi-Hertz (Eds.). *Essais sur la grammaire comparée du français et de l'anglais*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 131-188.
- Mittwoch, A. 1990. On the distribution of bare infinitive complements in English. *Journal of Linguistics*. 20: 103-131.
- Moreno Cabrera, J. C. 2003. *Semántica y gramática. Sucesos, papeles semánticos y relaciones sintácticas*. Madrid: Antonio Machado Libros.
- Moreno Cabrera, J. C. 2011. La aspectualidad fásica de los estados resultativos desde el punto de vista de la Semántica Relacional de Sucesos (SRS). In: Á. Carrasco Gutiérrez (Ed.). *Sobre estados y estatividad*. München: Lincom Europa, 8-25.
- Morimoto, Y. & P. Lucero, María Victoria. 2007. *Los verbos pseudocopulativos del español*. Madrid: Arco Libros.
- Muller, C. 1975. Remarques syntactico-sémantiques sur certes adverbes de temps. *Le Français Moderne*. 43(1): 12-38.
- Pustejovsky, J. 1991. The syntax of event structure. *Cognition*. 41: 47-81. [Also in: 2005. M. Inderjeet, J. Pustejovsky & R. Gaizauskas (Eds.). *The language of Time. A reader*. Oxford: Oxford University Press, 33-60.]
- Pustejovsky, J. 2000. Events and the semantics of opposition. In C. L. Tenny & J. Pustejovsky (Eds.). *Events as grammatical objects. The converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: CSLI Publications, 445-483.
- Rizzi, L. 2000. *Direct perception, government and thematic sharing. Comparative syntax and linguistic acquisition*. London: Routledge, Part II, 8, 189-210.
- Rodríguez Espiñeira, M. J. 2000. Percepción directa e indirecta en español. Diferencias semánticas y formales. *Verba*. 27: 33-85.
- Safir, K. 1993. Perception, selection, and structural economy. *Natural Language Semantics*. 2: 47-70.
- Santos, D. 1998. Perception verbs in English and Portuguese. In: S. Johansson & S. Oksefjell (Eds.). *Corpora and cross-linguistic research: Theory, method, and case studies*. Amsterdam: Rodopi, 319-342.
- Suñer, M. 1978. Perception verb complements in Spanish: same or different?. *Canadian Journal of Linguistics*. 23: 107-127.
- Talmy, L. 2000. Force Dynamics in language and cognition. In: *Towards a cognitive semantics. Volume I: Concept structuring systems*. Cambridge: The MIT Press, 409-470.
- van Valin, R. D. & LaPolla, R. J. 1997. *Syntax: Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Vendler, Z. 1957. Verbs and times. *Philosophical Review*. 66(2): 143-160. [Also in Vendler, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Itaca, NY: Cornwell University Press, 97-121.]
- Willems, D. 1983. Regarde 'voir': Les verbes de perception visuelle et la complémentation verbale". In E. Roegiest & L. Tasmowski (Eds.). *Verbe et phrase dans les langues Romanes. Mélanges offerts à Louis Mourin*. Gent: Rijksuniversiteit Gent, 147-158.
- Wright, G. H. von. 1979 [1963]. *Norma y Acción. Una investigación lógica*. Madrid: Tecnos.

# A princesa ficou \*adormir ou a dormir? Dados sobre a consciência da unidade *palavra* em Português Europeu\*

Catarina Afonso  
catarina.m.afonso@gmail.com  
Anabela Gonçalves  
a.goncalves@letras.ulisboa.pt  
Maria João Freitas  
joaofreitas@letras.ulisboa.pt  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal)  
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

**ABSTRACT:** The current study describes the performance of Portuguese children when faced with an evaluation task concerning their awareness of the *word* unit. Different SVO sentences were presented to Portuguese children from three different groups (1<sup>st</sup> graders; 3<sup>rd</sup> graders at the onset of the academic year; 3<sup>rd</sup> graders at the end of the academic year); the subjects' ability to isolate nouns, verbs, determiners (stressed, unstressed) and prepositions was tested in a sentence segmentation task. The results revealed low levels of success in the 1<sup>st</sup> graders and an increase of success rates in the 3<sup>rd</sup> graders, showing that awareness of the *word* unit is not early mastered. Moreover, a positive effect of explicit knowledge in the performance of the sentence segmentation task was not attested. The data discussion was performed on the basis of the impact of prosodic and syntactic effects in the subjects' behavior.

**KEY-WORDS:** Linguistic awareness, lexical awareness, word, sentence segmentation

**RESUMO:** O presente trabalho descreve o desempenho de crianças portuguesas numa tarefa de avaliação de consciência da unidade *palavra*. Participaram na tarefa, que incluía frases com ordem SVO, crianças de três grupos (1.º ano; 3.º ano, no início do ano letivo; 3.º ano, no final do ano letivo). A capacidade de os sujeitos identificarem nomes, verbos, determinantes (tónicos e átonos) e preposições foi testada através de uma tarefa de segmentação. Os resultados revelaram taxas de sucesso baixas no 1.º ano, com uma subida das mesmas no 3.º ano, o que mostra que a estabilização da consciência da unidade *palavra* não é precoce. Para além disso, não se atestou um efeito positivo do conhecimento explícito no desempenho da tarefa de identificação de palavras em contexto frásico. A discussão dos dados teve como objetivo avaliar o impacto de efeitos sintáticos e prosódicos no desempenho dos sujeitos na realização da tarefa.

**PALAVRAS-CHAVE:** consciência linguística, consciência lexical, palavra, segmentação frásica

---

\* Este trabalho foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI0214/2013, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia; os dados foram recolhidos e tratados no contexto da implementação do projeto de doutoramento de Afonso (*em prep.*).

## 1. Introdução

Vários estudos sobre as produções escritas infantis à entrada na escola têm revelado dificuldades na identificação da unidade *palavra*, atribuídas, pelos vários autores, quer à complexidade deste constituinte linguístico, que implica o processamento de vários tipos de informação linguística, quer à natureza do discurso oral, no qual as palavras surgem num *continuum*, muitas vezes sem a produção de pistas prosódicas que sistematicamente as delimitem. Estas dificuldades revelam-se, na maior parte dos casos, sob a forma de hipossegmentações ou de hipersegmentações das palavras na escrita, frequentemente interpretadas como o reflexo do processamento de propriedades prosódicas das línguas (entre outros, Abaurre, 1991; Ferreiro, et al. 1996; Tolchinsky & Teberosky, 1997; Kolinsky, 1998; Kato, 2001; Chacon, 2004; Tenani, 2004; Cunha, 2012).

Os estudos sobre o desenvolvimento da consciência linguística (CL) na infância têm-se também debruçado sobre a unidade *palavra*, disponibilizando resultados relativos à capacidade de identificação e manipulação desta unidade em diferentes tipos de tarefas formais. A complexidade linguística associada a esta unidade leva a que vários destes estudos se filiem na área da avaliação da Consciência de Palavra (CP), entendendo-se a palavra como o domínio de ativação de regras fonológicas, enquanto outros se enquadram na área da Consciência Lexical (CLex), avaliando propriedades de diferentes naturezas gramaticais associadas a esta unidade. A CP é, assim, normalmente considerada um tipo de Consciência Fonológica (CF), que inclui a avaliação de quatro unidades: *palavra*, *sílaba*, *constituinte silábico* e *segmento* (este último comumente designado na literatura sobre CF como *fonema*). A CLex, por envolver diferentes aspetos do conhecimento linguístico codificados na palavra, é referida como um tipo de Consciência Linguística (CL) (entre outros, Tunmer, Bowey & Grieve, 1983; Bialystok, 1986; Roazzi & Carvalho, 1995; Barrera & Maluf, 2003; Duarte, 2008).

Vários trabalhos assumem que a ordem crescente de desenvolvimento da consciência dos vários constituintes avaliados nos trabalhos sobre CF é a que a seguir se explicita: *palavra* > > *sílaba* > > *constituintes silábicos* > > *segmentos* (entre outros, Adam, 1990; Anthony & Lonigan, 2004). No entanto, alguns autores questionam esta ordem, relatando, entre outros aspetos, a estabilização tardia da CP (entre outros, Tunmer et al., 1984; Chaney, 1989; Rios,

2009; Cardoso, 2011; Afonso, Gonçalves & Freitas 2013). Investigação adicional é ainda necessária no sentido de identificar não só a ordem de disponibilização da consciência destes quatro constituintes no percurso de desenvolvimento cognitivo infantil como as faixas etárias associadas a diferentes etapas desse desenvolvimento gradual.

No caso específico da unidade *palavra*, vários autores imputam a emergência tardia da CP ao papel da aprendizagem da leitura e da escrita neste processo, decorrente do contacto com um sistema de representação escrita que isola estas unidades através de espaços em branco (entre outros, Chaney, 1989; Ferreira *et al.* 1996; Bassetti, 2005). Assim, e ao contrário da *sílaba*, extensamente documentada na literatura como sendo de fácil identificação por crianças em fase pré-escolar, a *palavra* não surge, nestes estudos, como um constituinte intuitivamente identificável em estádios precoces de manifestação da CF mas como o produto da literacia. É, no entanto, inesperado que apenas a aprendizagem da leitura e da escrita desempenhe um papel na emergência da CP: por um lado, os primeiros enunciados das crianças são constituídos por uma palavra, sendo esta uma unidade precocemente processada durante a aquisição; por outro lado, as crianças processam diferentes combinações de palavras no domínio da frase, tanto na perceção como na produção de enunciados da sua língua. Estes aspetos poderiam funcionar como desencadeadores de uma consciência precoce da unidade *palavra*. A confirmar-se a tendência para uma não identificação precoce da unidade *palavra* em tarefas de CP ou de CLex, tal mostrará que nem sempre existe paralelismo entre os factos observados na aquisição da linguagem e os decorrentes de tarefas de CL, apontando para a natureza cognitivamente distinta das duas tarefas de processamento linguístico (para a observação de evidência empírica em direções opostas, e a presença ou ausência de isomorfismo entre aquisição da linguagem e consciência linguística, consulte-se Afonso, 2008; Alves, Faria & Freitas, 2010; Alves, 2012; Vicente, *em prep.*).

Um outro assunto relativo à ordem de desenvolvimento dos vários tipos de CF, bem como ao de outros tipos de CL, é o da distinção entre momento de emergência e momento de estabilização, tópico que carece de investigação suplementar. Muitos estudos sobre CF avaliam amostras entre os 4 e os 7 anos de idade (Karpova, 1955; Holden & MacGinitie, 1972; Fox & Routh, 1975;

Tunmer, Bowey e Grieve, 1983; Bialystok, 1986; Chaney, 1989; Rios, 2009; Cardoso, 2011; Antunes, 2013), não havendo muita informação disponível sobre faixas etárias posteriores (Sim-Sim, 1998; Castelo, 2102; Afonso, Gonçalves & Freitas 2013). Dada a complexidade linguística da unidade *palavra* e a necessidade de identificar as faixas etárias relevantes para a avaliação da CP, Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) observaram, num estudo piloto que precede o aqui apresentado, quatro grupos de crianças, nos seguintes níveis de ensino (5 crianças por grupo): pré-escolar (média etária: 5;6); 1.º ano do 1.º Ciclo (média etária: 6;5); 3.º ano do 1.º Ciclo (média etária: 8;3); 4.º ano do 1.º Ciclo (média etária: 9;5). Os dados obtidos foram confrontados com os de um grupo de controlo de adultos. Os resultados globais para a *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico* utilizada mostraram: (i) taxas médias de sucesso abaixo dos 50% nas crianças do pré-escolar e do 1.º ano (respetivamente, 18% e 37%); (ii) uma taxa média de sucesso de 67% nas do 3.º ano; (iii) uma taxa média de sucesso próxima da dos adultos nas do 4.º ano (respetivamente, 97% e 91%). O baixo sucesso no pré-escolar e no 1.º ano, por um lado, e o elevado sucesso no 4.º ano, por outro, levaram-nos a prosseguir, no presente estudo, apenas com a observação de grupos de crianças nos 1.º e 3.º anos de escolaridade. Note-se que o insucesso no desempenho de tarefas de CP no pré-escolar relatado em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) vai ao encontro do registado em vários trabalhos (entre outros, Holden & MacGinitie, 1972; Fox & Routh, 1975; Bialystok, 1986; Rios, 2009; Antunes, 2013), questionando-se, assim, a ordem de desenvolvimento da CF comumente referida na literatura sobre CF e acima citada (*palavra* > > *sílaba* > > *constituintes silábicos* > > *segmentos*).

Os estudos sobre a consciência da unidade *palavra* referem sistematicamente dois aspetos linguísticos que podem ter impacto na identificação deste constituinte: a sua natureza prosódica (natureza tónica ou átona); a classe morfosintática a que a palavra pertence (Karpova, 1955; Tunmer, Bowey & Grieve, 1983; Chaney, 1989; Barrera e Maluf, 2003; Cardoso, 2011; Antunes, 2013). Os resultados são, no entanto, díspares; a título ilustrativo: alguns autores referem a importância do contraste tónico/átono (Cardoso, 2011; Antunes, 2013); outros mencionam o efeito do contraste lexical/funcional (Holden & MacGinitie, 1972); outros referem o efeito da extensão de palavra (Bialystok, 1986); outros ainda relatam a maior facili-

dade na identificação de algumas categorias morfossintáticas – substantivos (Karpova, 1955) e preposições (Barrera & Maluf, 2003 -, mas o oposto é registado em Rios, 2009).

No presente estudo, trabalharemos com a variável *classe de palavra*, testando aspetos de natureza sintática, e com a variável *acento de palavra*, testando aspetos de natureza fonológica.<sup>1</sup> A partir da inserção de palavras de diferentes classes na prova aplicada (*determinantes, nomes, verbos e preposições*), avaliaremos o contraste prosódico presente em unidades portadoras de acento de palavra (*determinantes tónicos, nomes e verbos*) e unidades não portadoras de acento de palavra (*determinantes átonos e preposições*). O presente trabalho dá, assim, continuidade ao exposto em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), aplicando-se o mesmo desenho experimental a uma amostra mais alargada.

Tendo em conta o debate sobre o momento de estabilização da capacidade de identificação da unidade *palavra* e sobre as propriedades linguísticas que condicionam o sucesso na sua delimitação em contexto frásico, retomamos, no presente estudo, as duas questões gerais de investigação formuladas em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013):

1. Tarefas que envolvam a consciência da unidade *palavra* são facilmente executáveis?
2. A identificação de palavras na frase recruta exclusivamente conhecimento fonológico ou remete para outros tipos de conhecimento linguístico?

Em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), a descida de algumas taxas de sucesso do pré-escolar para o 1.º ano foi interpretada como produto da maior estimulação da consciência linguística à entrada na escola, identificando-se, assim, um efeito de literacia. Tratar-se-ia de um retrocesso no desempenho linguístico infantil, que indicaria uma reorganização do conhecimento linguístico, por exposição a mais informação de natureza linguística, inerente ao processo de desenvolvimento linguístico, à imagem do que sucede em alguns casos de *U-shaped development* (Bowerman, 1982). No mesmo estudo, identificou-se, no 3.º ano, a despromoção do efeito prosódico e

---

<sup>1</sup> Neste estudo, assumimos o conceito tradicional de palavra, que distingue palavras lexicais de palavras gramaticais/funcionais.

a promoção do efeito sintático no desempenho da *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico*, o que poderia decorrer do trabalho sobre classes de palavras, no domínio do conhecimento explícito, já realizado com as crianças do 3.º ano então testadas. No presente estudo, decidimos avaliar este potencial *efeito de conhecimento explícito*, colocando uma terceira questão geral de investigação, integrada no contexto da exploração de potenciais relações entre desenvolvimento da consciência linguística e explicitação de conhecimento linguístico:

3. Qual o impacto do trabalho sobre o conhecimento explícito na promoção da consciência da linguística?

Em conclusão, o objetivo central do presente trabalho não é o de estabelecer normas para a população portuguesa no que diz respeito à avaliação da consciência da unidade *palavra*, mas antes refletir sobre variáveis linguísticas a ter em consideração na construção de instrumentos que visem a avaliação e a estimulação desta unidade, tanto em contexto clínico como educacional.

## 2. Metodologia

Nesta secção, apresentam-se os aspetos metodológicos relativos ao presente estudo: (i) seleção e caracterização da amostra; (ii) construção dos estímulos linguísticos usados na tarefa aplicada (*tarefa de identificação de palavras em contexto frásico*); (iii) procedimentos de aplicação da tarefa; (iv) tratamento dos dados.

### 2.1. Seleção e caracterização da amostra

A *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico* foi aplicada a três grupos de estudo. O primeiro integra crianças a frequentar o 1.º ano, o segundo inclui crianças a frequentar o primeiro período do 3.º ano e o terceiro grupo integra crianças a frequentar o terceiro período do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Externato Flor do Campo (Ramada), perfazendo um total de 64 crianças. As crianças selecionadas não têm diagnóstico de alteração do desenvolvimento linguístico, tendo sido recrutadas num estabelecimento de ensino no qual a primeira autora do presente trabalho desempenha funções como terapeuta da fala.

A opção pela observação de crianças à entrada e à saída do 3º ano do 1º Ciclo decorre da necessidade de testar o *efeito de conhecimento explícito* resultante da explicitação de conhecimento sobre classes de palavras no desempenho da tarefa em foco. Esta opção metodológica visa dar resposta à terceira questão de investigação colocada. Na Tabela 1, é apresentada a análise descritiva da amostra selecionada.

TABELA 1 – Distribuição da amostra de acordo com a *idade* e com o *género*.

Grupo	Nº de crianças	Média de Idades	Género
Crianças 1.º ano	22	6;02	6F / 16M
Crianças 3.º ano_ início	15	7;08	6F / 9M
Crianças 3.º ano_ fim	27	8;04	9F / 18M

Para a constituição dos vários grupos de crianças, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão:

- (i) serem falantes monolíngues de Português europeu (doravante, PE);
- (ii) não terem perturbações da linguagem, cognitivas ou motoras que prejudicassem a realização da tarefa;
- (iii) frequentarem o 1.º Ciclo do Ensino Básico;
- (iv) não beneficiarem de apoio em Terapia da Fala ou de apoio educativo.

## 2.2. Estímulos linguísticos

Considerando fundamental que os estudos que avaliam a consciência linguística tenham na base estímulos linguisticamente controlados, procedeu-se à construção de um instrumento que contemplasse as variáveis linguísticas a analisar (cf. Tabela 2, abaixo). Neste sentido, estabeleceu-se um conjunto de critérios para a seleção dos estímulos, de modo a que não haja interferência de estruturas linguísticas complexas nos desempenhos das crianças na *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico*:

- Uso preferencial de nomes (N) dissilábicos ou trissilábicos paroxítonos, por serem os mais frequentes nos enunciados das crianças – cf. Freitas, 1997; Vigário, Freitas & Frota, 2006 – assumindo-se, assim, uma maior facilidade no seu processamento.

- Uso de formas verbais, preferencialmente dissílabos paroxítonos, no presente do indicativo (ou no pretérito perfeito, quando foi necessário evitar fenómenos de sândi externo entre vogais), por serem estes os primeiros tempos verbais nos enunciados infantis (Gonçalves, 2004).
- Uso de verbos (V) transitivos de tema em /a/, sempre que possível, por ser este o paradigma mais produtivo em PE (Villalva, 2000).
- Uso do determinante (Det) átono com o formato de artigo definido feminino /a/, por ser este menos afetado do que o formato masculino por processos de alteração da qualidade vocálica em contexto de sândi externo.
- Uso do determinante tónico *esta*, dada a sua frequência no léxico infantil (Freitas, 1997).
- Uso das preposições (Prep) átonas *para*, *de*, *em* e *a* (preposição plena e marcador aspetual em contexto de verbos semiauxiliares), por serem as mais frequentes no léxico infantil (Freitas, 1997; Santos et al., 2014).
- Uso de frases com o formato SVO, por ser esta a ordem básica dos constituintes sintáticos em PE.

As variáveis controladas na seleção dos estímulos que integram a tarefa aplicada encontram-se listadas na Tabela 2.

TABELA 2 – Definição das variáveis de controlo na seleção dos estímulos da *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico*<sup>2</sup>.

Variáveis Controladas	Exemplos
<i>Classe de palavras</i>	
N, V, Det, Prep	
<i>Função sintática e estrutura interna</i>	
SN-OD sem determinante ( <i>bare nouns</i> )	A menina toma [Ø xarope].
SN-OD com determinante átono	A fada beijou [as princesas].
SN-OD com determinante tónico	A tia fechou [estas portas].
SN-SU sem determinante	[Ø Coelho] comem cenouras.
SN-SU com determinante átono	[As pombas] comem milho.
SN-SU com determinante tónico	[Estas pessoas] contam histórias.
SP-COMPL, introduzidos por <i>para</i> , <i>de</i> , <i>em</i> e <i>a</i>	A gata vai [para casa]. A rainha gosta [de jogos]. A princesa pensou [em gelados]. A fada chegou [a casa]. A princesa ficou [a dormir].

<sup>2</sup> OD = objeto direto; SU = sujeito; COMPL = complemento. A variável 'função sintática' inerente à estrutura do instrumento não é trabalhada neste artigo, deixando-se o seu tratamento para trabalho futuro.

Com base nos critérios mencionados anteriormente, foram construídas 34 frases, nas quais se manipularam as variáveis listadas no Tabela 2. As frases foram apresentadas sob a forma de estímulo áudio, para o que se utilizou o gravador MARANTZ<sup>3</sup>. Depois de concluídas as gravações, os estímulos foram avaliados por um grupo de peritos, especialistas em sintaxe e/ou em aquisição, alguns com experiência na área da intervenção com a população infantil. Cada um dos elementos de um painel de 4 peritos designado para o efeito<sup>4</sup> ouviu as frases de forma isolada e preencheu uma folha de registo, na qual lhe era perguntado *Considera as frases naturais para uma população infantil?* Caso não considerassem a frase natural, deveriam especificar o problema detetado, preenchendo a coluna das observações. As frases foram regravadas tendo em conta os comentários dos peritos.

### 2.3. Procedimentos de aplicação

A tarefa foi aplicada aos grupos em estudo no decorrer dos meses de abril a novembro de 2013.

Para a aplicação da tarefa, pediu-se à professora que entregasse aos encarregados de educação um pedido de autorização de forma a serem identificadas as crianças disponíveis para a realização do presente estudo. Conduziu-se, individualmente, cada criança para uma sala isolada, tendo-a sentado de frente para o computador e ao lado do investigador. Em cima da mesa, estava colocada uma câmara de filmar, de forma a registar os movimentos dos dedos das crianças e as suas produções verbais. Cada criança foi informada de que a câmara de filmar estava a gravar as suas respostas, para que não se distraísse com a presença da mesma. Foi elaborada uma folha de registo, tendo-se dito a cada criança que o investigador iria registar as suas respostas.

Para a aplicação da tarefa, utilizou-se o programa *E-prime 2.0* (Schneider, Eschman & Zuccolotto, 2007), que permite manipular, em simultâneo, estímulos visuais, auditivos e gráficos. Na aplicação da tarefa de segmentação da frase em palavras, e tendo em consideração o número de itens (34 frases), optou-se por subdividir aleatoriamente a tarefa em duas aplicações para o grupo do 1º ano, cada uma com 17 frases. Em ambas as aplicações

<sup>3</sup> Formato Stereo; PCM-24, 24 bit; 96kHz.

<sup>4</sup> O painel de peritos foi constituído por 4 especialistas: 2 linguistas e 2 terapeutas da fala.

foram utilizados três itens de treino: 1– *As meninas gostam de chupas.* / 2 – *Patos comem pão.* / 3 – *Os meninos bebem sumo.* Explicou-se aos sujeitos que iriam ouvir cada frase duas vezes, solicitando-se que a dividissem em palavras, instrução também usada na aplicação do teste.

A tarefa tinha início com um *slide* com o sinal de adição no ecrã do computador, para que a criança se preparasse para a realização da tarefa. Surgia, em seguida, uma imagem do sol e, passados 0,3 segundos, a criança ouvia a frase-estímulo duas vezes; terminada a apresentação do estímulo auditivo, a imagem do sol desaparecia do ecrã, após o que a criança começava a segmentar a frase ouvida. Por cada palavra identificada, a criança deveria carregar na tecla Y (com a imagem do Nemo), aparecendo um traço horizontal preto no limite inferior do ecrã por cada palavra identificada; o objetivo era o de que criança tivesse *feedback* visual da sua decisão. Assim que a criança terminava a tarefa executada sobre a frase ouvida, aparecia novamente no ecrã o sinal de adição.

#### 2.4. Tratamento dos dados

Para a análise dos resultados, utilizou-se o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 17.0*, tendo-se efetuado uma análise de caráter mais descritivo, análise de frequências por classe de palavra, e uma análise inferencial, a qual permitiu analisar a relação existente entre as diferentes variáveis.

### 3. Resultados

Nesta secção, serão descritos os resultados relativos à aplicação da *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico* aos três grupos de sujeitos testados. Começaremos por apresentar os resultados globais relativos ao sucesso no desempenho da tarefa por cada um dos grupos avaliados (Figura 1).

Os resultados registados na Figura 1 revelam valores de sucesso para o 1.º ano (41%) semelhantes aos já registados em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) para o mesmo ano (36,5%). A taxa de sucesso sobe significativamente no início do 3.º ano (82%), mesmo antes da exploração, em aula, de conteúdos relativos a conhecimento explícito sobre classes de palavras ( $\text{sig}=0,000$ ). Em termos absolutos, verifica-se uma descida não significativa na taxa de sucesso no final do 3.º ano (78%), que ocorre após

o tratamento explícito de classes de palavras em contexto letivo ( $\text{sig}=0,374$ ). Ambos os valores são mais altos do que o registado (67%), para este ano de escolaridade, em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), um contexto em que as crianças testadas se encontravam no final do ano letivo, tendo já desenvolvido trabalho sobre o conhecimento explícito de classes de palavras.

Dado que é frequentemente referido, na literatura sobre consciência de palavra, o efeito da propriedade prosódica *acento de palavra* na identificação desta unidade linguística, começámos por observar a taxa de sucesso registada para os determinantes, uma vez que, no desenho experimental adotado, esta é a única classe que inclui o contraste tónico/átono. Os resultados obtidos encontram-se no Figura 2.

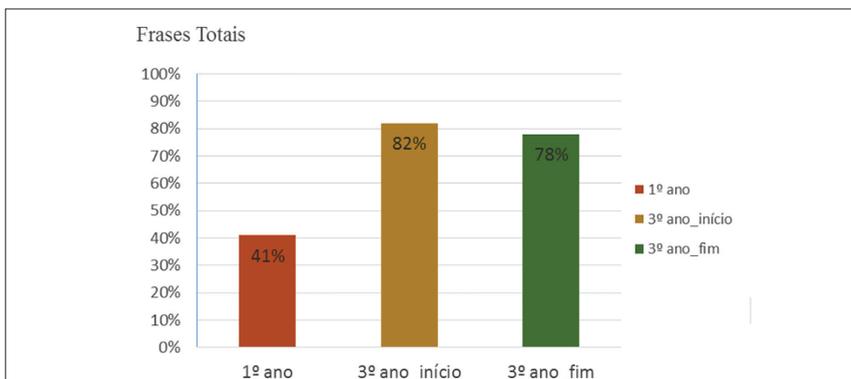


FIGURA 1 – Resultados globais.

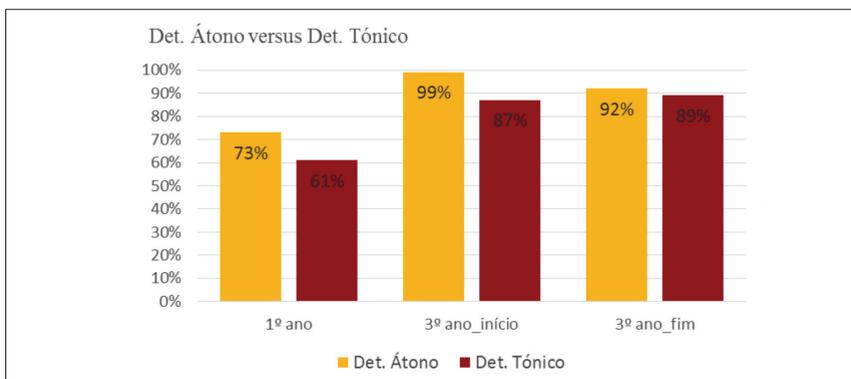


FIGURA 2 – Resultados para o contraste Det tónico / Det átono

Os dados apresentados revelam um aumento significativo da taxa de sucesso na identificação de ambos os tipos de determinantes do 1.º para o 3.º ano (sig=0,000), não sendo, porém, significativas as diferenças entre os dois grupos do 3.º ano (sig=0,200). Esta tendência para melhores desempenhos em função do nível de escolaridade foi também identificada em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013).

Contrariamente ao registado no estudo anterior, em cada grupo da amostra, as taxas de sucesso para os determinantes átonos são significativamente superiores às registadas para os determinantes tónicos (sig=0,000). Este resultado não vai ao encontro do registado na literatura sobre o processamento de determinantes átonos quer em tarefas de CLex quer em tarefas de escrita, que relata a associação frequente de palavras clínicas aos núcleos dos sintagmas. Assim, procedemos a uma segunda avaliação dos dados, tendo verificado que a presença de um Det tónico em início absoluto de frase desencadeia frequentemente a segmentação silábica da frase, com impacto na taxa de sucesso na identificação destes determinantes. Neste sentido, alterámos a metodologia de análise dos dados, tendo considerado apenas o subconjunto de respostas nas quais as crianças desempenham efetivamente a *tarefa de identificação de palavras em contexto frásico*. Foram, assim, excluídas as respostas em que as crianças efetuam exclusivamente a segmentação silábica dos estímulos frásicos apresentados. Em consequência, do total de frases segmentadas, por ano, foram consideradas, para o 1.º ano, 66% das respostas (497/748); para o início do 3.º ano, 87% (442/510); para o final do 3.º ano, 90% (825/918). Os resultados decorrentes da aplicação desta nova metodologia serão considerados na elaboração das figuras apresentados doravante.

A Figura 3 regista as taxas de sucesso globais no desempenho da tarefa em foco, tendo em conta os novos critérios metodológicos.

Os resultados registados na Figura 3 são coincidentes quer com os de Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) para os mesmos anos quer com os apresentados no Figura 1. Tal revela uma relação de progressão semelhante e significativa entre o 1.º (62,8%) e o 3.º ano (94,8%) (sig=0,000). A descida de valores entre o início e o final do 3.º ano registada na Figura 1 mantém-se com a nova metodologia de análise.

Tal como na primeira fase deste estudo, procedemos à análise comparada entre Det tónico e Det átono com base na nova metodologia adotada (Figura

4), com o objetivo de avaliar o efeito da propriedade prosódica *acento de palavra* na identificação de palavras em contexto frásico.

Os dados apresentados revelam que, no 1.º ano, Det átono regista valores de sucesso significativamente mais baixos do que Det tónico (Det tónico = 62,0%; Det átono = 86%; sig=0,004), registando-se, assim, um efeito prosódico no desempenho da tarefa. No início do 3.º ano, não se identifica este efeito prosódico, uma vez que se regista um efeito de teto; inesperadamente, o efeito prosódico volta a registar-se, de forma significativa, no final do 3.º ano, com a promoção dos Det tónicos (97%) relativamente aos átonos (86%) (sig=0,000).

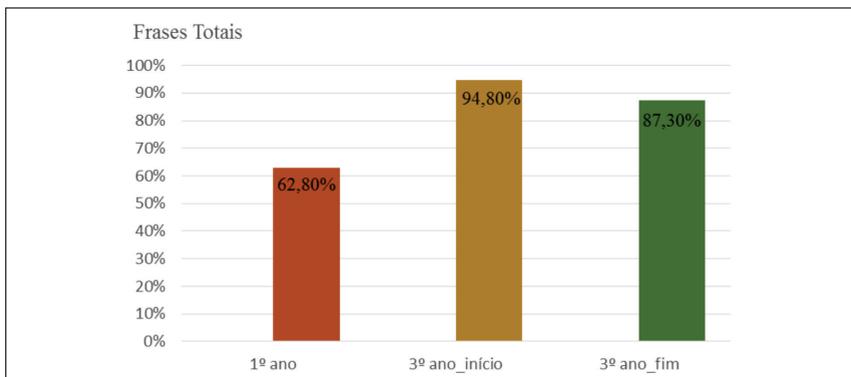


FIGURA 3 – Resultados globais (2.ª versão).

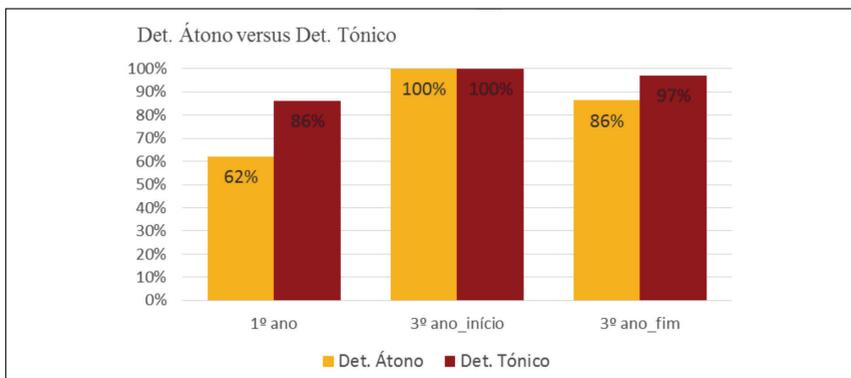


FIGURA 4 – Resultados para o contraste Det tónico / Det átono (2.ª versão).

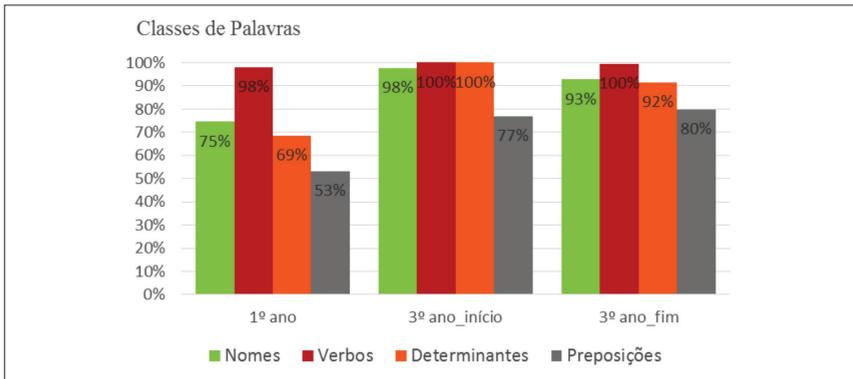


FIGURA 5 – Resultados globais por classes de palavras

Identificado um efeito prosódico nos dados acima descritos, interessou-nos verificar, na linha da segunda questão de investigação que colocámos, se uma tarefa como a testada no presente estudo é condicionada por outros tipos de conhecimento linguístico. Assim, centrámo-nos especificamente em cada classe de palavras testada, tendo obtido os resultados apresentados na Figura 5.

Considerando os resultados registados na Figura 5, todas as classes apresentam uma subida nas taxas de sucesso no início do 3.º ano, à exceção da categoria *verbo*, cujos valores são muito elevados desde o 1.º ano (98%), tendência já verificada no estudo de Afonso, Gonçalves & Freitas (2013). No fim do 3.º ano, regista-se uma descida relativamente ao início do mesmo ano, ainda que sem significância estatística, nas categorias N e Det (N: sig=0,120; Det: sig=0,150;), o que decorre da descida na identificação de Det átono já registada na Figura 4, por aglutinação de Det átono + N.<sup>5</sup>

No 1.º ano, registam-se assimetrias decorrentes da variável *classe de palavras*, sendo significativas as diferenças entre as quatro categorias (sig=0,000); observa-se, assim, a ordem decrescente de sucesso  $V > N > Det > Prep$ , sendo significativa a diferença entre Prep e restantes classes de palavras (sig=0,000). Nos dois momentos do 3.º ano, a variável *classe de palavras* é também responsável por assimetrias significativas entre as quatro categorias (3.º ano, início e fim: sig=0,000). Nesses dois momentos, verifica-se, ainda

<sup>5</sup> Sobre a tipologia de erros relativa à tarefa em estudo, consulte-se Afonso, Gonçalves & Freitas (2013: 34).

como no 1.º ano, um contraste entre a categoria Prep (início: 77%, fim: 80%) e as restantes (N – início: 98%, fim: 93%; V – início: 100%, fim: 100%; Det – início: 100%, fim: 92%), contraste esse que se revela significativo (3.º ano, início: sig=0,001; 3.º ano, fim: sig=0,000).

Em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), registou-se, globalmente, um contraste entre N/V, por um lado, e Det/Prep, por outro, o que indiciava um efeito sintático (categorias lexicais vs categorias gramaticais) e um efeito prosódico (categorias lexicais, obrigatoriamente tónicas, vs categorias gramaticais, predominantemente átonas). No presente estudo, não se verifica o contraste entre N/V, por um lado, e Det/Prep, por outro. Contudo, como referido anteriormente, é possível encontrar, no 3.º ano, uma diferença significativa entre Prep e as restantes categorias (sig=0,000), o que pode indicar um efeito de uma classe de palavras particular, mas não um efeito sintático mais geral que oponha categorias lexicais a gramaticais.

No sentido de testar não só o efeito prosódico como o efeito sintático de uma classe de palavras particular no desempenho de tarefas que envolvem a consciência da unidade *palavra* (e não um efeito sintático mais geral que oponha categorias lexicais a gramaticais), procedeu-se à análise do contraste entre palavras gramaticais (Det e Prep) prosodicamente distintas (átonas vs tónicas). Os resultados encontram-se na Figura 6.

Os dados na Figura 6 revelam um efeito prosódico no 1.º ano, com clara promoção de Det tónico (86%) relativamente às palavras átonas (Det átono = 62%; Prep = 53%). Este efeito prosódico é estatisticamente significativo (sig=0,000).

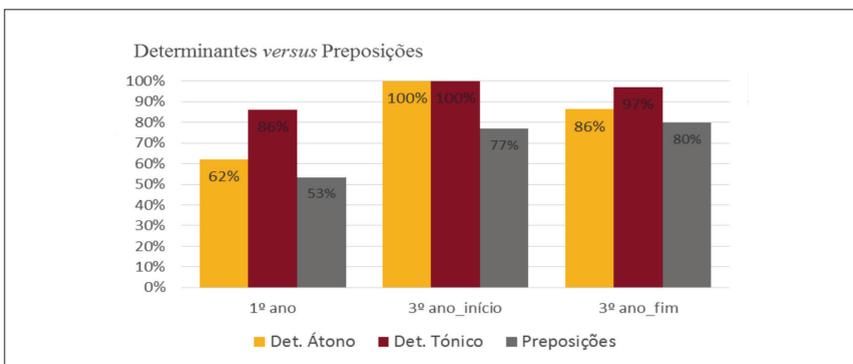


FIGURA 6 – Resultados para categorias gramaticais

No início do 3.º ano, o efeito prosódico é anulado, uma vez que Det tónico e Det átono apresentam um efeito de teto, por oposição a Prep, com um valor de sucesso de 77%, resultado estatisticamente significativo (sig=0,001). Tal indicia um efeito sintático de uma classe particular, não podendo ser imputado à oposição lexical vs gramatical (ver Figuras 5 e 6). No final do 3.º ano, a relação entre as três classes de palavras altera-se, sendo próxima da relação exibida no 1.º ano, com a ativação do efeito prosódico; as diferenças entre classes são estatisticamente significativas (sig= 0,000), verificando-se a ordem relativa: Det tónico >> Det átono, Prep.

Na sequência dos resultados obtidos globalmente para a classe Prep, e tendo em conta que foram testadas as preposições mais frequentes nos enunciados infantis espontâneos, procedemos à análise das respostas por preposição.

Tendo em conta os resultados apresentados na Figura 7, verifica-se uma progressão do 1.º para o 3.º ano, registando-se, uma vez mais, decréscimo das taxas de sucesso no final do 3.º ano relativamente ao início do mesmo ano. À exceção de *para*, todas as outras preposições apresentam diferenças significativas em função dos três grupos: (i) *para* – sig=0,170; *em* – sig=0,011; *de* – sig=0,001; *a* – sig=0,002.

A Figura 7 mostra, ainda, que existe uma tendência geral para *em* e *para* terem valores de sucesso mais elevados do que *de* e *a*. Tal foi interpretado em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) como decorrente de um contraste fonológico ou de um contraste semântico entre estes dois grupos de preposições.

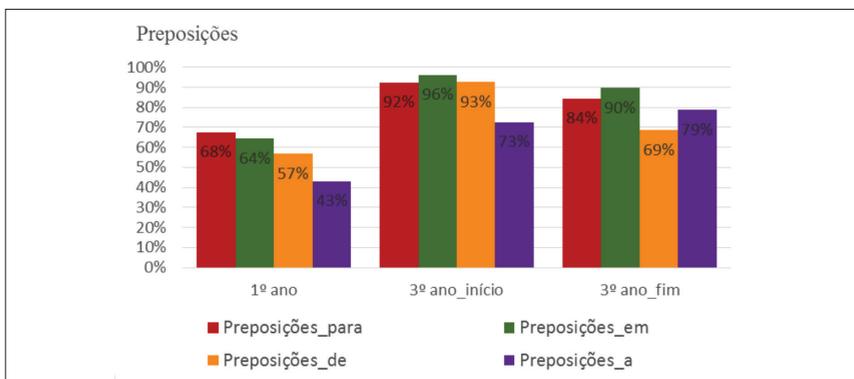


FIGURA 7 – Resultados para a categoria Prep.

Como então referimos, por um lado, as preposições *em* e *para* podem ser consideradas fonologicamente mais proeminentes do que *a* e *de* (*em* exibe um núcleo ramificado associado a um autossegmento nasal, o que a torna silabicamente mais complexa; *para*, em algumas produções que preservam a forma dissilábica, pode apresentar um contraste acústico entre as duas sílabas, correspondente a um padrão trocaico). Por outro lado, do ponto de vista semântico, *em* e *para*, nas frases testadas, são marcadores temáticos de argumentos juntamente com os predicadores verbais com que coocorrem, enquanto *de* é um mero marcador de caso, com um papel secundário na marcação temática dos argumentos (Brito, 2003: 398 e ss.; Cabral, 2005, para o Português de Angola). No sentido de encontrar evidência adicional para a hipótese de se registar uma diferença entre preposições que marcam tematicamente os argumentos que introduzem e preposições meramente funcionais, foram incluídas no teste frases com a unidade *a* enquanto preposição plena e enquanto marcador aspetual no contexto de verbos semiauxiliares (Gonçalves, 1992). Os resultados encontram-se na Figura 8.

Os resultados revelam que, em termos absolutos, as crianças do 1.º ano têm melhores desempenhos na tarefa de identificação de palavras em contexto frásico quando *a* corresponde à preposição plena (39% vs 47% para o marcador aspetual), verificando-se o oposto nos dois momentos do 3.º ano (início: preposição plena = 68% / marcador aspetual = 77%; fim: preposição plena = 83% / marcador aspetual = 74%). Em nenhum dos casos, a diferença registada entre as duas preposições é significativa

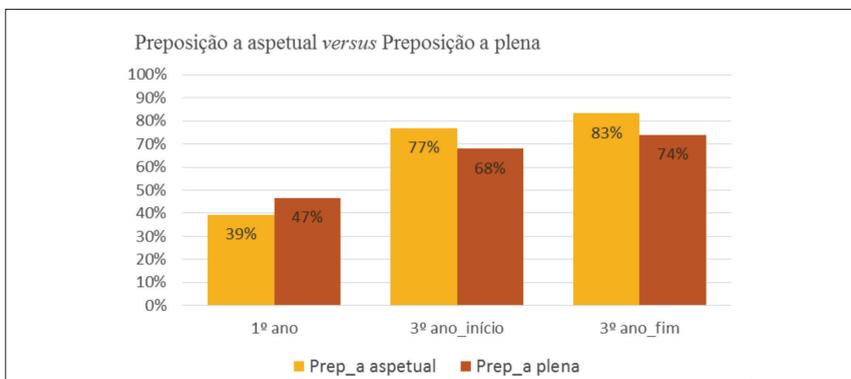


FIGURA 8 – Resultados para preposição plena vs marcador aspetual a.

(1.º ano: sig=0,366; início do 3.º ano: sig=0,189; fim do 3.º ano: sig=0,317). Estes resultados indicam que nenhum dos grupos discrimina as duas formas de *a*, não podendo confirmar-se a hipótese de que preposições que marcam tematicamente os argumentos são mais facilmente identificáveis do que preposições que têm uma natureza essencialmente funcional. Acrescenta-se que este comportamento não é predito pelos dados da aquisição do PE (Gonçalves & Freitas, 1996), que mostram que a preposição plena é adquirida antes do marcador aspetual.<sup>6</sup>

#### 4. Considerações finais

No presente artigo, são apresentados resultados de um estudo sobre a identificação da unidade *palavra* em frases com estrutura SVO, desenvolvido no âmbito de Afonso (*em prep.*). Os resultados aqui relatados surgem na sequência do desenvolvimento do teste piloto descrito em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013). A tarefa de identificação de palavras em contexto frásico então utilizada foi aplicada, no presente trabalho, a uma amostra mais alargada, constituída por crianças dos 1.º e 3.º anos de escolaridade. Os dados permitem confirmar tendências registadas no estudo piloto; no entanto, os novos resultados revelam alguns efeitos distintos dos observados anteriormente. Com base nas três questões de investigação formuladas na Introdução, comentaremos, em seguida, os resultados descritos na secção 3.

A primeira questão de investigação colocada remete para o grau de dificuldade associado à identificação da unidade *palavra* em contexto frásico (*Tarefas que envolvam a consciência da unidade palavra são facilmente executáveis?*). Como referido na Introdução, alguns autores consideram que a consciência das unidades fonológicas segue a ordem crescente *palavra* > > *sílaba* > > *constituintes silábicos* > > *segmentos* (Adam, 1990; Anthony & Lonigan, 2004, e.o.), o que prediria um grau de dificuldade reduzido no desempenho da tarefa aqui estudada; outros autores, contudo, referem como difícil o desempenho de tarefas que envolvem a consciência da unidade *palavra* (Tunmer et al., 1984; Chaney, 1989; Rios, 2009; Cardoso, 2011; Antunes, 2013, e.o). Os resultados apresentados em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) vão no sentido da segunda afirmação, não porque

---

<sup>6</sup> Igual ausência de isomorfismo entre desenvolvimento do conhecimento implícito e desenvolvimento da CL foi observada em estudos sobre o modo de articulação em PE (Alves et al., 2010; Alves, 2012).

permitam uma análise comparada entre tarefas de identificação de diferentes constituintes fonológicos (para o efeito, consulte-se Afonso, *em prep.*), mas porque revelam dificuldades na identificação de palavras em contexto frásico até ao 3.º ano de escolaridade. Os valores globais de sucesso apurados no trabalho foram então os seguintes: pré-escolar = 17,6%; 1.º ano = 36,5%; 3.º ano = 67,0%. No presente estudo, registam-se os seguintes valores: 1.º ano = 63%; início do 3.º ano = 95%; fim do 3.º ano = 87%. A análise comparada dos valores obtidos nos dois estudos para os mesmos anos (1.º e 3.º) mostra uma tendência comum de progressão, embora as taxas de sucesso sejam substancialmente mais baixas no primeiro estudo, pelo que investigação futura deverá envolver um maior de sujeitos, no sentido de identificar qual dos perfis corresponde ao da população portuguesa. Como referimos na Introdução a este artigo, vários estudos associam a emergência tardia da consciência da unidade *palavra* à aprendizagem da leitura e da escrita, sendo seu desencadeador o contacto com um sistema de escrita que isola as palavras através de espaços em branco (entre outros, Chaney, 1989; Ferreira *et al.* 1996; Bassetti, 2005). Nestes estudos, a *palavra* não surge como um constituinte intuitivamente delimitável em estádios precoces de manifestação da CF mas como o produto da literacia. Referimos, então, ser inesperado que apenas a aprendizagem da leitura e da escrita espolete a emergência da unidade em foco: tendo em conta factos do desenvolvimento linguístico, sabemos que os primeiros enunciados das crianças são constituídos por uma palavra, sendo esta uma unidade precocemente processada durante a aquisição; por outro lado, as crianças processam, desde muito cedo, diferentes combinatórias de palavras no domínio da frase, tanto na perceção como na produção de enunciados da sua língua (Guasti 2002). Poderíamos, assim, esperar que tais aspetos funcionassem como desencadeadores de uma consciência precoce da unidade *palavra*. Tal não se verificou no presente estudo, o que aponta para uma ausência de isomorfismo entre os factos observados na aquisição da linguagem e os decorrentes de tarefas de CL (para a identificação de ambas as tendências – presença ou ausência de paralelismo entre aquisição da linguagem e consciência linguística -, consulte-se Afonso, 2008; Alves, Faria & Freitas, 2010; Alves, 2012; Vicente, *em prep.*). Investigação adicional é necessária para testar a natureza cognitivamente distinta ou parcialmente idêntica das duas tarefas de processamento linguístico.

Quanto à segunda questão de investigação formulada (*A identificação de palavras na frase recruta exclusivamente conhecimento fonológico ou remete para outros tipos de conhecimento linguístico?*), os resultados mostram que aspetos exclusivamente de natureza fonológica não permitem dar conta de todos os comportamentos observados, podendo o recrutamento de informação de diferentes módulos da gramática estar na base dos desempenhos desviantes identificados. De facto, os dados obtidos apontam para a existência de dois tipos de efeitos na identificação de palavras em contexto frásico, prosódico e sintático, nem sempre simultâneos, sendo o efeito prosódico mais evidente no 1.º ano, após o que efeito prosódico e efeito sintático ou apenas efeito sintático operam.

Como expressão do *efeito prosódico*, são identificados os seguintes aspetos: (i) percentagens de sucesso mais elevadas na identificação de Det tónico, por oposição a Det átono (no 1.º ano e no final do 3.º ano); (ii) percentagens de sucesso idênticas na identificação de Det átono e de Prep (no 1.º ano e no final do 3.º ano); (iii) percentagens de sucesso elevadas na categoria V no 1.º ano, o que parece apontar para a ativação precoce do sintagma fonológico, dada a não aglutinação de V com material do OD, embora este facto possa também ser interpretado como consequência de um efeito sintático, dado que a formação daquele sintagma é baseada em noções sintáticas (Mateus, Frota & Vigário, 2003). De acordo com os dados da aquisição, esperar-se-iam, logo no 1.º ano, taxas de sucesso muito elevadas para a categoria N (Guasti, 2002), o que não se verifica no presente estudo. Tal facto pode decorrer da tendência para as aglutinações dos tipos *Det átono+N* e *Prep+N*, já identificadas em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013) e então interpretadas como produto da ativação do constituinte *palavra prosódica* (Vigário, 2003), também registada em estudos sobre desempenhos escritos iniciais (entre outros, Abaurre, 1991; Ferreira, et al. 1996; Tolchinsky & Teberosky, 1997; Kolinsky, 1998; Kato, 2001; Chacon, 2004; Tenani, 2004; Cunha, 2012).

O impacto do *efeito sintático* na tarefa de identificação de palavras em contexto frásico, por sua vez, é visível nos seguintes resultados: (i) no 1.º ano, percentagens de sucesso mais elevadas nos verbos, que, por serem portadores de maior informação morfossintática e por terem um papel crucial na construção da predicação, gozam de maior autonomia à entrada na

escola; (ii) percentagens de sucesso mais altas nos determinantes átonos do que nas preposições, também elas átonas. Contrariamente ao que se verificou em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), não se registaram percentagens de sucesso mais elevadas nas categorias lexicais do que nas categorias gramaticais; no entanto, o facto de a categoria Prep ter sempre as taxas de sucesso mais baixas permite-nos manter a ideia de que existe um efeito sintático no desempenho da tarefa. Trata-se do efeito de uma classe morfossintática particular (Karpova, 1955; Barrera & Maluf, 2003), não imputável à oposição lexical vs gramatical/funcional (Holden & MacGinitie, 1972; Cardoso, 2011).

Em Afonso, Gonçalves & Freitas (2013), alguns resultados foram atribuídos ao *efeito de escolaridade*:

- (i) A descida dos níveis de sucesso do pré-escolar para o 1.º ano, interpretada como produto da maior estimulação da consciência linguística à entrada na escola. Tratar-se-ia de um retrocesso no desempenho linguístico infantil, indicador de uma reorganização do conhecimento linguístico, tal como sucede nos casos de *U-shaped development* (Bowerman, 1982) durante a aquisição de uma língua materna.
- (ii) A despromoção do efeito prosódico e a paralela promoção do efeito sintático no 3.º ano, atribuída então ao trabalho sobre classes de palavras, no domínio do conhecimento explícito, já realizado com as crianças do 3.º ano testadas.

Estes resultados levaram-nos a colocar, no presente estudo, a terceira questão de investigação, que remete para o papel do trabalho sobre classes de palavras em contexto escolar no desempenho da tarefa de identificação de palavras em contexto frásico (*Qual o impacto do trabalho sobre o conhecimento explícito na promoção da consciência da linguística?*).

Os dados aqui analisados mostram que começa por se verificar um efeito prosódico no 1.º ano, anulado no início do 3.º ano e registado de novo no final do 3.º ano. Este comportamento é acompanhado de uma descida global nas taxas de sucesso no desempenho da tarefa, situação inesperada uma vez que, neste último momento, foram já trabalhadas as classes de palavras em contexto escolar. Este resultado mostra a ausência do efeito de conhecimento explícito, não indo ao encontro do descrito no estudo anterior,

dados que as crianças do 3.º ano desse estudo, tendo sido avaliadas também no final do 3.º ano, após o trabalho sobre classes de palavras, revelaram apenas um efeito sintático na realização da tarefa proposta. Uma vez mais, investigação futura deverá testar um maior número de sujeitos no sentido de identificar qual dos perfis corresponde ao da população portuguesa.

#### REFERÊNCIAS

- Abaurre, B. 1991. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da ABRALIN* 11: 203-217.
- Adams, M. J. 1990. *Beginning to read: Thinking and learning about print*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Afonso, C. 2008. *Complexidade prosódica e segmentação de palavras em crianças entre os 4 e os 6 anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa.
- Afonso, C. em prep. *Complexidade Prosódica e Consciência Fonológica no Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Doutoramento inscrita na Universidade de Lisboa.
- Afonso, C., Gonçalves, A. & Freitas, M. J. 2013. Como é que as crianças contam as palavras? Dados sobre consciência lexical em PE. In F. Silva, I. Falé & I. Pereira (orgs.) *Textos Selecionados do XIX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, 23-39.
- Alves, D. 2012. *Efeito das propriedades segmentais em tarefas de consciência segmental, de leitura e de escrita*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Alves, D., Castro, A. & Correia, S. 2010. Consciência fonológica – dados sobre consciência fonémica, intrassilábica e silábica. In A. M. Brito, F. Silva, J. Veloso e A. Fiéis (orgs.) *Textos Selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 169-184.
- Alves, D., Faria, I. & Freitas, M. J. 2010. O efeito das propriedades fonológicas do segmento em tarefas de consciência segmental. In M. J. Freitas, A. Gonçalves & I. Duarte (orgs.) *Avaliação da Consciência Linguística: Aspectos Fonológicos e Sintáticos do Português*. Lisboa: Ed. Colibri, 19-44.
- Antunes, C. F. 2013. *Caracterização do nível de consciência fonológica em crianças de idade pré-escolar*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança, Instituto Politécnico de Setúbal.
- Anthony, J. L. & Lonigan, C. J. 2004. The nature of phonological awareness: Converging evidence from four studies of preschool and early grade school children. *Journal of Educational Psychology*. 96 (1): 43–55.

- Barrera, S. & Maluf, M. R. 2003. Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da Primeira Série do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 16(3): 491-502.
- Bassetti, B. 2005. Effects of writing systems on second language awareness: Word awareness in English learners of Chinese as a Foreign Language. In V. J. Cook & B. Bassetti (Eds.). *Second Language Writing Systems*. Clevedon; Multilingual Matters, 335-356.
- Bialystok, E. 1986. Children's concept of word. *Journal of Psycholinguistic Research*. 15 (1): 13-32.
- Bowerman, M. 1982. Starting to talk worse: clues to language acquisition from children's late speech errors. In S. Strauss (Ed.) *U-shaped Behavioral Growth*. New York: Academic Press, 101-145.
- Brito, A. M. 2003. Categorias sintáticas. In: M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, M. Vigário e A. Villalva (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 323-432.
- Cabral, L. 2005. *Complementos verbais preposicionados do Português em Angola*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cardoso, S. 2011. *Consciência de palavra em crianças de idade pré-escolar e escolar*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Setúbal.
- Castelo, A. 2012. *Competência metafonológica e sistema não consonântico no português europeu*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Chacon, L. 2004. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações prosódicas não-convencionais. *Letras de Hoje*. 39: 223-232.
- Chaney, C. 1989. I pledge a legiance to the flag: Three studies in word segmentation. *Applied Psycholinguistics*. 10 (3): 261-282.
- Cunha, A. P. 2012. As segmentações não convencionais da escrita inicial: um estudo sobre o troqueu silábico e a sua relação com o ritmo linguístico do PB e do PE. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. 7: 45-63.
- Duarte, I. (2008). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Fox, B. & Donald, R. 1975. Analyzing Spoken Language into Words, Syllables, and Phonemes: A developmental study. *Journal of Psycholinguistic Research*. 4(4): 331-342.
- Ferreiro, E., Pontecorvo, C., Moreira, N. & Fidalgo, I. 1996. *Chapeuzinho Vermelho Aprende a Escrever. Estudos Psicolinguísticos Comparativos em Três Línguas*. São Paulo: Editora Ática.
- Freitas, M. J. 1997. *Aquisição da estrutura silábica do Português europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. 1992. *Para uma sintaxe dos verbos auxiliares em Português europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. & Freitas, M. J. 1996. Estatuto de a em construções aspectuais do Português. Evidências da aquisição na interacção Fonologia/Sintaxe. In I. Duarte & M. Miguel (orgs.) *Actas do XI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Vol. III. Lisboa: APL, 297-313.

- Gonçalves, F. 2004. *Riqueza morfológica e aquisição da sintaxe em Português europeu e brasileiro*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- Holden, M. & MacGinitie, W. 1972. Children's conceptions of word boundaries in speech and print. *Journal of Educational Psychology*. 63(6): 551-557.
- Karpova, S. N. 1955. Awareness of the word composition of speech in the preschool child. *Voprosy Psikhologii*. 1: 43-55.
- Kato, M. 2001. *No mundo da Escrita*. São Paulo: Editora Ática.
- Kolinsky, R. 1998. Spoken Word Recognition: A Stage-processing Approach to Language Differences. *European Journal of Cognitive Psychology*. 10(1): 1-40.
- Rios, A. C. 2009. *Competências fonológicas na transição do pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- Roazzi, A. & Carvalho, M. R. 1995. O Desenvolvimento de Habilidades de Segmentação Lexical e a Aquisição da Leitura. *Revista Brasileira Estudos Pedagógicos*. 76 (184): 477-548.
- Santos, A. L., Freitas, M. J. & Cardoso, A. 2014. *CEPLEXicon – A Lexicon of Child European Portuguese*. <http://www.clul.ul.pt/en/component/content/article/68-portuguese-frequency-lexicon/542-lexicon-acquisition>.
- Schneider, W., Eschman, A. & Zuccolott, A. 2007. *E-prime – Getting Started Guide*. Pittsburgh: Psychology Software Tools, Inc.
- Sim-Sim, I. 1998. *Avaliação da Linguagem Oral: um Contributo para o Conhecimento do Desenvolvimento Linguístico das Crianças Portuguesas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tenani, L. 2004. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*. 39 (3): 233-244.
- Tolchinsky, L. & Teberosky, A. 1997. Explicit word segmentation and writing in Hebrew and Spanish. In Clotilde Pontecorvo (Ed.) *Writing Development. An Interdisciplinary View*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 77-98.
- Tunmer, W., E., Bowey, J. A. & Grieve, R. 1983. The Development of Young Children's Awareness of the Word as a Unit. *Journal of Psycholinguistic Research*. 12 (6): 567-594.
- Tunmer, W. E., Pratt, C. & Herriman, M. L. 1984. *Metalinguistic awareness in children: Theory, research, and implications*. New York: Springer-Verlag.
- Vicente, F. *em prep.* *Competência Linguística e Competência de Escrita em Crianças Moçambicanas do Ensino Básico*. Projeto de Doutoramento inscrito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Vigário, M. 2003. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter.
- Vigário, M., Freitas, M. J. & Frota, S. 2006. Grammar and frequency effects in the acquisition of prosodic words in European Portuguese. *Language and Speech*. 49 (2): 175-203.
- Villalva, A. 2000. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Lisboa: FCG/FCT.

# A aquisição das consoantes líquidas em português europeu: contributos para a caracterização da faixa etária 4;0 - 4;11 anos\*

Clara Amorim\*

cfamorim@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto,  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to contribute with empirical data to the characterization of the final stages of European Portuguese (EP) phonological development. Based on the data of 40 native speakers of setentrional dialects of EP aged between 4;0 and 4;11 years old, all the productions of liquid consonants in nonbranching onset, branching onset and coda are analysed, in order to identify which segment(s) have already been acquired at 4;0 years old and which stabilise(s) later. The results show that, in non branching onsets, the palatal lateral is the only liquid not yet stabilized at 4;0 years old. The production of liquids in branching onsets or coda stabilises after 4;0 years old, even though those segments are already part of children's phonological systems.

**KEY-WORDS:** acquisition, phonology, liquids, onset, coda

**RESUMO:** Este artigo pretende contribuir, com base em dados empíricos, para a caracterização das fases finais de desenvolvimento fonológico em português europeu (PE). Com base nos dados de uma amostra de 40 crianças falantes nativas de dialetos setentrionais do PE entre os 4;0 e 4;11 anos, são analisadas as produções de consoantes líquidas em Ataque não ramificado, em Ataque ramificado e em Coda, de modo a identificar o(s) segmento(s) adquiridos aos 4;0 anos e os que estabilizam depois dessa idade. Os dados indicam que, em Ataque não ramificado, a lateral palatal é a única líquida que ainda não se encontra estabilizada aos 4;0 anos. A aquisição das consoantes líquidas que ocupam o segundo elemento de um Ataque ramificado ou a Coda silábica estabiliza apenas depois dos 4 anos, apesar de já se encontrarem disponíveis no sistema das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** aquisição, fonologia, líquidas, Ataque, Coda

## 1. Introdução

Os estudos sobre aquisição fonológica em português europeu (PE) têm privilegiado as fases iniciais de aquisição (Freitas, 1997; Costa, 2010; Almeida,

---

\* Investigação realizada no âmbito do projeto SFRH/BD/69856/2010.

\*\* A autora agradece aos revisores anónimos pelos seus valiosos comentários e sugestões.

2011), analisando dados longitudinais de amostras reduzidas, pelo que pouco se sabe sobre os últimos estádios, nomeadamente quais os segmentos cuja aquisição estabiliza mais tardiamente nas diferentes posições silábicas.

De acordo com a literatura da área de aquisição fonológica, a classe das líquidas<sup>1</sup> é de aquisição tardia, emergindo depois das nasais, oclusivas e fricativas (Matzenauer-Hernandorena, 1990; Matzenauer-Hernandorena & Lamprecht, 1997; Fikkert 1994; Freitas 1997; Bernhardt & Stemberger 1998; Costa 2010). Tem também sido relatada alguma heterogeneidade na aquisição dos segmentos desta classe, decorrendo um grande intervalo de tempo entre a aquisição do primeiro e do último elemento (Costa, 2010). Entre os últimos segmentos a ser dominados, encontram-se os róticos, de acordo com estudos do PE e do Português Brasileiro (PB) (Freitas, 1997; Mezzomo & Ribas, 2004; Costa, 2010).

Para o PB, Matzenauer-Hernandorena & Lamprecht (1997) baseiam-se na análise dos dados de 310 crianças com idades compreendidas entre 2;0 e 7;1 para afirmar que a primeira líquida a ser adquirida é a lateral /l/, em posição de Ataque inicial, aos 2;8, sendo dominada pouco depois (3;0) em Ataque medial. Seguidamente, dá-se a aquisição do rótico /r/, aos 3;4, tanto no início de palavra como em Ataque medial. As duas consoantes restantes são adquiridas mais tarde: a lateral /ʎ/ aos 4;0 e o rótico [r] aos 4;2<sup>2</sup>. Deste modo, a ordem de aquisição das líquidas no PB pode ser representada da seguinte forma: /l/ > /r/ > /ʎ/ > /r/.

Como tem sido largamente demonstrado (entre outros, Matzenauer-Hernandorena, 1990; Fikkert, 1994; Miranda, 1996; Freitas, 1997; Lamprecht, Bonilha, Freitas, Matzenauer, Mezzomo, Oliveira & Ribas, 2004; Nogueira, 2007; Almeida, 2011), apesar de os segmentos já estarem disponíveis no sistema da criança, não surgem em todas as posições da estrutura silábica em simultâneo. Assim, no PB, a sequência atestada para a aquisição das líquidas em Ataque ramificado (CC<sub>liq</sub>V) e em Coda (CVC<sub>liq</sub>) é a que se representa em (1):

<sup>1</sup> Adotamos aqui a designação tradicional que agrupa laterais e vibrantes, não sendo discutida a pertinência desta classe.

<sup>2</sup> Miranda (1996) refere idades de aquisição mais precoces para os róticos: 2;6 para [r] e 3;8 para [r]. As diferenças encontradas parecem dever-se a razões metodológicas, já que a percentagem de produção correta usada para considerar um fonema adquirido foi de 75% em Miranda (1996), enquanto Matzenauer-Hernandorena & Lamprecht (1997) usam 90%.

- (1) *Sequência na aquisição das líquidas em CCV<sub>líq</sub> e em CVC<sub>líq</sub> no PB* (Lamprecht et al., 2004)

CVC<sub>l</sub> final > CVC<sub>l</sub> medial > CVC<sub>r</sub> final > CVC<sub>r</sub> medial > CC<sub>r/l</sub>V medial / final

Quanto à idade de aquisição, a líquida em Coda encontra-se adquirida aos 4;0 anos, destacando-se a precocidade da lateral em final de palavra, adquirida aos 1;4 anos, o que se explica pela glidização deste elemento no PB. A sílaba CV<sub>l</sub> medial é adquirida bastante mais tarde, aos 3;0 anos, seguindo-se a vibrante, tanto em posição interna como em final de palavra, aos 3;10 anos (Mezzomo, 2004).

De acordo com Ribas (2004), as líquidas em Ataque ramificado são dominadas só depois dos 5 anos, não havendo uma sequência no domínio dos diferentes Ataques ramificados (CC<sub>r</sub>V e CC<sub>l</sub>V), ao contrário do que acontece com a Coda. Também a posição na palavra não é considerada determinante na aquisição deste constituinte.

Os dados existentes para o PE são mais escassos. Numa pesquisa sobre a aquisição do sistema consonântico do PE, Costa (2010) analisa as produções em sílaba CV com base em dados longitudinais de 5 crianças, a mais nova das quais tem 11 meses, na primeira sessão, e a mais velha, 4;10 anos, na última. Apenas uma das crianças da amostra produz uma lateral: a Inês possui a lateral /l/ estabilizada aos 2;5, no entanto, até ao final da observação, aos 4;2, não é capaz ainda de produzir [ʎ]. Relativamente aos róticos, apenas as duas crianças mais velhas dominam [ʀ] no corpus estudado: a Inês aos 3;11 e a Joana aos 4;7. Na última sessão analisada (aos 4;2 e 4;10, respetivamente), o rótico [ʀ] não era ainda dominado por nenhum dos sujeitos (Costa, 2010).

Quanto à aquisição das líquidas nas estruturas silábicas mais complexas (Ataque ramificado e Coda), não há muitos dados para o PE sobre o tipo de líquida nessas estruturas. O principal estudo sobre a aquisição da estrutura silábica em PE (Freitas, 1997) indica que, estando as líquidas já disponíveis em Ataque não ramificado, não são usadas imediatamente noutros pontos da sílaba. Com efeito, a aquisição da Coda líquida dá-se num estágio posterior, seguindo-se a aquisição do Ataque ramificado.

Também Nogueira (2007) confirma a relação entre segmento e constituinte silábico. Num estudo sobre o desenvolvimento fonológico de crianças nascidas com muito baixo peso e com idades compreendidas entre os 3;6 e os 4;6, compara um grupo de 15 crianças nascidas com muito baixo peso com o grupo de controlo, constituído por 15 crianças com as mesmas idades. A autora conclui que as líquidas estabilizam primeiro em Ataque não ramificado, depois em Coda e, finalmente, em Ataque Ramificado. Na posição de Coda, Nogueira (2007) salienta que a vibrante apresenta um comportamento mais estável do que a lateral, facto já referido por Freitas (1997), que coloca a hipótese de a estabilização da vibrante ser mais rápida do que a da lateral por ser mais proeminente no sistema.

Já num estudo transversal-longitudinal sobre a aquisição da rima em PE, Correia (2004) analisa as produções de 6 crianças com idades compreendidas entre os 2;10 e os 4;7, atestando a seguinte sequência:

- (2) *Sequência na aquisição das líquidas em Coda* (Correia, 2004)  
 $CVC_r \text{ final (tónica > átona)} > CVC_l \text{ final (tónica)} > CVC_l \text{ medial (tónica e átona)} > CVC_r \text{ medial (tónica > átona)}$

Relativamente à aquisição do ataque ramificado em PE, Santos (2013) refere que à entrada no 1.º ano do Ensino Básico, a sílaba  $CC_rV$  é produzida incorretamente mais frequentemente do que a sílaba  $CC_lV$ .

Em Lousada, Mendes, Valente e Hall (2012), relatam-se os resultados do desenvolvimento e estandardização de um teste fonético-fonológico para crianças falantes nativas do PE (TFFALPE), no qual participaram 768 crianças com idades compreendidas entre os 3;0 e os 6;11. A amostra encontra-se distribuída por oito faixas etárias (que compreendem períodos de 6 meses), cada uma com pelo menos 37 participantes de cada sexo. As idades de aquisição correspondem à idade em que 75% das crianças produzem corretamente um segmento em todas as posições da palavra. Em (3) apresentam-se os resultados encontrados para as líquidas.

- (3) *Idades de aquisição das líquidas* (Lousada, Mendes, Valente & Hall, 2012)  
 $3;03;5: /R^3$

<sup>3</sup> Os autores referem que esta consoante pode ser adquirida em idade anterior, dado que a primeira faixa etária estudada é 3;03;5 (Lousada, Mendes, Valente & Hall, 2012: 153).

3;63;11: /l, ʎ/  
4;04;5: /r/, /pʎ/, /kʎ/, /fʎ/  
4;64;11: /r/ em Coda, /fr/, /vr/, /br/, /pr/  
5;05;5: /l/ em Coda, /kr/, /tr/, /dr/, /gr/

De acordo com este estudo, o rótico dorsal é o primeiro a estabilizar, seguindo-se ambas as laterais aos 3;63;11 e, finalmente, o rótico coronal aos 4;04;5. Relativamente às líquidas em estruturas silábicas mais complexas, o Ataque ramificado em que a C<sub>2</sub> é preenchida por lateral estabiliza mais cedo (4;04;5) do que a sílaba CC<sub>1</sub>V, cuja aquisição se completa aos 5;05;5. Já em Coda, verifica-se que a vibrante estabiliza mais cedo (4;64;11), dando-se a estabilização da lateral em final de sílaba aos 5;05;5 anos (Lousada, Mendes, Valente & Hall, 2012).

Em suma, os resultados de Lousada, Mendes, Valente & Hall (2012) indicam que a estabilização das líquidas nos constituintes silábicos mais complexos segue percursos diferentes – Coda > Ataque ramificado, no caso da vibrante; Ataque ramificado > Coda, no caso da lateral –, tal como sugerido por Nogueira (2007) e Santos (2013).

O objetivo geral deste artigo é o de contribuir com dados empíricos para a caracterização dos estádios finais de aquisição fonológica do PE, incidindo na classe das líquidas. Será analisado o comportamento verbal de 40 crianças monolíngues em dialetos setentrionais do PE com idades compreendidas entre os 4;0 e os 4;11 anos, com os seguintes objetivos específicos: (i) identificar as consoantes líquidas que são adquiridas nessa faixa nas diferentes posições silábicas; (ii) descrever as estratégias de remediação adotadas na não produção conforme o alvo; (iii) identificar as coocorrências de traços mais problemáticos na faixa etária 4;04;11 anos.

Além desta introdução, o artigo é constituído por quatro outras partes: na secção 2, será apresentada uma caracterização do PE relativamente ao funcionamento das líquidas; segue-se a apresentação dos dados empíricos observados (secção 3), a sua descrição (secção 4) e discussão (secção 5).

## 2. Distribuição das líquidas no PE

Esta secção apresenta uma breve descrição da distribuição das consoantes líquidas no PE padrão.

As consoantes líquidas partilham o traço [+soante, +aproximante], dividindo-se em dois subgrupos distintos – as laterais e os róticos –, que se distinguem pelo traço [±contínuo]<sup>4</sup> (Clements & Hume, 1995). Assim, as laterais são caracterizadas pelos traços [+soante, +aproximante, –contínuo], enquanto os róticos são [+soante, +aproximante, +contínuo]. Os segmentos que integram cada um destes subgrupos apresentam propriedades distribucionais diferentes.

Mateus & d’Andrade (2000) consideram que os dois róticos ao nível fonético correspondem a apenas um rótico subjacente (/r/), propondo que a realização como [ʀ] em posição intervocálica se deve ao facto de, no nível subjacente, haver um /r/ em posição de coda, seguido de /r/ em ataque, o que levaria à aplicação da regra de especificação do ponto de articulação. A coda da primeira sílaba seria depois apagada no nível fonético (Mateus & d’Andrade, 2000: 15, 16).

No entanto, a análise de dados empíricos tem demonstrado que as duas consoantes apresentam diferentes padrões de substituição quando não são produzidas conforme o alvo (Miranda, 1996; 2003; Costa, 2010), o que sugere que as crianças lhes atribuem diferentes representações. Neste artigo, assumimos, portanto, que os róticos são entidades fonológicas distintas. Retomaremos esta opção na secção final, com base nos resultados obtidos, uma vez que estes permitem testar as análises fonológicas propostas para a gramática-alvo (Chomsky, 1986).

### 2.1. Laterais

As duas laterais do português (/l/ e /ʎ/) contrastam fonologicamente apenas em posição intervocálica, já que somente /l/ pode ocorrer em Ataque inicial ou medial, estando /ʎ/ restrito a Ataque no interior da palavra.

#### (4) Laterais em Ataque não ramificado

	Ataque inicial	Ataque medial
/l/	lápiz [ˈlapiz]	pala [ˈpalɐ]
/ʎ/	---	palha [ˈpaʎɐ]

<sup>4</sup> Mateus & d’Andrade (2000) prescindem do traço [aproximante] na descrição da fonologia do PE, uma vez que consideram que as nasais se distinguem das restantes líquidas pelo traço [contínuo], já que apenas as primeiras são caracterizadas pelo valor negativo desse traço. Para distinguir as duas classes de soantes não nasais, consideram que o traço [lateral] é suficiente. No entanto, e com base em dados de aquisição obtidos no âmbito da investigação de doutoramento da autora, em curso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, seguimos aqui a proposta de Clements & Hume (1995), também adotada por Lazzarotto-Volcão (2009).

A lateral /l/ pode ainda ocorrer como segundo elemento de um Ataque ramificado ou em posição de Coda<sup>5</sup>, como se ilustra em (5).

(5) *Lateral em Ataque ramificado e em Coda*

Ataque ramificado	Coda
blusa ['bluzɐ]	balde ['baldɨ]
triciclo [tri'siklu]	pincel [pĩ'sɛɫ]

Observe-se que, foneticamente, a lateral em final de sílaba é sempre velarizada em PE, o que constitui uma diferença assinalável relativamente ao PB, em que ocorre a glidização deste elemento.

## 2.2. Róticos

À semelhança das laterais, os dois róticos do PE (/ʀ/ e /ɾ/) são fonologicamente contrastivos apenas em posição intervocálica, como se demonstra em (6):

(6) *Róticos em Ataque não ramificado*

	Ataque inicial	Ataque medial
/ʀ/	rato ['ratu]	carro ['karu]
/ɾ/	---	caro ['karu]

Ao contrário do coronal, o rótico dorsal (/ʀ/) apresenta grande variação fonética, podendo ser articulado<sup>6</sup> como uma vibrante – com uma sucessão de movimentos vibráteis do ápice da língua contra os alvéolos ([r]) ou da úvula contra o dorso da língua ([ʀ]) – ou como uma fricativa, produção em que a língua se aproxima da úvula ou do véu palatino, não obstruindo completamente, porém, a passagem do fluxo de ar. Neste caso, a articulação da fricativa pode ser feita com vibração das cordas vocais ([ʀ]) ou não ([χ] ou [x]). Vários estudos têm confirmado que a articulação como fricativa uvular sonora ou surda é a realização mais comum no PE atual (Mateus &

<sup>5</sup> Não será aqui discutido o estatuto da lateral em final de sílaba, recordando-se, porém, que vários autores consideram que este segmento integra um núcleo ramificado (Girelli, 1988; Miguel, 1993; Morales-Front & Holt, 1997; Freitas, 1997). Neste artigo, adotamos a posição tradicional, considerando que a lateral que ocorre no final de uma sílaba ocupa a posição de Coda.

<sup>6</sup> Não incluímos aqui as articulações existentes no português do Brasil.

d'Andrade, 2000; Mateus & Rodrigues, 2004; Jesus & Shadle, 2005; Rennicke & Martins, 2012).

O rótico coronal /t/ pode preencher também o segundo elemento de um Ataque ramificado ou a Coda:

(7) *Rótico em Ataque ramificado e em Coda*

Ataque ramificado	Coda
prato ['pratu]	verde ['verdi]
vidro ['vidru]	mar ['mar]

### 3. Metodologia

Neste trabalho, são observadas todas as produções de consoantes líquidas nos contextos referidos na secção 2. por parte de 40 crianças falantes nativas de português europeu (dialetos setentrionais) de ambos os sexos (20 do sexo feminino e 20 do sexo masculino), com idades entre os 4;0 e os 4;11 anos. Os informantes foram divididos em duas faixas etárias, cada uma com igual número de crianças: 4;0-4;5 meses e 4;6-4;11 meses.

Os dados foram recolhidos com base num instrumento de nomeação espontânea original<sup>7</sup>, construído a partir dos critérios usados em Yavas, Hernandorena & Lamprecht (1992). Numa sessão única, as crianças foram convidadas a contar a história de um livro com uma sequência de cinco desenhos temáticos que formam uma narrativa, permitindo assim a nomeação em fala encadeada das palavras alvo.

Os estímulos foram selecionados tendo em conta a idade das crianças e de modo a incluírem todas as consoantes líquidas do PE em todas as posições silábicas possíveis na língua. Tentou-se também que cada segmento alvo em cada constituinte silábico e posição na palavra ocorresse em pelo menos três palavras, o que só não foi possível no grupo CCIV em posição medial.

Em (8) apresentam-se os estímulos utilizados.

<sup>7</sup> O instrumento foi construído no âmbito da investigação de doutoramento da autora, em curso na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

(8) *Estímulos utilizados*

	/l/	/k/	/r/	/t/
<b>CV inicial</b>	lagarto, lágrima, lápis, lavar, livro, lobo	---	rasgar, rato, rei, relógio	---
<b>CV medial</b>	bola, bolacha, cabelo, camisa, castelo, cavalo, estrela, janelas, relógio, vela, zoológico	colher, joe-lho, orelha, palhaço, vermelho	barriga, carro, garrafa	árvore, bandeira, banheira, cadeira, chorar, claro, girafa, nariz, orelha, pinheiro
<b>CCV inicial</b>	placa, <b>pl</b> ástica, <b>bl</b> usa, <b>cl</b> aro, <b>gl</b> obo, <b>fl</b> or	---	---	<b>br</b> aço, <b>br</b> anco, <b>br</b> inco, <b>cr</b> eme, <b>dr</b> agão, <b>fr</b> alda, <b>fr</b> ita, <b>gr</b> ande, <b>gr</b> avata, <b>gr</b> ua, <b>pr</b> aia, <b>pr</b> ato, <b>pr</b> esente, <b>pr</b> eto, <b>tr</b> ator, <b>tr</b> ês, <b>tr</b> iciclo
<b>CCV medial</b>	bicicleta, tri-ciclo	---	---	<b>abr</b> ir, <b>zbr</b> a, <b>escrever</b> , <b>pedra</b> , <b>quadro</b> , <b>vidro</b> , <b>lágrima</b> , <b>tigre</b> , <b>soprar</b> , <b>estrela</b> , <b>quatro</b> , <b>livro</b>
<b>CVC medial</b>	balde, calças, fralda, golfinho	---	---	árvore, barco, dormir, gordo, guarda-chuva, lagarto, verde, vermelho
<b>CVC final</b>	azul, pincel, sol	---	---	<b>abr</b> ir, <b>colher</b> , <b>coser</b> , <b>chorar</b> , <b>dormir</b> , <b>escrever</b> , <b>flor</b> , <b>lavar</b> , <b>mar</b> , <b>nadar</b> , <b>pintar</b> , <b>rasgar</b> , <b>soprar</b> , <b>tomar</b> , <b>trator</b>

Os dados foram gravados num gravador digital Sony Minidisc MZNH900 com microfone unidirecional Lifetech modelo LF 65, tendo sido, posteriormente, transferidos para um computador portátil ASUS N43SL e transcritos foneticamente pela autora. Todas as transcrições que suscitaram dúvidas foram revistas por um revisor experiente, tendo-se eliminado da análise todas as produções

cujas transcrições não foram coincidentes, bem como as que se consideraram motivadas por assimilação e as que foram sujeitas a epêntese, uma vez que essas estratégias de reconstrução não são motivadas pelos segmentos, que constituem o foco deste trabalho, resultando antes do efeito da sequência.

No total, foram considerados 4420 *tokens*. A análise quantitativa dos dados foi feita com recurso ao software Golsvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), tendo sido realizada apenas a análise unidimensional, que indica a frequência de produção de acordo com o alvo das consoantes em estudo.

Para considerar um segmento adquirido, foram usados os mesmos critérios propostos nos trabalhos mais recentes de aquisição do português europeu (Costa, 2010; Almeida, 2011):

- produção correta acima de 80%: segmento adquirido;
- produção correta acima de 50% (50%-79%): segmento em processo de aquisição;
- produção correta inferior a 50%: o segmento ainda não se encontra adquirido.

#### 4. Resultados

Nesta secção, serão apresentados os resultados da análise dos dados. As secções 4.1 e 4.2. incidirão sobre os dados relativos à posição de Ataque não ramificado e ramificado, respetivamente. Em 4.3., apresentam-se os resultados da análise das líquidas em posição de Coda.

##### 4.1. Ataque não ramificado

As consoantes líquidas em Ataque não ramificado apresentam, genericamente, elevados índices de produção conforme o alvo.

Conforme se pode observar no gráfico 1, os dois róticos e a lateral coronal [+anterior] são produzidos corretamente em mais de 90% das ocorrências

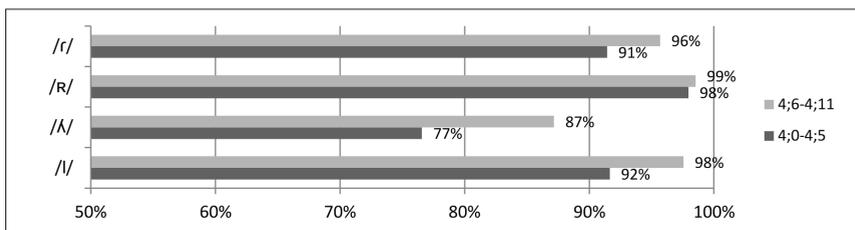


GRÁFICO 1 – Produção de líquidas em Ataque não ramificado

nas duas faixas etárias analisadas. Já a lateral coronal [anterior] apresenta valores consideravelmente inferiores, principalmente na faixa etária 4;04;5, com 77% (98/128) de produção conforme o alvo.

Deste modo, a aquisição das consoantes /l, r, r/ em sílaba CV encontra-se já estabilizada aos 4;04;6. Quanto à lateral coronal [anterior], está ainda em processo de aquisição nessa faixa etária, estabilizando aos 4;64;11.

Analisadas as estratégias utilizadas pelas crianças na não produção conforme o alvo, verificou-se uma preferência pela articulação de outro segmento, sendo o apagamento utilizado apenas residualmente com os alvos /r, r/. Já nas líquidas [+anterior], o apagamento é utilizado com mais frequência, ultrapassando até as substituições na faixa etária 4;04;6.

A tabela que se segue quantifica todas as estratégias utilizadas quando as consoantes líquidas em sílaba CV não foram produzidas conforme o alvo.

TABELA 1 - Estratégias de reconstrução das líquidas em sílaba CV

	∅	[l]	[r]	[j]	[w]	[d]	[g]	[k]	TOTAL
/r/	17	3		0	0	8	0	0	28/442
/r/	1	0	2	0	0	0	0	2	5/284
/l/	23		0	1	7	0	9	0	40/739
/r/	7	4	0	38	0	0	0	0	49/276
<b>TOTAL</b>	48	7	2	39	7	8	9	2	122/1741

Note-se que as substituições do rótico coronal pela oclusiva homorgânica [+voz] se encontram concentradas nos dados de um só informante (Manuel 4;6.20), que recorre a essa estratégia para o alvo /r/ em posição de Ataque não ramificado e em Coda final.

Em (9), apresentam-se alguns exemplos de produções diferentes do alvo, apresentando-se entre barras oblíquas a produção esperada.

(9) Exemplos de produções diferentes do alvo das consoantes líquidas em Ataque não ramificado

Lateral >> ∅	<i>lágrimas</i>	/ˈlagrimej/	→	[ˈaɣimej]	(Tiago 4;2.11)
	<i>bola</i>	/ˈboɫe/	→	[ˈbɔe]	(Leonor 4;2.17)
	<i>colher</i>	/kuˈʎer/	→	[kuˈer]	(Rodrigo 4;11.4)
>> glide	<i>janelas</i>	/ʒeˈneɫe/	→	[ʒeˈnewɛ]	(Bernardo 4;8.11)
	<i>joelho</i>	/ʒuˈeɫu/	→	[ˈjweju]	(Francisca, 4;0.25)
	<i>colher</i>	/kuˈʎer/	→	[kuˈjɛr]	(Francisco, 4,4:22)

<sup>8</sup> O rótico dorsal foi sujeito a apagamento apenas uma vez: *relógio* /kiˈloʒiu/ → [uˈlɔʒiw] (Marco 4;4.3).

	>>	oclusiva <sup>9</sup>	<i>camisola</i>	/kæmi'zɔlɐ/	→	[kæmi'zɔŋɐ]	(Francisca 4;0.25)
			<i>lobo</i>	/'lobu/	→	['gobu]	(Eva 4;10.25)
	>>	[+ant]	<i>colher</i>	/ku'ʎɛɾ/	→	[ku'lɛ]	(Francisco 4;1.6)
			<i>palhaço</i>	/pɐ'ʎasɨ/	→	[pɐ'lasu]	(Gonçalo 4;9.30)
Rótico	>>	∅	<i>bandeira</i>	/bɐ'ðɛjɾɐ/	→	[bɐ'ðɛjɐ] <sup>10</sup>	(Marco 4;4.3)
			<i>chorar</i>	/ʃu'rar/	→	[ʃu'aj]	(Francisca, 4;0.25)
	>>	oclusiva	<i>relógio</i>	/ɾi'lɔʒiu/	→	[ki'lɔʒiw]	(João 4;8.9)
			<i>banheira</i>	/bɐ'ɲɛjɾɐ/	→	[bɐ'ɲɛjðɐ]	(Manuel 4;6.20)
	>>	lateral	<i>girafa</i>	/zi'rafɐ/	→	[zi'lafɐ]	(Marco 4;4.3)
	>>	[+ant]	<i>barriga</i>	/bɐ'riɣɐ/	→	[bɐ'riɣɐ]	(Sara 4;4.24)

Observadas as produções alternativas, constata-se que a produção de glide é usada, nas faixas etárias estudadas, apenas em substituição das consoantes laterais. Note-se, porém, que [w] substitui apenas a lateral coronal [+anterior], enquanto [j] se regista apenas em substituição da lateral coronal [anterior]. A articulação de uma oclusiva é utilizada para a maioria das líquidas, exceção feita à lateral coronal [anterior], que não regista qualquer substituição por consoantes caracterizadas pelo traço [contínuo]. Ambos os róticos são substituídos por uma oclusiva homorgânica, enquanto a lateral coronal [+anterior] é preferencialmente substituída pela oclusiva dorsal [+voz]. De todas as líquidas, apenas o rótico dorsal é substituído por uma obstruinte [-voz].

A substituição do segmento coronal [anterior] ou dorsal pelo coronal [+anterior] da mesma classe encontra-se residualmente tanto nas laterais como nos róticos, enquanto a produção de outra subclasse das soantes se regista apenas com o alvo lateral coronal [-anterior].

#### 4.2. Ataque ramificado

Nesta secção, apresentam-se os dados relativos à produção da lateral e do rótico que ocorrem em palavras alvo com Ataque ramificado. Foram excluídas da análise todas as produções com vogal epentética.

<sup>9</sup> Incluem-se aqui as produções fricativadas das oclusivas sonoras. Recorde-se que as realizações [β], [ð] e [ɣ] são comuns nos dialetos setentrionais do PE, exceto em início de frase e quando antecedidas de uma homorgânica não contínua (cf. Mateus & d'Andrade, 2000:11).

<sup>10</sup> Neste caso, considerou-se que houve apagamento e não glidização do rótico (que resultaria na sequência [j] + [j]), que, por degeminação, se manifestaria apenas por [j]), com base na observação do funcionamento do sistema deste informante. Com efeito, o Marco (4;4.3) não manifesta nenhuma glidização do rótico em qualquer posição na sílaba, preferindo o apagamento, que alterna com a substituição por lateral quando o rótico está em posição intervocálica.



> >	oclusiva <i>placa</i>	/ˈplakɐ/	→ [ˈpɣakɐ]	(Francisca 4;0.25)
	<i>plasticina</i>	/plɛʃtˈsinɐ/	→ [pɣɛʃtˈsinɐ]	(Eva 4;10.25)
Rótico > > Ø	<i>creme</i>	/ˈkrɛmi/	→ [ˈkɛmi]	(Tiago 4;2.11)
	<i>fritas</i>	/ˈfritɐʃ/	→ [ˈfitɐʃ]	(Romeu 4;6.30)
	<i>escrever</i>	/ʃkriˈvɐr/	→ [ʃkiˈvɐr]	(Tirso 4;1.10)
	<i>zebra</i>	/ˈzɛbrɐ/	→ [ˈzɛβɐ]	(Ana Luísa 4;8.5)

Uma vez que a posição na palavra é um fator relevante na aquisição fonológica, apresentamos, no gráfico 3, os resultados de produção correta das líquidas em Ataque ramificado em início e no interior de palavra.

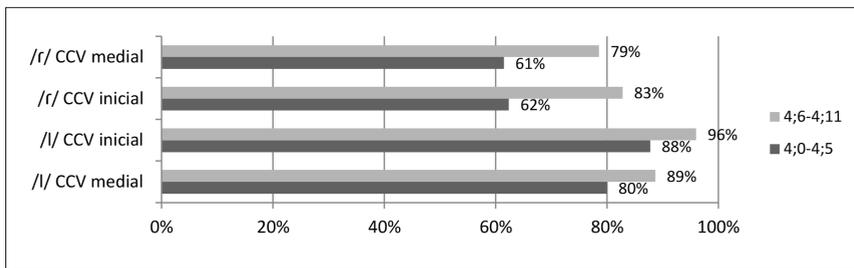


GRÁFICO 3 - Índice de produção correta das líquidas em Ataque ramificado segundo a posição na palavra

Conforme se pode verificar pela observação do gráfico 3, o Ataque ramificado medial apresenta, nas duas faixas etárias, valores inferiores aos registados nas crianças mais velhas. Destaca-se, essencialmente, o comportamento da vibrante, que regista valores na casa dos 60% em ambas as posições da palavra na faixa etária 4;0;4;5, atingindo um índice de produção correta superior a 80% apenas em início de palavra, na faixa etária 4;6;4;11, apesar de, na faixa etária anterior, registar uma percentagem muito próxima (79%). Deste modo, a aquisição da lateral estabiliza a partir dos 4 anos, enquanto a vibrante em Ataque ramificado medial parece colocar maiores problemas às crianças do estudo, não chegando a atingir os 80% de produção conforme o alvo em nenhuma faixa etária.

### 4.3. Coda

Esta secção apresenta os dados relativos à produção das líquidas em Coda. Considerou-se produção de acordo com o alvo o apagamento de /r/

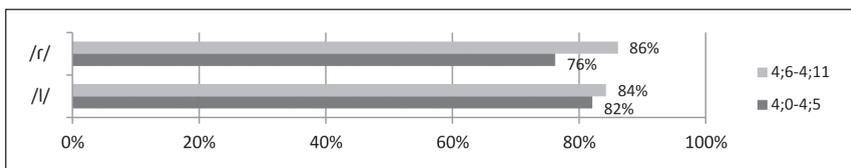


GRÁFICO 4 - Produção de líquidas em Coda

em final de palavra quando seguido de outra palavra iniciada por consoante, já que na fala adulta, em situação de discurso informal, há o apagamento deste segmento (Mateus e Rodrigues, 2004).

Começamos por apresentar, no gráfico que se segue, o índice de produção conforme o alvo das líquidas em final de sílaba.

Pela observação do gráfico 4, constata-se que a lateral ultrapassa os 80% de produção conforme o alvo na faixa etária 4;04;5, enquanto a vibrante só ultrapassa esse marco aos 4;6-4;11.

Quando não produzem corretamente estes segmentos em final de sílaba, as crianças privilegiam, de uma forma geral, o apagamento da consoante, seguindo-se a substituição por glide. Neste caso, a glide [w] é usada exclusivamente em substituição da lateral, enquanto [j] substitui apenas a vibrante, sendo a realização alternativa preferida de uma criança (a Francisca 4;0.25), que concentra 9 das 10 substituições [r] > > [j]. No caso do rótico, registam-se ainda produções residuais de oclusiva, que ocorrem apenas nos dados de dois informantes.

Na tabela que se segue apresentam-se as estratégias de reconstrução usadas pelas crianças da amostra para as líquidas em posição pósvocálica.

TABELA 3 - Estratégias de reconstrução das líquidas em sílaba CCV

	∅	[w]	[j]	[d]	[R]	TOTAL
/r/	155	0	10	4	0	169/912
/l/	33	21	0	0	1	55/327
<b>TOTAL</b>	188	21	10	4	1	224/3434

Note-se que a posição da sílaba em que ocorre a lateral pós-vocálica é determinante na estratégia a adotar, já que, em posição interna, apagamento e glidização são igualmente utilizados, enquanto o apagamento é a única estratégia registada em final de palavra.

Em (11), apresentam-se alguns exemplos de produções não coincidentes com o alvo.

(11) *Exemplos de produções não de acordo com o alvo das consoantes líquidas em Coda*

Lateral	>> Ø	<i>calças</i>	/ˈkaɫsɐj/	→	[ˈkasɐj]	(Tiago 4;2.11)
		<i>azul</i>	/ɐˈzuɫ/	→	[ɐˈzu]	(Francisca 4;0.25)
>> glide		<i>balde</i>	/baɫdi/	→	[ˈbawði]	(Lourenço 4;4.17)
		<i>fralda</i>	/ˈfraɫde/	→	[ˈfawdɐ]	(Inês 4;5.30)
Rótico	>> Ø	<i>vermelho</i>	/virˈmɛɫu/	→	[viˈmɛɫu]	(Rafael 4;7.8)
		<i>gordo</i>	/ˈgordu/	→	[ˈgoðu]	(Maria 4;1.17)
>> glide		<i>coser</i>	/kuˈzɛr/	→	[kuˈzɛ]	(Ana Luísa 4;8.5)
		<i>mar</i>	/ˈmaɾ/	→	[ˈmaj]	(Francisca 4;0.25)
>> oclusiva		<i>árvores</i>	/ˈarvurɨj/	→	[ˈajβirɨj]	(Madalena 4;5.6)
		<i>dormir</i>	/durˈmir/	→	[duˈmið]	(Manuel 4;6.20)
		<i>pintar</i>	/pĩˈtaɾ/	→	[pĩˈtað]	(Tiago 4;2.11)

No gráfico que se segue, são apresentados os índices de produção conforme o alvo das líquidas em Coda medial e final.

Os dados do gráfico 5 indicam uma maior dificuldade na produção de ambas as líquidas quando preenchem uma Coda interna. Ao contrário do constatado na análise do Ataque ramificado, a primeira líquida a estabilizar em posição pósvocálica é o rótico, e não a lateral. Com efeito, verifica-se uma maior dificuldade na produção da lateral em Coda medial, já que não chega a atingir os 80% em nenhuma faixa etária. Já a vibrante em Coda final apresenta índices de produção correta superiores a 80% a partir da faixa etária 4;0-4;5, enquanto em posição interna só atinge esse valor aos 4;6-4;11.

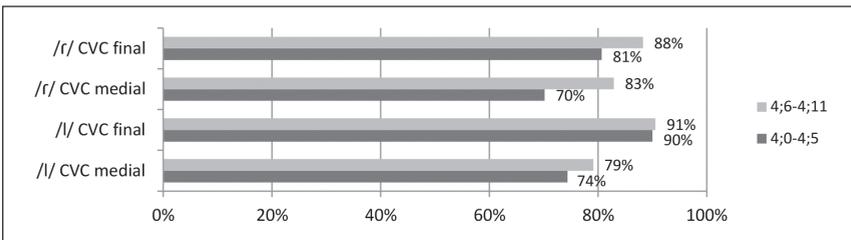


GRÁFICO 5 - Índice de produção correta das líquidas em Coda segundo a posição na palavra

## 5. Discussão dos resultados e notas finais

Os resultados descritos na secção anterior evidenciam a relação existente entre o segmento e a estrutura silábica, facto já atestado em vários estudos (entre outros, (Matzenauer-Hernandorena, 1990; Fikkert, 1994; Miranda, 1996; Freitas, 1997; Lamprecht, Bonilha, Freitas, Matzenauer, Mezzomo, Oliveira & Ribas, 2004; Nogueira, 2007; Almeida, 2011). Com efeito, apesar de a maior parte das líquidas se encontrar adquirida aos 4;0 anos, o seu domínio nas diferentes posições silábicas prolonga-se até mais tarde.

Assim, na amostra em estudo, o traço [+aproximante] encontra-se já adquirido na faixa etária 4;0-4;5, bem como a coocorrência com [± contínuo, coronal], que permite o contraste entre /l/ e /l̥/, e com [+contínuo, dorsal], que caracteriza /R/. Deste modo, a aquisição das consoantes /l, R, l̥/ em sílaba CV encontrase já estabilizada aos 4;0-4;5. Quanto à lateral coronal [anterior], está ainda em processo de aquisição nessa faixa etária, estabilizando aos 4;6-4;11.

Assim, relativamente aos segmentos em Ataque não ramificado, os resultados demonstraram que, aos 4;0-4;6, apenas a aquisição da lateral pós-alveolar não se encontra ainda estabilizada, o que acontece somente na faixa etária 4;6-4;11 anos.

Regista-se, portanto, neste estudo, uma idade de aquisição diferente para as duas laterais, à semelhança do sugerido em Costa (2010)<sup>11</sup> e do relatado para o PB (Matzenauer-Hernandorena & Lamprecht, 1997), mas contrariamente ao atestado em Freitas (2001). Note-se, porém, que este estudo se baseia na análise de dados longitudinais de 7 crianças com idades compreendidas entre 0;10 e 3;7, enquanto o nosso trabalho é de corte transversal, com uma amostra de 40 crianças entre os 4;0 e os 4;11 anos. Também Lousada, Mendes, Valente & Hall (2012) referem que ambas as laterais são adquiridas simultaneamente, na faixa etária 3;6-3;11. Esse estudo apresenta, porém, opções metodológicas bastante diferentes das que adotámos, considerando-

---

<sup>11</sup> Os dados de Costa (2010) sugerem uma idade de aquisição mais tardia para a lateral coronal [-anterior], já que as duas crianças que atingem elevados valores de produção de [l] de acordo com o alvo apresentam índices significativamente inferiores para a lateral coronal [-anterior]. Com efeito, a Inês adquire a lateral [l] aos 2;5 anos; no entanto, enquanto a lateral coronal [+anterior] é produzida corretamente em mais de 80% das tentativas, a lateral coronal [-anterior] não ultrapassa os 40% até à última sessão, aos 4;2 anos. Já a Joana só atinge os 80% de produção correta da lateral [l] na última sessão, aos 4;10 anos, registando índices inferiores a 20% para a lateral coronal [-anterior].

-se um segmento adquirido quando produzido corretamente por 75% das crianças em todas as posições alvo<sup>12</sup>.

Analisadas as produções alternativas na não realização de [ʎ], constatou-se uma preferência pela articulação da glide [j], seguindo-se a substituição pela lateral [+anterior], produções também referidas por Freitas (2001). Deste modo, a aquisição tardia de [ʎ] parece dever-se a uma coocorrência de traços que se reveste de particular dificuldade para as crianças, tal como atestado por Lazzarotto-Volcão (2009), para o PB, e por Costa (2010), para o PE. A preferência pela glide [j] em substituição de [ʎ] (atestada também em Freitas, 2001; Costa, 2010 & Almeida, 2011) indicia uma dificuldade na combinação dos traços [+aproximante, -contínuo, -coronal, -anterior], já que a glide se caracteriza pelo ponto [coronal], mas também por ser [-consonântico] e, portanto, [+contínuo]. Já na substituição pela lateral [l], há a preservação do modo de articulação, mas não do ponto, que passa de [-anterior] para [+anterior].

Quando a lateral alveolar em Ataque não ramificado não é produzida de acordo com o alvo, apresenta um padrão de substituição diferente do que se encontra descrito para o PB. Com efeito, nos dados em análise, a lateral é exclusivamente substituída pela glide [w] ou pela oclusiva [g]<sup>13</sup>, enquanto no PB se privilegia a substituição pela glide [j] ou pelas consoantes coronais [n] e [r] (Mezzomo & Ribas, 2004).

(12) Padrão de substituição da lateral [l] no PE e no PB

glidização

PE: [l] >> [w]	<i>cabelo</i>	[kɐ'pewu]	(Eva 4;10.25)
PB: [l] >> [j]		[kɐ'beju]	(Mezzomo e Ribas, 2004)

substituição

PE: [l] >> [g]	<i>lápiz</i>	[ˈgapi]	(Francisca 4;0.25)
PB: [l] >> [n, r]		[ˈnapi]	(Mezzomo e Ribas, 2004)
	<i>calo</i>	[ˈkaru]	(Mezzomo e Ribas, 2004)

<sup>12</sup> Também o instrumento de recolha de dados tem características bastante diferentes, sendo composto por 67 estímulos que contêm todas as consoantes, vogais orais e nasais, bem como os encontros consonânticos mais frequentes do PE em todas as posições. Já o instrumento utilizado no nosso estudo inclui pelo menos 3 ocorrências das consoantes do PE em todas as posições.

<sup>13</sup> Para o PE, Freitas (2001), refere que as estratégias de reconstrução de /l/ detetadas são o apagamento, a glidização por [j, w] e a substituição pela lateral [ʎ]. No entanto, a amostra utilizada é constituída por crianças com idades compreendidas entre os 0;10 (idade da mais nova na primeira sessão) e os 3;7.24 (idade da mais velha na última sessão), o que inviabiliza a comparação com os nossos dados.

Já Costa (2010: 3839) apresenta globalmente as substituições que afetam as laterais, referindo a preferência pela substituição por uma glide ou por uma nasal. A análise dos exemplos fornecidos permitiu identificar a substituição de [l] por ambas as glides e por oclusivas, entre as quais a dorsal [g].

O contraste entre os dois padrões poderá ser determinado pela diferente articulação da lateral nas duas variedades da língua, já que, de acordo com vários estudos articulatórios e acústicos (entre outros, Andrade, 1998, 1999; Emiliano, 2009; Martins, Oliveira, Silva & Teixeira, 2010; Oliveira, Teixeira e Martins, 2010; Oliveira, Martins, Teixeira, Marques & Sá Couto, 2011; Monteiro, 2012), a velarização da lateral /l/ ocorre, em PE, em todas as posições silábicas, embora em graus diferentes. Deste modo, a substituição preferencial por segmentos dorsais por parte das crianças da nossa amostra parece ser motivada pela manutenção do ponto de articulação secundário que a lateral /l/ manifesta no PE.

A análise do padrão de substituição dos róticos não revelou diferenças significativas, já que ambos apresentam um índice de produções alternativas muito reduzido nas faixas etárias estudadas, estando concentradas num número residual de informantes. Assim, as substituições [r] >> [l], são da responsabilidade de um mesmo informante (Marco 4;4.3), tal como [R] >> [r] (Sara 4;4.24<sup>14</sup>). Também 7 das 8 substituições [r] >> [d] ocorrem nos dados de uma só criança (Manuel 4;6-.20). Note-se, porém, que apenas o rótico dorsal é substituído por uma obstruinte [voz], o que pode indiciar um comportamento diferente relativamente ao coronal. Só a análise de mais dados, preferencialmente provenientes de crianças que ainda não possuam os róticos estabilizados, permitirá confirmar essa possibilidade, aduzindo argumentos à discussão sobre o estatuto fonológico do rótico dorsal. No entanto, o facto de o rótico dorsal estabilizar bastante antes do rótico em coda medial (ver também Miranda 1986, 2003; Freitas, 1997; Mezzomo, 2004a; Oliveira, 2006; Nogueira, 2007; Lousada, Mendes, Valente & Hall, 2012) é um argumento em favor da existência de dois róticos subjacentes, de acordo com Miranda (2003). Com efeito, se apenas o rótico coronal existisse no nível subjacente, sendo o rótico dorsal intervocálico o resultado da junção de dois róticos coronais, um em posição de coda, outro em posição de ataque (Mateus e d'Andrade, 2000), esperar-se-ia que a coda medial fosse dominada antes da estabilização do rótico dorsal (Miranda, 2003). Na verdade, tal como comprovam os dados apresentados, a coda medial estabiliza muito tardiamente, apenas aos 4;6-4;11 quando se encontra

---

<sup>14</sup> Note-se que o alvo /r/ é articulado como vibrante múltipla [r] por esta informante.

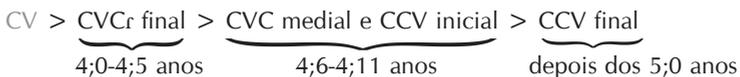


Relativamente ao rótico, verificou-se que a sua aquisição em Coda estabiliza aos 4;0-4;5 anos, quando ocorre no final da palavra, e aos 4;6-4;11, em Coda medial. Já em Ataque ramificado, constatou-se que a aquisição estabiliza aos 4;6-4;11 em início de palavra, prolongando-se para lá dessa idade em posição interna. Deste modo, o comportamento do rótico diverge do atestado para a lateral, já que estabiliza primeiro em Coda e só depois em Ataque ramificado. Resultados semelhantes são relatados por Lousada, Mendes, Valente & Hall (2012).

À semelhança do constatado para a lateral, a principal estratégia utilizada pelas crianças quando não produzem o rótico de acordo com o alvo em sílaba  $CC_rV$  ou  $CVC_r$  é a simplificação da estrutura silábica através do apagamento deste segmento.

Apresenta-se em (14) a sequência na aquisição da consoante /r/ nas diferentes posições silábicas. A cinza, assinala-se a estrutura silábica adquirida antes dos 4;0 anos.

(14) Sequência na aquisição do rótico /r/ nas diferentes posições silábicas



Em suma, a descrição da aquisição das líquidas em PE pelas crianças da amostra revela que, aos 4;0-4;5 anos, a aquisição da maior parte das consoantes líquidas em Ataque não ramificado já se encontra estabilizada, exceção feita à lateral coronal [anterior], que estabiliza apenas aos 4;6-4;11.

Os dados analisados fornecem evidência empírica suplementar para a relação de dependência entre a aquisição segmental e silábica (entre outros, Matzenauer-Hernandorena, 1990; Fikkert, 1994; Miranda, 1996; Freitas, 1997; Lamprecht, Bonilha, Freitas, Matzenauer, Mezzomo, Oliveira & Ribas, 2004; Nogueira, 2007; Almeida, 2011). Com efeito, apesar de as líquidas coronais [+anterior] se encontrarem adquiridas em Ataque não ramificado aos 4;0-4;5 anos, só a partir dessa idade estabilizam, de uma forma geral, em Ataque ramificado e em Coda, sendo apenas a lateral em Coda final adquirida mais cedo.

Os resultados mostraram que estabilização das líquidas em Ataque ramificado e em Coda apresenta percursos diferentes: a lateral estabiliza primeiro em Ataque ramificado ( $CC_rV > > CVC_r$ ), enquanto a vibrante esta-

biliza primeiro em Coda ( $CVC_r > > CC_rV$ ). A mesma sequência encontra-se também atestada em Lousada, Mendes, Valente & Hall (2012).

Além da constituência silábica, a posição na palavra mostrou-se também importante na estabilização desses segmentos, não tendo sido exploradas outras variáveis, como a tonicidade, que poderão também assumir relevância nesse processo.

#### REFERÊNCIAS

- Almeida, L. 2011. *Acquisition de la structure syllabique en contexte de bilinguisme simultané portugais-français*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bernhardt, B.H. & Stemberger, J.P. 1998. *Handbook of phonological development (from the perspective of constraint-based non-linear phonology)*. California: Academic Press.
- Chomsky, N. (1986). *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- Correia, S. 2004. *Aquisição da rima em PE. Ditongos e consoantes em final de sílaba*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Costa, T. 2010. *The acquisition of the consonantal system in European Portuguese: Focus on place and manner features*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- d'Andrade, A. 1998. Variação fonética do // em Ataque silábico em Português Europeu. *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri/APL, 55-76.
- d'Andrade, A. 1999. On // velarization in European Portuguese. *International Congress of Phonetics Sciences (ICPhS)*, San Francisco, August 1999, 543-546.
- Emiliano, A. 2009. *Fonética do Português Europeu: Descrição e Transcrição*. Lisboa: Guimarães Universitária.
- Fikkert, P. 1994. *On the acquisition of prosodic structure*. Dordrecht: HIL.
- Freitas, M. J. 1997. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Freitas, M. J. 2001. Os pontos nos seus lugares: as líquidas na aquisição do Português Europeu. In I. Castro & I. Duarte (eds). *Razão e emoção. Estudos para Maria Helena Mateus*. Lisboa: INCM, 307-326.
- Freitas, M. J. 2003. The acquisition of Onset clusters in European Portuguese. *Probus. International Journal of Latin and Romance Linguistics*. 15 (1): 27-46.
- Girelli, C. A. 1988. *Brazilian Portuguese syllable structure*. Dissertação de doutoramento. University of Connecticut.
- Jesus, L. M. T. & Shadle, C. H. 2005. Acoustic analysis of European Portuguese uvular [χ, ɣ] and voiced tapped alveolar [ɺ] fricatives. *Journal of the International Phonetic Association*. 35(1): 1-18.

- Lamprecht, R. R., Bonilha, G. F. G., Freitas, G. C. M., Matzenauer, C. L. B., Mezzomo, C. L., Oliveira, C. C.; Ribas, L. P. (Eds.) 2004. *Aquisição fonológica do português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre: Artmed.
- Lazzarotto-Volcão, C. 2009. *Modelo padrão de aquisição de contrastes: uma proposta de avaliação e classificação dos desvios fonológicos*. Dissertação de doutoramento. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas.
- Lousada, M. Mendes, A. P., Valente, A. R. e Hall, A. (2012). Standardization of a Phonetic-Phonological Test for European-Portuguese Children. *Folia Phoniatrica y Logopaedica*. 64:151–156.
- Martins, P., Oliveira, C., Silva, A., & Teixeira, A. (2010). Articulatory Characteristics of European Portuguese Laterals: a 2D & 3D MRI Study. *Fala 2010, VI Jornadas en Tecnología del Habla and II Iberian SLTech Workshop*, Vigo.
- Mateus, M. H. & d'Andrade, E. 2000. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, M. H. & Rodrigues, C. 2004. A vibrante em Coda no português europeu. *Atas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Lisboa*, 289-299.
- Matzenauer-Hernandorena, C. L. & Lamprecht, R. 1997. A aquisição das consoantes líquidas do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. 32(4): 7-22.
- Matzenauer-Hernandorena, C. L. 1990. *Aquisição da fonologia do Português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese de Doutoramento apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Mezzomo, C. L. & Ribas, L. P. 2004. Sobre a aquisição das Líquidas. In: R. Lamprecht et al. (Eds.), *Aquisição fonológica do português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre: Artmed, 95-109.
- Mezzomo, C. L. 2004. Sobre a aquisição da Coda. In: R. Lamprecht et al. (Eds.). *Aquisição fonológica do português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia*. Porto Alegre: Artmed, 129150.
- Miguel, M. A. C. 1993. *Os padrões das alternâncias vocálicas e da vogal zero na fonologia portuguesa*. Dissertação de doutoramento. Universidade dos Açores.
- Miranda, A. R. 1996. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Porto Alegre, RS. 1996. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica.
- Miranda, A. R. M. 2003. A representação das consoantes róticas nos sistemas de crianças brasileiras e argentinas. *Letras de Hoje*. 38(2): 111-122.
- Monteiro, D. 2012. *Varição Dialeto das Laterais do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro.
- Morales-Front, A. & Holt, E. 1997. On the interplay of morphology, prosody, and faithfulness in Portuguese pluralization. In: F. Martínez-Gil; A. Morales-Front (Eds.). *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian Languages*. Washington D. C: Georgetown University Press, 393-437.
- Oliveira, C., Martins, P., Teixeira, A., Marques, I., & Sá-Couto, P. 2011. An Articulatory and Acoustic Study of the European Portuguese /l/. *17th International Congress of Phonetic Sciences – ICPhS XVII*, Hong-Kong.

- Oliveira, C., Teixeira, A., & Martins, P. 2010. Towards an articulatory characterization of European Portuguese /l/. *Proceedings of the third ISCA Tutorial and Research Workshop on Experimental Linguistics*. Athens: ISCA and University of Athens, 133-136.
- Rennicke, I. & Martins, P. T. 2012. Algumas considerações sobre as realizações fonéticas de /R/ em português europeu. *XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Universidade do Algarve, Portugal.
- Sakkoff, D., Tagliamonte, S. & Smith, E. 2005. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto.
- Yavas, M., Hernandorena, C. L.; Lamprecht, R. R. 2002. *Avaliação fonológica da criança*. Porto Alegre: Artmed editora.

# Ênclise e próclise na coordenação\*

Gabriela Matos

mgabrielamatos@yahoo.co.uk

Madalena Colaço

mmcolaco@gmail.com

*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Centro de Linguística da  
Universidade de Lisboa (Portugal)*

**ABSTRACT:** In European Portuguese the unmarked pattern of clitic placement in finite sentences is enclisis, proclisis occurring under the local scope of specific items, namely overt CPs or items with negative, quantificational and focus content. In this study we will propose an analysis of proclisis in sentence coordination, an issue that only recently has received some attention in the field (Martins 2013, Matos & Colaço 2013). We will claim that proclisis in coordination may be induced either by the features of some single and correlative conjunctions, or by the discourse value of some correlative coordinate structures. Proclisis in coordination may also occur with a conjunction that is not a proclisis inducer, if this one is itself under the scope of a proclisis trigger. This fact suggests that there are contexts of long-distance proclisis in European Portuguese. However, we will show that all these cases may be subsumed under local proclisis, taking into account the properties of Conj as an underspecified category that, by Agree, shares the categorial nature of its specifier. The optionality of proclisis in long-distance contexts may also be explained. In fact, this optionality is only apparent and is an effect of the sentential level involved in coordination.

**KEY-WORDS:** coordination, enclisis, proclisis, long-distance proclisis, correlative coordination, European Portuguese

**RESUMO:** Em Português europeu, o padrão neutro de colocação de clíticos em frases finitas é a ênclise, ocorrendo a próclise sob escopo local de itens específicos, nomeadamente CPs realizados ou itens com conteúdo negativo, quantificacional ou de foco. Neste estudo, proporemos uma análise da próclise em estruturas de coordenação oracional, um tópico que apenas recentemente recebeu alguma atenção (Martins 2013, Matos & Colaço 2013). Proporemos que a próclise na coordenação pode ser induzida ou pelos traços de algumas conjunções simples ou correlativas, ou pelo valor discursivo de algumas estruturas de coordenação correlativa. A próclise na coordenação pode também ocorrer com uma conjunção coordenativa não proclisadora, se esta estiver sob o escopo de um proclisador. Este facto sugere a existência de contextos de próclise a longa distância em Português europeu. No entanto, mostraremos que esses casos podem integrar-se no

---

\* Agradecemos os comentários e as sugestões dos revisores, que nos permitiram refletir melhor sobre algumas questões e explicitar de forma mais clara a nossa análise. Agradecemos também aos nossos informantes, que nos permitiram ter uma maior segurança relativamente aos dados.

fenómeno de próclise local, tendo em conta as propriedades de Conj enquanto categoria subespecificada que, por Agree, partilha a natureza categorial do seu especificador. A opcionalidade da próclise em contextos de longa distância pode também ser explicada. Na verdade, esta opcionalidade é apenas aparente, sendo um efeito do nível oracional envolvido na coordenação.

PALAVRAS-CHAVE: coordenação, ênclise, próclise, próclise a longa distância, coordenação correlativa, Português europeu

## 1. Introdução

O Português europeu (PE) e o Galego diferem das restantes línguas românicas pelo facto de a ênclise ser o padrão não marcado da colocação dos clíticos em domínios oracionais finitos (Duarte & Matos 1995, 2000, Martins 2013, Uriagereka 1995, e.o.):

- (1) a. Ela *viu-os*. (PE)
- b. Xan Rodriguez *veuno*. (Galego)

As análises clássicas de colocação dos clíticos nestas línguas incluem, normalmente, os complementadores conjuncionais realizados no elenco dos desencadeadores de próclise (2)<sup>1</sup>, mas excluem as conjunções coordenativas.

- (2) a. Ele disse *que* a Maria *a* *achou* pálida.
- b. Ela telefona, *se* tu *lhe* *pedires*.
- (3) Ele está em casa, *porque* ela *viu-o* na sala.

No entanto, foi já mostrado em alguns trabalhos (e.g. Cunha & Cintra 1984, Matos 2004, 2006, Martins 2013, Matos & Colaço 2013) que a próclise pode também ocorrer sob o escopo de uma conjunção coordenativa, mesmo na ausência de um proclisador realizado distinto, como está ilustrado em (4):

- (4) Das duas uma: *ou* *as* *faz* ela *ou* *as* *faço* eu. (Cunha & Cintra 1984)

Partindo de trabalhos anteriores, em que se descrevem os contextos de ocorrência da próclise e da ênclise na coordenação (Martins 2013, Matos

<sup>1</sup> O exemplo em (i), de Uriagereka (1995), ilustra a ocorrência de próclise no contexto de um complementador conjuncional em Galego:

(i) Quero *que* o oiades.

& Colaço 2013<sup>2</sup>), proporemos uma análise que dê conta dos padrões de colocação dos clíticos na coordenação no âmbito do modelo atual da Teoria de Princípios e Parâmetros. Mostraremos que a distribuição da próclise nas orações coordenadas decorre da interação das propriedades inerentes do núcleo funcional Conj com os traços semânticos das conjunções coordenativas selecionadas do Léxico ou o valor discursivo da estrutura coordenada. Na sequência da análise efetuada, mostraremos que a próclise na coordenação resulta dos mesmos fatores semânticos e discursivos que determinam a sua ocorrência nos restantes domínios oracionais<sup>3</sup>.

Este artigo tem a seguinte estrutura: na secção 2, procederemos à revisão dos diferentes tipos de proclisadores em PE em frases raiz e subordinadas, sem considerar a coordenação; na secção 3, descreveremos a distribuição dos clíticos na coordenação, relacionando a próclise com o conteúdo semântico das conjunções ou com os valores discursivos da estrutura coordenada; nas secções 4 a 6, proporemos uma análise dos padrões dos clíticos na coordenação: na secção 4, procederemos a uma análise estrutural da próclise na coordenação na presença de um indutor de próclise local; na secção 5, trataremos os casos de aparente próclise a longa distância em orações coordenadas; na secção 6, daremos conta da opcionalidade da próclise em contextos de longa distância. Finalmente, na secção 7, apresentaremos algumas conclusões.

## 2. Próclise em frases raiz e subordinadas em Português europeu

Em PE, a próclise é desencadeada pela presença de elementos específicos<sup>4</sup>, nomeadamente complementadores realizados (5), constituintes *wh* (6),

---

<sup>2</sup> Martins (2013) apresenta uma descrição dos padrões de ordem dos clíticos em PE em frases simples e complexas. Focando-se exclusivamente na coordenação, Matos & Colaço (2013) identificaram independentemente padrões semelhantes em orações coordenadas. Estes dois estudos têm diferentes objetivos: em Martins (2013), pretendeu-se uma descrição exaustiva de todos os contextos de ocorrência de próclise, ênclise e mesóclise em PE. Numa perspetiva diferente, Matos & Colaço (2013) esboçaram uma primeira análise para dar conta da próclise e da ênclise na coordenação no âmbito do quadro teórico do Programa Minimalista.

<sup>3</sup> Um revisor considera que a pesquisa sobre a distribuição de próclise em coordenação fica esvaziada de sentido se não considerarmos que a coordenação é um contexto de ênclise. Esta posição parece-nos excessivamente restritiva, dado que a ênclise é o padrão geral de colocação dos clíticos em Português europeu tanto em frases coordenadas, como nas frases raiz, como em subordinadas não-finitas e ocorre inclusivamente em algumas subordinadas finitas. Em suma, ênclise surge sempre que os feixes de traços dos elementos do Léxico que instanciam Conj(unção) ou o domínio C(omplementador) não apresentam propriedades proclisadoras, ou não existem constituintes indutores de próclise independentes com escopo local sobre o clítico e o seu hospedeiro. Abordaremos pormenorizadamente esta questão nas secções 3 e 4 e 5.

<sup>4</sup> O mesmo acontece em Galego (Uriagereka 1995), Grego Cipriota (Terzi 1999) e Berber (Schlonsky 2004).

negação (7), expressões quantificadas (8), elementos focalizadores realizados (9), alguns advérbios modais e aspetuais (10) e foco contrastivo (11):

- (5) a. Ela telefona se tu *lhe* pedires.  
b. Ela pediu *para lhe* telefonar.
- (6) a. *O que lhe* compraste?  
b. A Maria perguntou a *quem o* ofereceste?
- (7) a. A Ana *não lhe* telefonou.  
b. *Ninguém nos* telefonou.
- (8) a. *Todos os alunos nos* cumprimentaram.  
b. *Qualquer cliente o* compra com satisfação.
- (9) *Só ontem te vi*.
- (10) a. Talvez eu *lhe dê* um livro.  
b. A Ana *ainda nos* telefona todos os dias.
- (11) a. Isso *lhe* diria eu, se pudesse!  
b. A GRANDE NOTÍCIA *te* dou eu agora. (Cunha & Cintra 1984)

A próclise obedece a certas restrições estruturais. Como primeiro requisito, o proclisador tem de preceder e c-comandar o clítico (Duarte 1983, Duarte & Matos 2000, Duarte et al. 2005), como é mostrado no contraste entre (12a) e (12b), (12c):

- (12) a. *Todos os alunos nos* cumprimentaram.  
b. Cumprimentaram-*nos todos os alunos*.  
c. [Os pais de [*todos os miúdos*]] acompanharam-*nos* à festa.

Adicionalmente, o proclisador tem de ter escopo local estrito sobre o clítico e o seu hospedeiro (veja-se (13) vs.(14)):

- (13) [<sub>CP</sub> *Ninguém* prometeu [<sub>CP</sub> levá-*lo* ao cinema] ]
- (14) \* *Ninguém* prometeu [<sub>CP</sub>o levar ao cinema]

Os exemplos (13) e (14) exibem dois domínios oracionais completos: a frase raiz com o verbo *prometer* e o CP selecionado pelo verbo; tal como esperado, o clítico ocorre em ênclise ao verbo do CP encaixado, visto que, neste domínio, não existe nenhum proclisador.

### 3. Ênclise e próclise na coordenação

Em muitos estudos sobre o PE ou se ignora a questão da colocação dos clíticos na coordenação ou se assume que ocorrem em ênclise (e.g. Lobo 2002, 2003). No entanto, os dados mostram que não é a construção de coordenação que determina a ênclise ou a próclise (cf. Martins 2013 e Matos & Colaço 2013), mas as propriedades do núcleo funcional Conj(unção) e das conjunções que o ocupam. Este facto é esperado, uma vez que as construções são entidades pré-teóricas, cujas características decorrem das unidades que as compõem e da forma como se organizam estruturalmente. No entanto, de um ponto de vista estrutural, as estruturas de coordenação não divergem das de subordinação: ambas são analisadas em termos das configurações de Especificador-Núcleo-Complemento (e.g. coordenação integrada e subordinação completiva) e de Adjunção (e.g. coordenação parentética e subordinação adverbial).<sup>5</sup> São os traços dos itens que efetivamente instanciam os núcleos funcionais Conj e C(omplementador) que determinam a presença de ênclise ou próclise nos domínios frásicos que introduzem. Deste modo, consoante os traços inerentes das conjunções ou locuções conjuncionais concretamente selecionadas, ocorrerá ênclise ou próclise nas frases coordenadas: *mas*, *e* e *ou* não induzem próclise<sup>6</sup> (15); *nem*, *tanto...como*, *não só...como*, *não só... mas também* desencadeiam próclise no domínio frásico sobre o qual têm escopo (cf. (16), (17) e (18)); por sua vez, as conjunções correlativas *ou...ou* e *ora...ora* admitem próclise ou ênclise (19)<sup>7</sup>:

---

<sup>5</sup> Recorde-se que há autores que, na esteira de Kayne 1994, procuram reconduzir todas as estruturas a configurações de Especificador-Núcleo-Complemento.

<sup>6</sup> Note-se, no entanto, que um dos revisores nos chamou a atenção para a possível aceitabilidade de frases como *O João viu a Maria na universidade ou o Pedro te disse que a viu lá?*, em que a próclise ocorre na frase matriz do segundo termo coordenado iniciado pela conjunção singular *ou*. Esta possibilidade não existe na nossa gramática nem na dos informantes que consultámos, razão pela qual não a consideraremos neste trabalho.

<sup>7</sup> Também na subordinação, a projeção de C(omplementador), em si mesma, não garante a presença de próclise. Consoante seja ou não ocupada por elementos proclisadores, ocorre próclise ou ênclise. Assim, nas frases subordinadas de (5), *se* e *para* induzem próclise, contrariamente ao complementador nulo da oração subordinada em (13). O contraste entre (5b) e o exemplo seguinte mostra ainda que o complementador *para* admite tanto próclise como ênclise:

(i) Ela pediu *para* telefonar-lhe.

Note-se que em (i) como em (5b), *para* ocupa a posição de complementador e não pode ser interpretado como uma preposição, uma vez que a subordinada funciona como objeto direto e não como um complemento oblíquo (cf. (ii) e, consequentemente, alterna com frases finitas iniciadas pelo complementador *que* (cf. (iii)):

(ii) Ela pediu isso (#Ela pediu para isso).

(iii) Ela pediu que lhe telefonasse (\*Ela pediu para que lhe telefonasse).

- (15) a. O rapaz olhou para a rapariga e/mas achou-a antipática.  
b. O João viu a Maria na universidade ou encontrou-a no Metro.
- (16) O rapaz não viu a rapariga {nem a cumprimentou /\*nem cumprimentou-a.}
- (17) O cão *tanto* brinca com os vizinhos *como* {os ataca/\*ataca-os}.
- (18) Ele não só compra livros como {os lê/\*lê-os}.
- (19) a. A Ana *ou/ora* os visita *ou/ora* lhes telefona.  
b. A Ana *ou/ora* visita-os *ou/ora* telefona-lhes.

A alternância entre próclise e ênclise sob o escopo das conjunções correlativas disjuntivas *ou...ou* e *ora...ora* não é arbitrária: a presença de próclise está associada a contraste enfático entre os termos coordenados (marcado em (20) e (21) pelas maiúsculas nas conjunções correlativas), como mostra a marginalidade de ênclise em (20b). Uma vez que na coordenação disjuntiva correlativa, o valor exclusivo está estreitamente associado a um valor de contraste exaustivo dos termos coordenados, admitimos que é a associação desse valor com a focalização que determina o estatuto proclizador da expressão coordenativa correlativa distributiva<sup>8</sup>:

- (20) a. Das duas uma: *OU* as faz ela *OU* as faço eu.  
b. \*/?Das duas uma: *OU* fá-las ela *OU* faço-as eu.
- (21) a. A Ana *ORA* os visita *ORA* lhes telefona.  
b. ??A Ana *ORA* visita-os *ORA* telefona-lhes.

Assim, as conjunções e locuções conjuncionais que desencadeiam próclise em frases coordenadas apresentam os seguintes valores:

- (22) (i) Negação (veja-se a conjunção negativa *nem* em (16)).  
(ii) Quantificação (veja-se a expressão quantificacional distributiva *tanto...como* em (17))<sup>9</sup>.  
(iii) Marcação de focalização (veja-se a expressão correlativa *não só...como* em (18)).

<sup>8</sup> Sánchez Lopes (1999) admite que o valor exclusivo dos coordenadores correlativos *ou...ou* legitima interpretações distributivas, e aproxima a coordenação correlativa distributiva dos quantificadores distributivos. No que diz respeito à colocação dos clíticos sob o escopo de *ou...ou*, *ora...ora*, consideramos que o valor quantificacional distributivo só determina a próclise quando é intensificado pela focalização.

<sup>9</sup> O correlativo *tanto... como* apresenta um valor distributivo. Sánchez López (1995, 1999) aproxima-o, em espanhol, dos quantificadores distributivos.

- (iv) Focalização contrastiva (vejam-se as expressões disjuntivas exclusivas *ou...ou, ora...ora* em (20) e (21))<sup>10</sup>.

Os casos até agora analisados mostram os coordenadores que determinam inerentemente próclise na coordenação, que exibem valores semânticos e discursivos semelhantes aos proclisadores que ocorrem nos restantes domínios frásicos, em especial nas frases raiz. Este facto aponta para a possibilidade de uma análise unificada da próclise em todos os domínios oracionais em PE, questão que sai do alcance do presente artigo.

No entanto, num aspeto a coordenação apresenta um comportamento específico, que a distingue nomeadamente da subordinação. Como os exemplos seguintes mostram, sob o escopo local das conjunções *e, ou* e *mas*, que caracteristicamente não incluem traços proclisadores, a próclise pode ocorrer desencadeada por um elemento exterior ao termo coordenado introduzido pela conjunção.

- (24) a. O Pedro disse *que* o João olhou para a Maria e a achou pálida.  
b. O Pedro desconhecia *se* ela saíra *mas lhe* telefonaria à hora do jantar.

Este facto sugere que há contextos de próclise a longa distância em PE e que as conjunções coordenativas são transparentes relativamente a elementos externos que tenham escopo sobre elas. Com efeito, as propriedades de Conj tornam a coordenação suscetível de manifestar proclinação quando estão associados indutores de próclise exteriores à estrutura coordenada. Com efeito, Conj é um núcleo funcional que projeta uma configuração Especificador-Núcleo-Complemento (Kayne 1994), mas é subespecificado categorialmente. Os seus traços categoriais são validados por *Agree* pelos traços categoriais de um dos termos coordenados que seleciona (Matos 1995), nomeadamente o especificador (Matos 1997, Colaço 1998, 2005, Johannessen 1998), como é mostrado em (24):

---

<sup>10</sup> Um dos revisores, com base num exemplo em que o foco contrastivo incide sobre um sujeito pré-verbal, afirma que o foco contrastivo não determina a próclise (*O JOÃO viu-a, não foi a Ana*). Independentemente da aceitabilidade que atribuirmos ao exemplo dado, consideramos que a focalização contrastiva pode determinar próclise nos casos em que o elemento focalizado é a própria conjunção: o núcleo da coordenação disjuntiva exclusiva. Note-se que em (20a) o sujeito ocorre como foco informacional em posição pós-verbal e em (20b) é externo à estrutura coordenada, i.e. ao constituinte focalizado. Assim, aproximamos os casos de (20a) com os de focalização contrastiva em (11), ainda que não os identifiquemos, visto que nos últimos exibem foco contrastivo com um argumento ou adjunto do verbo anteposto, e os exemplos em (20a) e (21a), apresentam focalização da conjunção correlativa que introduz cada um dos termos coordenados.

(24) [Conj (P) = X(P) X(P) [[Conj = X] Y(P) ]

Em (24), X(P) é o especificador de Conj e Y(P) é o seu complemento, assumindo a *Bare Phrase Structure Hypothesis* de Chomsky (1995), de acordo com a qual as projeções máximas e as mínimas não são distintas e o seu estatuto funcional depende das posições que ocupam na estrutura sintagmática. Assim, Conj comporta-se como um núcleo transcategorial (Colaço 2005) que pode coordenar qualquer categoria sintática, como está ilustrado em (25), para CP, TP e NP:

- (25) a. Ela não disse [ <sub>CP</sub> que fazia o bolo] nem [ <sub>CP</sub> que o comprava]  
 b. Acho [que [ <sub>TP</sub> Ele bebeu uma cerveja] e [ <sub>TP</sub> comeu uma fatia de bolo]].  
 c. [[ <sub>DP</sub> O João] e [ <sub>DP</sub> a Maria]] telefonaram.

A subespecificação de Conj e a sua capacidade de integrar os traços dos membros coordenados que articula está na base da análise a que procederemos na próxima secção e é fundamental para compreendermos o que designámos como próclise a longa distância (cf. secção 5).

#### 4. Próclise induzida por uma conjunção coordenativa simples ou correlativa

Como afirmámos anteriormente, devido ao seu conteúdo semântico, uma conjunção coordenativa simples pode atuar como proclisador local no domínio oracional que c-comanda localmente. Esta possibilidade é ilustrada por *nem*, que tem um conteúdo intrinsecamente negativo, (26b):

- (26) a. Ele não comprou o livro *nem* ela o requisitou.  
 b. [ <sub>Conj(P)=T(P)</sub> [ <sub>TP</sub> ele não comprou o livro] [ <sub>Conj(P)</sub> [ <sub>Conj=T</sub> *nem* [+neg]] ela o requisitou]]

Da mesma forma, as expressões correlativas com traços focalizadores são proclisadores no termo coordenado que está sob seu escopo local:

- (27) Ele *não só* compra livros *como (também)* os lê.

Assumindo que, em *não só...como*, o primeiro elemento da expressão correlativa ocorre em adjunção ao primeiro termo coordenado<sup>11</sup>, (27) será representado como em (28):

<sup>11</sup> A posição ocupada pelo primeiro membro coordenativo de uma estrutura correlativa tem sido alvo de análises alternativas. Esse marcador de coordenação inicial poderá encabeçar ou toda a estrutura de coordenação, como em (i), ou ser inserido em adjunção ao primeiro termo coordenado, como em (ii).

(28) Ele [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>T(P)</sub> não\_só [compra livros]] [<sub>Conj(P)</sub> [<sub>Conj–T</sub> como [+ foc]] [os lê ]]]

Finalmente, a coordenação correlativa que não envolve conjunções coordenativas proclisadoras, mas que integra conjunções *ou...ou*, *ora...ora* em construções com valor enfático, pode ser caracterizada como uma estrutura de foco contrastivo:

(29) a. *Das duas uma: ou as faz ela ou as faço eu.*  
 b. *A Ana ora os visita ora lhes telefona.*

Assumimos que, nestas frases, a coordenação opera no nível da projeção de foco pré-verbal FocP, envolvida no foco contrastivo em línguas como o PE (veja-se a representação simplificada em (30), para o exemplo (29a)):

(30) ... [<sub>Conj(P)–Foc(P)</sub> [<sub>Foc(P)</sub> [<sub>Foc</sub> OU ] [<sub>TP</sub> as faz ela] [<sub>Foc(P)</sub> [<sub>Conj–Foc</sub> OU] [<sub>TP</sub> as faço eu]]]]

Em (30), o primeiro elemento da expressão correlativa, *ou*, é inserido por *Merge* no núcleo Foc, induzindo a próclise no primeiro termo coordenado. *Agree* opera e o núcleo Conj, instanciado pelo segundo elemento da conjunção correlativa, *ou*, torna-se categorialmente não distinto de Foc. Nestas circunstâncias, Conj induz a próclise no segundo termo coordenado.<sup>12</sup>

Note-se que não se está a dizer que todas as coordenações com conjunções disjuntivas coordenativas exibem *Focalização contrastiva*<sup>13</sup>, como aliás está patente nos dados em (19), que exibem alternância entre próclise e ênclise. Quando o locutor não tem a intenção de focalização os termos correlativos disjuntivos, o marcador de início de coordenação (*ou*, *ora*) ocorre associado a outras projeções *funcionais frásicas*.<sup>14</sup>

(i) [<sub>Conj(P)–X(P)</sub> [<sub>Conj(X)</sub> CORRELATO [<sub>Conj(P)–X(P)</sub> CONJ] XP]]  
 (ii) [<sub>Conj(P)–X(P)</sub> [X(P)CORRELATOXP] [<sub>Conj(P)–X(P)</sub> [<sub>Conj(T)</sub> CONJ] XP]] ]

Para uma discussão desta questão veja-se Kayne (1994), Matos (1995), Johannessen (1998).

<sup>12</sup> Como um revisor observa, em (30) são coordenados dois constituintes categorialmente diferentes, um FocP e um TP. Porém, como abundantemente referido na literatura, nada obriga a que os constituintes coordenados apresentem exatamente a mesma natureza categorial. Para exemplos do Português europeu apresentando esta propriedade, veja-se, por exemplo Matos (2003), Matos e Raposo (2013).

<sup>13</sup> Pensamos que é o que acontece no exemplo (i) que nos apresentou um dos revisores. Neste exemplo ocorre o marcador de focalização *é que*, que assumimos ocupar o núcleo da projeção de Foco, na periferia esquerda da frase.

(i) A Joana é que ou as fez ou está para fazer.

Pensamos que a próclise no primeiro termo coordenado é desencadeada por *é que*, uma vez que, como vimos, as conjunções são permeáveis ao escopo de um proclisador local externo à estrutura coordenada.

<sup>14</sup> Neste caso, como vimos na nota 10, o marcador de coordenação inicial poderá encabeçar ou toda a estrutura de coordenação, (i), ou ser inserido em adjunção ao primeiro termo coordenado, (ii):

(i) [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>Conj(T)</sub> ou] [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> TP [<sub>Conj(T)</sub> ou TP]]]  
 (ii) [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>T(P)</sub> ou TP] [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>Conj(T)</sub> ou TP]] ]

### 5. Próclise a longa distância na coordenação

Os exemplos seguintes ilustram aquilo a que chamámos próclise a longa distância na coordenação: a próclise ocorre no segundo termo da coordenação, após uma conjunção coordenativa não proclisadora, e, aparentemente, o proclisador ocorre no primeiro termo coordenado, (31), ou numa posição exterior à estrutura coordenada, (32):

- (31) a. *Ninguém* requisitou o livro *ou mo pediu* emprestado.  
 b. *Qualquer pessoa* comete erros e *se arrepende* mais tarde.
- (32) a. *Talvez* o Pedro proteste mas a Ana te dê razão.  
 b. Se tu pensares melhor e nós *lhe pedirmos* ajuda, ela não recusa.

Assumimos que, em (31), estamos perante construções com sujeito ATB. A extração simultânea do sujeito tem sido usada por diversos autores – veja-se Grimshaw (1992), McNally (1992), Heycock & Zamparelli (2000), Matos & Costa (2000), Zhang (2009), Bjorkman (2012), entre outros – para explicar a relação de correferência obrigatória que se estabelece entre os sujeitos, em estruturas de coordenação aditiva de constituintes oracionais. O tratamento de frases como as de (31) como instâncias de ATB permite, neste caso, adicionalmente, dar conta da próclise que se verifica no interior do segundo termo coordenado. Considerando apenas os aspetos relevantes da derivação, as frases de (31) podem ser representadas como em (33), onde “\_” representa a cópia apagada:

- (33) a. [*Ninguém*<sub>i</sub> [<sub>Conj(P)-T(P)</sub> [<sub>TP</sub> <sub>i</sub> requisitou o livro] [<sub>Conj-T</sub> *ou*] [<sub>TP</sub> <sub>i</sub> *mo pediu*...]]]  
 b. [*Qualquer pessoa*<sub>i</sub> [<sub>Conj(P)-T(P)</sub> [<sub>TP</sub> <sub>i</sub> comete erros] [<sub>Conj-T</sub> *e*] [<sub>TP</sub> <sub>i</sub> *se arrepende*...]]]

Em ambas as frases, o sujeito é extraído *across-the-board* de cada termo coordenado e tem escopo local sobre Conj(P), que é uma categoria não distinta de T(P), através de *Agree*, e legitima a próclise em ambos os termos coordenados, como se verifica em (34):

- (34) *Ninguém* o requisitou *ou mo pediu* emprestado.

Por outro lado, nos exemplos (32), o advérbio *talvez* e o complementador se têm escopo local sobre os TPs coordenados, que foram inseridos por *Merge* numa projeção funcional mais alta (CP no caso de se e o advérbio

modal *talvez*), dando origem a uma configuração do tipo *across-the-board*. O facto de afirmarmos que, em (32), estamos perante uma configuração do tipo ATB não significa forçosamente que a colocação do advérbio *talvez* na posição em que é soletrado resulta de movimento. Esta é uma questão que não desenvolvemos neste trabalho. Note-se, no entanto, que, para diversos autores – por exemplo, Matos (2000), Zhang (2004), Han (2008) –, ATB designa, antes de mais, um tipo de configuração sintática em que um constituinte estruturalmente mais alto estabelece uma relação de c-comando com ambos os termos de uma estrutura coordenada.

Assim, atribuímos a seguinte representação às frases de (32):

- (35) a. [[*Talvez*]<sub>[Conj(P)-T(P)]</sub> [*O Pedro protesta*]<sub>[T(P)]</sub>] [ [*mas*]<sub>[Conj-T]</sub> [*Ana te dê razão*]<sub>[T(P)]</sub> ]  
b. [[*Se*]<sub>[CP-Se]</sub> [*tu pensares melhor*]<sub>[T(P)]</sub>] [ [*nós lhe pedirmos ajuda*]<sub>[T(P)]</sub> ]...

A existência de c-comando local é particularmente evidente com *talvez*, dado que, no exemplo (35a), este advérbio modal induz o modo Conjuntivo em ambos os termos coordenados, e não apenas no primeiro, como seria de esperar se não tivesse escopo local sobre o segundo termo coordenado (cf. secção 6, exemplo (36b)). Por outro lado, o facto de o complementador e o advérbio ocuparem uma posição exterior a TP explica a ocorrência da próclise mesmo quando os termos coordenados têm sujeitos independentes, como em (35a) e (35b).

Em suma, a próclise a longa distância integra-se no padrão regular de legitimação local da próclise: o proclisador combina-se por *Merge* com ConjP e, tendo em conta a natureza subespecificada de Conj e a operação *Agree*, Conj e o segundo termo coordenado estão sob o escopo local do proclisador.

## 6. Opcionalidade da próclise a longa distância

Em certos casos, a próclise a longa distância alterna com a ênclise no segundo termo coordenado no PE padrão (cf. exemplos (36)-(39)):

- (36) a. *Talvez o Pedro protesta mas te dê razão.*  
b. *Talvez o Pedro protesta mas dá-te razão.*  
(37) a. *Qualquer pessoa comete erros e se arrepende mais tarde.*

- b. (?) Qualquer pessoa comete erros e *arrepende-se* mais tarde.
- (38) a. O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou se despediu* dela pelo telefone.
- b. (?) O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou despediu-se* dela pelo telefone.
- (39) a. Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas te despachaste* a tempo.
- b. (?) Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas despachaste-te* a tempo.

Recordemos que, quando o proclisador é estritamente local, a próclise é obrigatória. É o que se verifica quando a conjunção coordenativa é um proclisador, (40), ou quando o segundo termo coordenado inclui um proclisador local, tal como o complementador realizado *que* em (41):

- (40) a. A Ana *ora os visita ora lhes telefona*.
- b. \*A Ana *ora os visita ora telefona-lhes*.
- (41) a. O Pedro acha que o João visitou a Maria e que *se despediu* dela pelo telefone.
- b. \*O Pedro acha que o João visitou a Maria e *que despediu-se* dela pelo telefone.

No entanto, a ausência de um proclisador realizado local não explica a opcionalidade da próclise. Se um proclisador a longa distância induz a próclise, por que razão a ênclise é também possível? E, por outro lado, uma vez que a próclise a longa distância não é obrigatória, o que a torna possível?

A nossa proposta é que a alternância entre próclise a longa distância e ênclise no segundo termo coordenado decorre do nível estrutural da coordenação.

Considerando que o c-comando local é a relação estrutural relevante para a próclise, se o clítico for proclítico no segundo termo coordenado, este facto significa que o proclisador c-comanda localmente toda a estrutura coordenada, numa espécie de configuração *across the board*. Neste caso, o proclisador c-comanda localmente o clítico que ocorre no segundo termo coordenado, como mostrámos na secção anterior (representações (33)).

Quando o clítico que ocorre no segundo termo coordenado é enclítico, assumimos que a próclise não é desencadeada porque o proclisador

ocorre no interior do primeiro termo coordenado, numa posição que não lhe permite o c-comando local do clítico. Isto significa que, neste caso, a coordenação ocorre num nível estrutural mais alto.

Em frases com o advérbio modal *talvez*, devido ao facto de este advérbio induzir o modo Conjuntivo, vemos claramente que a próclise no segundo termo coordenado é desencadeada apenas quando *talvez* tem escopo local sobre esse termo<sup>15</sup>. Neste caso, ocorre necessariamente próclise e Conjuntivo em ambos os termos coordenados, (42). Assim, concluímos que, quando o verbo no segundo termo ocorre no Indicativo, *talvez* não o c-comanda (localmente), pelo que ocorre a ênclise, como se observa em (43).

- (42) a. Talvez o Pedro proteste mas te dê razão.  
b. \*Talvez o Pedro proteste mas dê-te razão.
- (43) a. Talvez o Pedro proteste mas dá-te razão.  
b. \*Talvez o Pedro proteste mas te dá razão.

Por outras palavras, propomos que as frases coordenadas com *talvez* no primeiro termo e ênclise e Indicativo no segundo termo envolvem a coordenação de projeções funcionais acima da projeção que integra o advérbio, como está ilustrado em (44), em que deixamos em aberto a natureza categorial dos termos coordenados:

- (44) [<sub>Conj(P)</sub>[Talvez o Pedro proteste] [ [<sub>Conj</sub>mas][ pro dá-te razão]]

Consequentemente, *talvez* apenas c-comanda localmente os elementos que ocorrem no interior do termo coordenado que o integra, i.e., o primeiro termo em (44).<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Note-se que a próclise sob o escopo local do advérbio modal *talvez* dificilmente pode ser atribuída à presença de um valor de focalização contrastiva, dado que é obrigatória independentemente do valor discursivo assumido por este advérbio. Assim, como nos fez notar um revisor, há contextos em que “*talvez* é meramente um marcador discursivo de delicadeza, como em *Talvez me possa dar o seu casaco para ficar mais à vontade.*” Efetivamente nestes contextos, prever-se-ia ênclise e não próclise.

<sup>16</sup> Um revisor argumenta que a agramaticalidade de exemplos como (i) parece pôr em causa a análise que apresentamos:

(i) \**Eu/ele disse que talvez o Pedro proteste mas te dá razão.*

Não consideramos que (i) contrarie a hipótese apresentada neste trabalho. Neste exemplo a coordenação opera ao nível das frases raiz (e não da frase subordinada selecionada por *disse*), uma vez que ambos os termos coordenados expressam asserções do locutor. Assumindo que a alternância entre próclise e ênclise no segundo termo coordenado decorre de uma variação respeitante à posição estrutural ocupada pelo proclisador relativamente à coordenação, a ocorrência de próclise no segundo termo em (i) mostra que, neste caso, ambos os proclisadores – o complementador *que* e o advérbio *talvez* – ocupam uma posição que não lhes permite o c-comando local do segundo termo coordenado, pelo que o clítico será necessariamente enclítico, como em (ii), para o qual propomos a representação estrutural em (iii), deixando em aberto se a coordenação opera ao nível dos CP ou dos TP das frases raiz:

Uma análise semelhante pode ser proposta para exemplos como (38b), como está ilustrado em (45):

(45) [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>TP</sub> *Qualquer pessoa comete erros*] [<sub>Conj–T</sub> e] [<sub>T(P)</sub> *pro arrepende-se...*]]

Em (45), assumimos que a coordenação ocorre ao nível do TP. Numa configuração como (45), o sujeito do primeiro termo coordenado não foi extraído *across-the-board* e ocorre no interior do primeiro termo coordenado. Assim, o sujeito omitido do segundo termo coordenado é ocupado por *pro*.

Note-se que a impossibilidade de o sujeito do segundo termo coordenado ser ocupada por um pronome realizado com valor referencial (cf. (46)), mostra que a expressão quantificada *qualquer pessoa* liga o sujeito nulo (*pro*) no segundo termo coordenado:

(47) *Qualquer pessoa<sub>i</sub> comete erros e {\*ela<sub>i</sub>/pro<sub>i</sub>} arrepende-se.*

Com efeito, estes efeitos de ligação são paralelos aos apresentados em Montalbetti (1984),(1986) relativamente a orações completivas complemento, ilustradas em (47) para o PE<sup>17</sup>:

(47) *Qualquer pessoa pensa que pro/\*ela pode errar.*

A leitura de pronome ligado requer c-comando, mas não requer c-comando estritamente local<sup>18</sup>. Assumimos, pois, que tanto nas frases coordenadas em (37b)-(45) como na estrutura de subordinação em (47), a expressão quantificada c-comanda o segundo termo frásico, mas que esse c-comando não é estritamente local<sup>19</sup>.

(ii) *Eu/ele disse que talvez o Pedro proteste mas dá-te razão.*

(iii) [<sub>ConjP–CP/TP</sub> [<sub>CP/TP</sub> *eu/ele disse* [<sub>CP</sub> *que talvez o Pedro proteste*]] [<sub>Conj</sub> *mas*] [<sub>CP/TP</sub> *dá-te razão*]].

<sup>17</sup> Montalbetti (1986) apresenta para o espanhol exemplos como o seguinte, em que a expressão quantificada exhibe algum conteúdo referencial, o que lhe permite ter, a par da leitura de pronome ligado em (i), a leitura de correferência ou de referência disjunta em (ii):

*Muchos estudiantes, piensan que pro<sub>i</sub> son inteligentes.*

*Muchos estudiantes<sub>i</sub> piensan que ellos<sub>i</sub> son inteligentes.*

<sup>18</sup> Note-se que a existência de c-comando (não local) do sujeito do primeiro termo coordenado (o elemento mais externo) sobre o segundo termo é uma consequência da natureza subespecificada de Conj e da operação Agree. Como representado esquematicamente em (i), a estrutura coordenada (ConjP=TP) é interpretada como um segmento do TP correspondente ao primeiro termo e ambos os segmentos contam como uma única categoria; assim, torna-se legítimo o c-comando do sujeito sobre o segundo termo coordenado.

(i) [<sub>Conj(P)–T(P)</sub> [<sub>TP</sub> *QP...*]] [<sub>Conj–T</sub> e] [<sub>T(P)</sub> *pro...*]]

<sup>19</sup> Existe alguma variação no que diz respeito à realização de próclise na presença de certos proclisadores. No entanto, esta variação não se verifica relativamente a todos os proclisadores, nem se verifica sempre na mesma medida. A razão pela qual não nos parece suficiente atribuir a alternância registada em (37) a esta variação é que, neste caso, o proclisador obriga efetivamente à próclise, como podemos ver pela agramaticalidade dos seguintes exemplos: Conj = T<sub>e</sub>

Assim, a presença de ênclise nos exemplos (37b)-(45) é explicável: o clítico, no segundo termo coordenado, não é localmente c-comandado pela expressão quantificada. Do mesmo modo, a alternância entre próclise em (37a) e ênclise (37b) é esperada: em (37) a expressão quantificada é extraída *across-the-board* e inserida por *Merge*, numa posição estritamente local a ambos os termos coordenados (veja-se (31b)-(33b)); pelo contrário, em (37b), a expressão quantificada é interna ao primeiro termo coordenado e não c-comanda de forma estritamente local o segundo termo da coordenação.

Um argumento adicional que suporta esta análise é o facto de a próclise a longa distância ser possível apenas quando o sujeito é partilhado pelos dois termos coordenados, como se pode ver pelo contraste em (48) (note-se que, em PE, *algumas* não é um proclisador), o que mostra que a próclise a longa distância e a ênclise no segundo termo coordenado decorrem de configurações estruturais diferentes:

- (48) a. Qualquer pessoa comete erros e se arrepende mais tarde.  
b. \*Qualquer pessoa comete erros e algumas pessoas se arrependem mais tarde.  
c. Qualquer pessoa comete erros e algumas pessoas arrependem-se mais tarde.

A presença de ênclise em (38b) ou (39b), repetidos em (49), pode igualmente ser explicada assumindo que a coordenação ocorreu num nível mais alto do que o domínio de c-comando estritamente local do complementador. Assim, propomos que nestes casos há coordenação de CPs, o complementador realizado ocorre interno ao primeiro termo coordenado e o C do segundo termo é instanciado por um complementador nulo, como representado em (50):

- (49) a. (?) O Pedro acha que o João visitou a Maria *ou despediu-se* dela pelo telefone.  
b. (?) Tu vais ao passeio porque acordaste tarde *mas despachaste-te* a tempo.  
(50) ...V [<sub>ConjP</sub>-C<sub>(P)</sub>] [<sub>C<sub>(P)</sub></sub>C\_<sub>realizado</sub> TP] [ [Conj=C] [<sub>C<sub>(P)</sub></sub>C\_<sub>nulo</sub> TP]]

---

\*Qualquer pessoa arrepende-se dos seus erros.

\*Qualquer pessoa ajuda-te no trabalho.

\*Qualquer pessoa faz-te esse favor.

Assim, em (37), a ênclise no segundo termo coordenado mostra a ausência de c-comando por parte do proclisador.

Nestes casos, o C realizado no primeiro termo coordenado não c-comanda localmente o segundo termo, o que explica a possibilidade de ênclise.

Em suma, a alternância entre próclise e ênclise nos exemplos (36)-(39) pode ser explicada tendo em conta o nível a que opera a coordenação, que poderá permitir ou impedir o c-comando local do proclisador sobre o segundo termo coordenado. O facto de alguns falantes não aceitarem plenamente as frases com ênclise no segundo termo coordenado (cf. (36b), (37b), (38b) e (39b)) pode ser visto como uma preferência geral por configurações *across-the-board*, que, na realidade, é uma preferência pela economia (veja-se, por exemplo Nunes 2004, Colaço 2005 e 2006).

Apesar de a análise que propusemos para a alternância entre a próclise a longa distância e a ênclise no segundo termo coordenado, alguns casos ficam por explicar. Na verdade, alguns proclisadores admitem a ênclise, mesmo quando c-comandam localmente o clítico, como acontece em(51b):

(51) a. O Pedro disse que [<sub>ConjP</sub> o João a viu e a achou pálida].

b. O Pedro disse que [<sub>ConjP</sub> o João viu-a e achou-a pálida].

A alternância que se observa em (51) restringe-se a alguns proclisadores e não está relacionada especificamente com a coordenação (cf. Martins 2013), como se pode ver em (52):

(52) a. O João disse que ontem a Maria se cansou muito.

b. O João disse que ontem a Maria cansou-se muito.

Este fenómeno pode ser encarado como o reflexo de uma tendência geral para o padrão enclítico em contextos típicos de próclise que se verifica atualmente em PE. Por este motivo, deverá ser tratado como um fenómeno independente, fora do alcance do presente artigo.

## 7. Conclusões

O presente artigo centrou-se na questão dos padrões de colocação dos clíticos em construções que envolvem estruturas de coordenação oracional, com especial destaque para aquelas em que as conjunções coordenativas funcionam como proclisadores. A análise proposta assenta na ideia de que, nestes casos, a indução de próclise decorre do valor semântico ou discursivo das referidas conjunções. Assumindo que a relação estrutural relevante para

a próclise é o c-comando local, propusemos um tratamento uniforme deste padrão de colocação dos clíticos, que integra os contextos em que ocorre aquilo a que chamámos próclise a longa distância – ou seja, próclise no segundo termo coordenado desencadeada por um proclisador que ocorre externamente a esse termo–, partindo da consideração das propriedades de Conj enquanto categoria subespecificada. De acordo com a nossa proposta, a possível alternância entre próclise a longa distância e ênclise no segundo termo coordenado, que se verifica nas construções referidas, decorre do nível estrutural da coordenação, responsável pela possibilidade vs. impossibilidade de c-comando local do proclisador sobre o segundo termo coordenado.

#### REFERÊNCIAS

- Bjorkman, B. 2012. Accounting for the Absence of Coreferential Subjects in TP Coordination. Handout apresentado no GLOW 36, Suécia.
- Burton, S. & J. Grimshaw 1992. Coordination and VP-internal subject. *Linguistic Inquiry*, 23: 305-313.
- Colaço, M. 1998. Concordância parcial em estruturas coordenadas em Português europeu. In: A. C. Lopes & C. Martins (Eds.). *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, vol. I, 349-368.
- Colaço, M. 2005. *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extracção*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Colaço, M. 2006. Omissão de material idêntico em estruturas coordenadas. In: M. Lobo, & M. A. Coutinho (Eds). *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos Seleccionados*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 261-272.
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Cunha, C. & Cintra, L. F. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Duarte, I. 1983. Variação paramétrica e ordem dos clíticos. *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: FLUL, 158-178.
- Duarte, I. & Matos, G. 1995. A colocação dos clíticos em Português Europeu e a hipótese minimalista. In: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 1994*, Lisboa: APL, 177-193.
- Duarte, I. & Matos, G. 2000. Romance Clitics and the Minimalist Program. In: J. Costa, (Ed.) *Portuguese Syntax—New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.

- Duarte, I., Matos, G. & Gonçalves, A. 2005. Pronominal clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 4(2). Lisboa: Edições Colibri, AEJPL, 113-141.
- Han, S. 2008. *Ellipsis, Right Node Raising and Across-the-Board Movement*. PhD dissertation. Boston University.
- Heycock, C. & R. Zamparelli (2000). Friends and Colleagues: Plurality and NP-Coordination. *Proceedings of the North East Linguistic Society* 30.
- Johannessen, J. 1998. *Coordination*. Oxford: Oxford University Press.
- Kayne, R. 1994. *Asymmetric Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Lobo, M. 2002. Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da APL, 2001*. Lisboa: APL.
- Lobo, M. 2003. *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Martins, A. M. 2013. Posição dos pronomes pessoais clíticos. In: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Matos, G. 1995. Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe—algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas. *Actas do X Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL, Colibri, 177-193.
- Matos, G. 1997. Configurações Sintáticas em Estruturas de Colocação Simultânea de Clítico. In: A. M. Brito, F. Oliveira, I. Pires de Lima & R. M. Martelo (Eds.) *Sentido que a Vida Faz — Homenagem a Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras Editores SA, 705-717.
- Matos, G. 2000. ATB Clitic Placement in Romance Languages. *Probus* 12:2, Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 229-259.
- Matos, G. 2003. Estruturas de coordenação. In: M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 229-259.
- Matos, G. 2004. Coordenação Frásica vs. subordinação adverbial. In: T. Freitas & A. Mendes (Eds.) *Actas do XIX Encontro Nacional da APL, 2003*. Lisboa: APL, 555-299.
- Matos, G. 2006. Coordination de phrases vs. subordination adverbiale: propositions causales en portugais. *Faits de Langue – Revue de Linguistique*, 28. Paris: Ophrys, 169-180.
- Matos, G. & Colaço, M. 2013. Padrões de colocação de clíticos em coordenação frásica. Comunicação apresentada ao *XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, 23-25 de Outubro.
- Matos, G. & Raposo, E. P. 2013. Estruturas de coordenação. In: E. P. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.) *Gramática do Português*, vol. II, cap. 35. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1761-1817.
- McNally, L. 1992. VP-Coordination and the VP-Internal Subject Hypothesis. *Linguistic Inquiry*, 23: 336-341.
- Montalbetti, M. 1984. *After Binding*. PhD Dissertation. MIT.

- Montalbetti, M. 1986. How pro is it? In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (Eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht/Riverton: Foris Publications, 137-152.
- Nunes, J. 2004. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Sánchez López, C. 1995. On the distributive readings of coordinate phrases. *Probus* 7: 181-196.
- Sánchez López, C. 1999. Los cuantificadores. In: Bosque, I. & V. Demonte (Eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Schlonsky, U. 2004. Enclisis and Proclisis. In: L. Rizzi (Ed.) *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, Oxford: Oxford University Press, 329-353.
- Terzi, A. 1999. Clitic combinations, their hosts and their ordering. *Natural Language and Linguistic Theory*, 17(1), 85-121.
- Uriagereka, J. 1995. Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, 26(1): 79-123.
- Zhang, N. 2004. Against Across-the-Board Movement. *Concentric: Studies in Linguistics*, 30(2): 151-85.
- Zhang, N. 2009. The syntax of *same* and ATB constructions. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique* 54(2): 367-399.



# OU SEJA VS. O SEA: FORMAL IDENTITY AND FUNCTIONAL DIVERSITY\*

Salvador Pons Bordería  
Salvador.pons@uv.es  
*University of Valencia/IULMA (Spain)*

Ana Cristina Macário Lopes  
acmlopes@fl.uc.pt  
*CELGA/University of Coimbra (Portugal)*

RESUMO: Este artigo visa descrever contrastivamente o funcionamento sincrónico dos marcadores discursivos *o sea* (Espanhol) e *ou seja* (Português), usando para tal o modelo de segmentação discursiva de Briz e GrupoVal.Es.Co (2013). Os resultados da pesquisa apontam para uma partilha significativa de funções entre os dois marcadores, embora *o sea* tenha um espetro mais amplo, nomeadamente no que toca aos valores modais que pode sinalizar.

PALAVRAS-CHAVE: *o sea / ou seja*, marcadores discursivos, funções pragmáticas, modelo de segmentação discursiva, análise contrastiva sincrónica

ABSTRACT: This paper aims at fulfilling a twofold objective: to highlight the functional differences between Portuguese *ou seja* and Spanish *o sea* and to do so by making use of a model of discourse segmentation, namely, the one developed in Briz and GrupoVal.Es.Co. (2003). The results have shown that OSS share most of their functions and differ in the wider range of functions of *o sea*, which has modal functions that are not shared by *ou seja*.

KEY-WORDS: *o sea / ou seja*, discourse markers, pragmatic functions, model of discourse segmentation, synchronic contrastive description

## 1. Introduction

This paper aims at fulfilling a twofold objective: first and most important, to highlight the functional differences between Portuguese *ou seja* and Spanish *o sea*. Second, to do so by making use of a model of discourse segmentation, namely, the one developed in Briz and Grupo Val.Es.Co. (2003).

---

\* This paper was written with the help of the Research Project FF12009-07034, Fonocortesia, funded by the Spanish Ministry of Culture (MICINN) and the help of CELGA, funded by FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia). We also want to thank the anonymous reviewers for their comments.

Regarding the first objective, and although it might seem that two closely-related languages show little or no difference at all in what regards discourse markers (henceforth, DMs), this happens not to be the case: Weydt (1989) showed that the standard adversative markers *but* and *aber* had different uses in English and German. Likewise, Rossari (1994) showed functional differences for French and Italian in the case of *en effet/in fatto*. Also, Garcés (dir.) (2009) contrasts the different reformulative markers in Spanish, Catalan, French, Italian, English, German and Icelandic. In line with these works, and especially with Garcés (2009), our paper will illustrate how diachronical convergence does not guarantee by itself synchronical similarity.

Regarding the second objective, we believe that if the linguistic context where a DM appears is divided into units and subunits, contrasts between DMs can be made on a common, more objective basis.

Besides these two objectives, and through all this paper, it will be assumed that DMs are expressions that require pragmatic explanations, for they operate at the discourse level, enabling joint coordination of interaction and guiding hearers to connect discourse segments, at different levels of the discourse structure (Schiffrin 1987). DMs are prototypically multifunctional, and the description and explanation of their pragmatic functions depend basically on three parameters: the core meaning of a marker, the discourse unit it appears in and its position within that unit. Provided that DMs have procedural meaning, instead of speaking of polysemies, we will speak of the pragmatic functions that Sp. *o sea* and Port. *ou seja* perform in a given context or, to make it shorter, of functions.

The structure of this paper is the following: Section 2 will provide a synchronic description of *ou seja* and *o sea*; section 3 will offer a brief presentation of the Val.Es.Co model, which will be used in section 4 to interpret the distribution of both markers. Finally, section 5 will summarize the main conclusions of this paper.

## 2. Synchronic description of *ou seja* and *o sea*

Portuguese *ou seja* and Spanish *o sea* have been the object of uneven studies. Whereas the latter has been well described in the literature and, therefore, the description provided here will rest on previous works (Schwenter 1996, Zorraquino & Portolés 1999, Briz 2001, 2002a e b, Santos 2003,

DPDE, Murillo 2007, Cuenca & Bach 2007, Garcés 2008, 2009, Fuentes 2009), to the authors' knowledge, there are no descriptions of Portuguese *ou seja*. Hence, the comparison with its Spanish counterpart will be used to sketch a first description of Portuguese *ou seja*. Henceforth, the descriptive traits common to both DMs, *o sea* and *ou seja*, will be referred to as OSS.

The formal structure of OSS is basically the same. Prosodically, they are hosted in an independent tone unit, separated by pauses from the segments they connect. In written texts, these pauses are generally signaled by commas.

Morphologically, both markers have stem to the same origin: the disjunctive conjunction (*ou* and *o*), plus the third singular person of the present subjunctive of the verb *ser* (*to be*). In both languages, *ou* and *o* are the basic, unmarked disjunctive conjunctions, being their core meaning that of marking an alternative. Also, *seja* and *sea* are instances of the subjunctive mood, which typically expresses possibilities that may be considered in the utterance context (Marques, 2005).

Semantically, as happens with most DMs having connective functions, OSS express procedural meaning: they encode an instruction on how the segment they introduce is integrated into a coherent mental representation of discourse, guiding, therefore, the interpretation process. The core meaning shared by OSS may be roughly glossed by "interpret the following utterance as a better alternative formulation of the preceding one". In this sense, OSS can be prototypically described as two-place operators, for the explanation of their meaning involves taking into account two utterances, the one to the right of the marker and the one to its left.

OSS belong to the paradigm of reformulative markers, along with *quer dizer* (*I mean*), *isto é* (*that is*), *por outras palavras* (*in other words*), in Portuguese, and *esto es* (i.e.), *es decir* (*that is*), and *a saber* (*namely*), in Spanish.<sup>1</sup> Following Gülich & Kotschi (1983, 1995), Roulet (1987), Rossari (1994) and Pons (2014), reformulation will be defined as a metadiscursive operation, by which the speaker re-elaborates or rephrases an utterance in order to facilitate the understanding of what (s)he actually means or to reduce possible communicative misunderstandings. This definition is focused on cases of self-reformulation, but there are also cases of hetero-reformulation,

---

<sup>1</sup> Murillo (2009, 157-158) warns against *verbatim* equivalences between Spanish and English reformulation markers. For reasons of space, we will not discuss this topic here.

in which the hearer re-elaborates a previous intervention (or part of it), with a cooperative purpose and typically to confirm comprehension.

Apart from the self-hetero-distinction, reformulation is divided into two main operations: (i) a semantic equivalence between two utterances (paraphrastic reformulation, PR), and (ii) a dissociation between two utterances, showing that the speaker fully reconsiders his/her first formulation and substitutes it by a new form/meaning coupling (non-paraphrastic reformulation, NPR)<sup>2</sup>. Although the limits of NPR are far from clear, this paper will assume that NPR ranges from distance to rectification.

Beyond their reformulative functions (paraphrastic or not), OSS also share one additional function: to introduce a consequence or conclusion. Finally, Spanish *o sea* can be also used as a modal particle, a meaning that Portuguese *ou seja* has not developed.

The data regarding the descriptions in this paper come from different sources. The Portuguese data were collected from the oral sub-corpus of *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), available on-line ([www.clul.uem.br](http://www.clul.uem.br)). (958 occurrences of *ou seja*). Spanish data, in turn, have been taken from the Val.Es.Co and the CREA corpus, as well as from previous studies on this marker.

### 2.1. OSS as reformulation markers

In terms of frequency, the occurrences of *ou seja* in self-reformulation interventions are by far the most relevant ones in the Portuguese corpus and can be considered the core meaning shared by OSS. Reformulation functions are the remnant of the source construction of OSS, a coordinative, disjunctive sentence where the disjunction marker had exclusive meaning. Following Roulet (1987), reformulation will be divided into paraphrastic (Section 2.1.1) and non-paraphrastic ones (Section 2.1.2). Each case, in turn, will be divided into reformulation acts initiated by the same speaker (self-reformulations, in sections 2.1.1.1 and 2.1.2.1) and reformulation interventions initiated by another speaker (hetero-reformulations, in sections 2.1.1.2 and 2.1.2.2). The difference between self- and hetero reformulations, as Roulet et al.(1985) pointed out, regards polyphony (Ducrot 1984): in the first case

---

<sup>2</sup> Pons Bordería (2013) proposes an alternative account of the paraphrastic-non paraphrastic distinction which will not be dealt with in this paper.

there is dialogy (two voices) but one speaker, whereas in the second case there is dialogy and two speakers.

### 2.1.1. OSS as paraphrastic reformulation markers

#### 2.1.1.1. Self-reformulation paraphrasis (SPR).

In the corpus, SPRs have been found under three different constructions. Example (1) constitutes a paradigmatic example of paraphrastic reformulation:

(1) Port.L2: pegando nesta operação que tem agora um mês, faz agora um mês que reduziu, eh, de sessenta para vinte o número de acidentes, **ou seja** em relação ao mesmo período do ano passado há três vezes menos acidentes...

Ref: O-0029-R-O-P-Lis-Redip

(1) L2: looking at this [police] operation which started last month, in a month, hum, the accidents dropped from sixty to twenty, **or-beSUBJ** three times fewer accidents than last year during the same period.

In this example, a first formulation which carries the semantic load of the speaker's intervention (*the accidents dropped from sixty to twenty*) is reformulated via a second formulation which further explains some aspect of it (*three times fewer accidents than last year during the same period*). According to Roulet (1987), explanation involves adding some information, in order to make the previous content more precise or explicit. The structure of example (1) is typical of spoken, colloquial language, where a speaker builds his speech incrementally in communicative units, which are communicatively "complete" in a given context.

However, in written, formal texts, a second configuration can be found:

(2) Span. *Fanerógama* (del griego "phaneros", visible, y "gamos", unión). Plantas provistas de flores, **o sea** de órganos reproductores visibles. (2001. Fuentes Yague. *Iniciación a la botánica*)

(2) *Fanerogame* (Greek "phaneros", visible, and Greek "gamos", union). Plants having flowers **or-beSUBJ** visible reproductive organs.

In (2), the discourse unit introduced by OSS explains the meaning of the word *fanerógama*. This means that communicatively they act as a unit. The element to the right of OSS does not have a full propositional content and, in order to be understood, must be interpreted with regard to the one to the left of OSS.

Finally, the third construction is reflected in example (3):

- (3) Port...daqui a pouco vamos já ouvir o principal da actualidade...do resto da actualidade, eh, esta manhã, mas para já nesta manhã aqui em directo do, eh, ipatimup, **ou seja**, do instituto de patologia e imunologia molecular da universidade do porto, será interessante nós eh, avaliarmos o curriculum deste instituto em apenas dez anos ... Ref: O-0008-R-Ci-P-Lis-Redip
- (3) ...in a moment we'll give you the main news...the rest of the news, hum, this morning, but now live from, hum, ipatimup, **or-be-SUBJ**, the institute of pathology and molecular immunology of the university of Porto, it'll be interesting, hum, to take a look at the only ten year old curriculum of this institute.

Example (3) shows that SPR happens in an intra-sentential level – in this case, under the scope of preposition *from*.

All three configurations show that SPR, a semantic move, can be performed under the same syntactic structures in both languages.

#### 2.1.1.2. Hetero-paraphrastic reformulation (HPR)

When a reformulation involves two different interventions from two different speakers (that is, in cases of heteroreformulation), OSS introduces the second intervention. Although OSS still precedes the second part of the reformulation, the fact that it is placed in a dialogical context will give rise to secondary functions. In examples (4), the intervention of speaker S is reformulated by J:

- (4) Span. S: la verdad es que e/ llevo poco tiempo sin fumar→pero lo agradezco  
J: **o sea** que empezaste ↑// pues// casi casicundo se abrió el- este local↑(Briz and Val. Es.Co Research Group 2002, 158, l. 623)
- (4) S: truth be told/ I quit smoking for a short time→but I feel better  
J: **or-be SUBJ** you started↑// well// almost when this place opened( Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 158, l. 623)

The same happens in example (5):

- (5) Port. L2: portanto nós em portugal temos uma elevadíssima percentagem da população com uma doença infecciosa do estômago que provoca alterações que são gravíssimas em termos do que é a saúde da população... L3: *ou seja* este é um mal português. qual... qual será a raiz... a origem desse mal português? ( O-0008-R-Ci-P-Lis-Redip)
- (5) L2: so we have in Portugal a very high percentage of the population with a stomach infectious disease which causes extremely serious problems in terms of the health of the population...L3: **or-be-Subj** this is a Portuguese disease. which ...which is the root...the origin of this Portuguese desase?

In this dialogical position, new functions arise (described for Spanish by Briz 2001, 2002). In fact, the basic function of a heteroreformulation like the one in (4) and (5) is to show a strong cooperative commitment with a former speaker in a verbal exchange. By initiating his/her intervention by OSS, the speaker wants to confirm his/her comprehension of what has been said or conveyed by a first speaker – thus paraphrasing previous content.

## 2.1.2. Non-paraphrastic reformulation (NPR)

### 2.1.2.1. Non-paraphrastic self-reformulation (NPSR)

Non-paraphrastic reformulations convey a wide array of meanings, which range from ‘distance’ to ‘correction’ (Roulet 1987, Rossari 1994, Gülich & Kotschi 1995, Kotschi 2001). In NPSRs, the unit under the scope of OSS re-elaborates the previous one by showing a distance with its content or even by rectifying it. In (6), the speaker rephrases the word *desanimada* (downhearted) by *desilusionada* (disappointed), as a better clue to her communicative intentions:

- (6) Span. E : y nada ↑ como al final estaba muy ((...)) muy mal→entonces me dio que no/ muy desanimada→**o sea** desilusionada no me hacía nada ilusión(Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 111, l. 1220)
- (6) E :and well [as I felt very ((...)) very bad→then I thought no/ very downhearted→**Sor-be-SUBJ** disappointed- nothing made me happy (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 111, l. 1220)

In (7), the speaker rectifies his/her previous formulation:

- (7) Port.E até porque gosto muito de tourear e... gosto muito de, já li umas coisas acerca de tauromaquia em geral e, sei que aqui estamos um pouco atrasados, **ou seja**, muito mesmo em relação a (portugal) continental e a (espanha) e (mexico) (Ref: 744-08-TD0-012-25-M-C-4-4-00)
- (7) And even as I like to bullfight and... I like it a lot, I've already read some things about bullfighting in general and, I know that here we are a bit behind the times, **or-be-SUBJ**, really behind compared to the mainland (Portugal) and (Spain) and (Mexico) (Ref: 744-08-TD0-012-25-M-C-4-4-00)

Interchangeability shows that OSS may be replaced, in these contexts, by correction markers such as *ou melhor*, *ou antes* (*or rather*, *or better*)/ *mejor dicho*, *más bien*, *mejor aún* (Garcés 2008). Features of the verbal context are decisive to license this new interpretation, namely the propositional content

of both units. In all cases, the last movement cancels some information previously stated.

### 2.1.2.2. Non-paraphrastic heteroreformulation (NPHR)

When non-paraphrastic reformulations occur within speakers, the structure introduced by *ou seja* conveys a distance between what the first speaker said and what the second speaker says:

(8) Port.L4: as pessoas que nascem com mucinas 1 pequenas têm muito maior susceptibilidade à infecção pelo helicobacter pylori1, do que as pessoas que nascem com mucinas grandes.

L3: **ou seja** entrando dentro desse infinitamente pequeno que é possível, eh, desencadear acções preventivas e... e... e avançar para o tratamento, neste caso...

L4: exactamente (Ref: O-0008-R-Ci-P-Lis-Redip)

(8) L4: people born with small mucins 1 are much more susceptible to infection by helicobacter pylori1 than those born with big mucins.

L3: **or-be SUBJ** when you get that infinitely small it's possible, hum, to initiate preventive actions and...and... and go on to the treatment, in this case...

L4: exactly (Ref: O-0008-R-Ci-P-Lis-Redip)

In non-paraphrastic heteroreformulations, the second speaker distantiates from the content stated by a previous speaker<sup>3</sup>. The distance expressed by the speaker could even lead to correcting the previous content. Leaving aside the question of whether correction is a distinct operation from non-paraphrase (for different points of view on this subject, compare Roulet 1987 to Kotschi 2001), it is expected that non-paraphrastic markers develop polysemies towards the expression of correction, as happens in example (9):

(9) Span.E : vamos a ver/ ser liberal ¿por qué? yo- yo me rijo por unas normas↑/ y yo conservo o/ unn-yo qué sé§

G: §puesyaestá§

E: §yo tengo unos principios y para mí hay valores fundamentales§

G: §eso/ y tú los sigues ¿no?§

E: §sí

G: ¿o intentas seguirlos?§

E: §sí/ pero que otra persona no los sigaa

<sup>3</sup> At the interpersonal level, the non-paraphrastic reformulation may contribute to display interactional solidarity, as seems to be the case in (8).

G: a tí te da lo mismo ¿no?/ pues más o menos/ ese solo- lo que quiere decir más o menos la palabra liberal

E: ¡hombre! Yo- **o sea** yo por liberal↑no entiendo eso (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 91, l. 391).

(9) E: ok let's see/ being a liberal why? I- I follow some norms↑/ and I keep/ aa-I don't know§

G: §that's it§

E: §I have some principles and to me there are some fundamental values§

G : §right/ and you follow them huh?§

E: §yes

G: Or try to follow them?§

E: §right/ but if someone does not follow them↑

G: you don't care right?/ well more or less/ that is what-what means approximately the word liberal

E: come on! I-**lor-be SUBJ** I don't understand liberal means that (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 91, l. 391).

In the corpus there have not been found cases in which OSS constitutes an utterance on its own. Yet it is possible to reconstruct a context where this might be possible, namely, when a hearer asks for a further explanation:

(10) Port. L1: Não basta querer, é preciso investir.

L2: **Ou seja?**

L1: Não te armes em ingénuo, sabes muito bem o que quero dizer.

(10) L1: Wanting is not enough, you have to invest.

L2: **or-be SUBJ?**

L1: Don't pretend to be naive, you know very well what I mean.

In example (9), OSS, in an independent position, functions as a request for further explanation.

## 2.2. OSS as conclusion markers

Our corpus also displays occurrences of OSS in which the marker introduces a consequence that can be inferred from the previous discourse unit. Therefore, OSS has conclusive meaning and can be replaced by prototypical conclusive markers (Portuguese *portanto*/ Spanish *por lo tanto*):

(11) Port. praticamente todas as escolas de de música têm ha orquestras maiores ou menores de alunos / são orquestras que / devido à pouca população escolar / ha se resumem habitualmente a orquestras de de de arcos / ha **ou seja** ha no actual meio

musical he português / he é difícil ha a população escolar de uma única escola / ha permitir ha a existência e o bom funcionamento de uma orquestra sinfónica com um potencial sinfónico (Ref: O89)

- (11) Almost all the schools of, of music have bigger or smaller students' orchestras / orchestras that / because of the small number of students/ are, are, are usually string orchestras/ hum **or-be-SUBJ** hum, at the moment, in the present Portuguese musical world/ hum, it's difficult for just one school, hum, to have a functioning symphony orchestra.

- (12) Span.S: un seguro de vida en realidades un seguro de muerte ¿o no?/// debería llamarse seguro de muerte// pero es un rollo [porque LUE=]

A: [yo lo que →]

S: = GO↑/ cuando-cuando o/ faltó nuestro padre↑/ está toda la vida pagando/ y luego tuvimos que pagar nosotros ciento y pico mil pelas↑// **o sea** que/ [°(quees un rollo)°]. (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 146, l. 152).

- (12) S: a life insurance is in fact a death insurance, right?/// it should be called death insurance// BUT it's a bore [because THEN↑=]

A: [I what→]

S: = when- when/ our father passed away↑/ he paid all his life/ and then we had to pay one thousand and something bucks↑// **or-be SUBJ que**/ [°(so it's a bore)°]. (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 146, l. 152).

This conclusive meaning is well-documented in Spanish written texts, where *o sea*, under the form *o sea que*, is used to introduce the final, conclusive segment in an argumentative sequence, often without an associated propositional content (Garcés 2008, 98-100). In Spanish, *o sea que*, with a lengthened vowel, indicates the hearer to reconstruct a consequence coherent with the facts described before. In (11), this possibility is made explicit by the speaker, who states explicitly what he has in mind.

### 2.3. OSS as formulative markers

In some contexts, OSS operates as an on-line discourse planning marker, which has sometimes been labelled "filler" (Cortés Rodríguez 1991). Instead of considering this as an expletive, it will be considered here a *formulative*, planning-related function, in line with Ochs (1979). The following example illustrates this function:

- (13) Port. PAU: /mas / basicamente eu comecei / quando comecei a trabalhar lá / & eh +\$ **ou sej**/ eu &trabalhe / eu trabalhei lá / um mês e pouco (Ref: O-0004-pfamcv04-c\_oral\_rom)

- (13) But / basically I started / when I started working there / hm, **or-be-SUBJ** / I work, I worked there for a month and a bit (Ref: O-0004-pfamcv04-c\_oral\_rom)

In (13) OSS, combined with a pause, restarts or re-orientates the discourse, due to planning problems, as shown by the fact that there is a change of project (Sornicola 1981) immediately after *ou seja*. Also, example (14) shows problems regarding the speaker's choice of the right expression in a series (*cigarette > beer > x*), something that can also be seen by the frequency of restarts (*n- ni un cigarro/ ni una cerve-*), repetitions (*cigarro, cerveza*) and short pauses. OSS explicitly indicates that the microstructural formulation of the message is not the most adequate one:

- (14) Sp. S: me pasa lo mismo con el alcohol y con las drogas/// yo cuando vi que tu ve problemas tu ve qu'(d)ecir/ n- ni un cigarro/ ni una cerve- **o sea** n- ni un cigarro/ ni un porro/ ni una cerveza ↑ niii nada// porque el día que yo me t- tome una cerveza ↑ ya se m'ha acabao la historia (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 158, l. 609).  
(14) S: I feel the same with alcohol and with drugs///when I saw that I was having problems I said/ n- no cigarettes/ no **or-be-SUBJ**/ n- no cigarettes/ no joints/ no beers ↑ noo nothing// 'cause the moment I drink a beer ↑ everything is over (Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 250, l. 266).

Compared to Portuguese and to some other Romance languages with the same cognate (Cat. *o sigui*), Spanish shows a striking frequency of use of this formulative function. From a comparative point of view, this could be considered a particularity of Spanish, which "colours" it and which characterizes it among other Romance languages. However, it is more interesting to consider this formulative function as part of the combinatory possibilities *o sea*, but not by *ou seja*, has fully developed. This contrastive difference seems to indicate that the grammaticalization of *o sea* is deeper than the one in *ou seja*, but this remark is subject to further diachronic research (Pons Bordería 2014b).

#### 2.4. Modal meanings in Spanish *o sea*

Research on Sp. *o sea* has repeatedly shown the wide range of modal meanings conveyed by this marker (Cortés 1991, Schwenter 1996, Briz 2001, 2002, Santos 2003, DPDE 'o sea', Fuentes 2009). These modal meanings have been ranged into two groups (Briz 2002): hedging, usually found in

oral discourse (example 15), and stressing, more frequent in written texts (example 16):

- (15) Span. Yo no sé↓la mayoría de tus preguntas ↑ para mí ↑ **o s(e)a** son lógica ¿no? **o sea** no sé (example taken from Briz 2002, 181)
- (15) I don't know↓most of your questions ↑ to me ↑ **or-be SUBJ** area matter of logic huh? **or-be SUBJ** don't know (example taken from Briz 2002, 181)

In example (15), *o sea no sé* is an epistemically weaker utterance than *no sé* alone, what can be proven by the fact that it could be replaced by other hedges like *bueno*. *O sea* creates a scale in which the utterance it has scope over is placed below the same utterance without it (*o sea no sé* < *no sé* < *claro que no (lo) sé*).

- (16) Span. Con un presidente que mete esos pies la ministra Aguirre tiene perfecto derecho a escribir Baquero con uve. Está en la línea, **o sea**. (example taken from Briz 2002, 187)
- (16) With such a clumsy President, minister Aguirre has the right to write Baquero with a “v”. She is in harmony with him, **or-be SUBJ**. (example taken from Briz 2002, 187)

In example (16), three data support the status of *o sea* as a particle showing stress. First, *o sea* can be replaced by *claro* or by emphatic *sí* – both stress markers. Second, substitution by *bueno* is not possible in this position and, third, the same utterance without *o sea* would be neutral (*está en la línea*).

These modal meanings have been documented only in Spanish, and not in Portuguese, being this the most relevant difference between *o sea* and *ou seja*.<sup>4</sup> The absence of modal functions like the ones *o sea* has developed is also attestable in other Romance languages (see Garcés dir. 2009), hence synchronic data suggest that *o sea* has been subject to a deeper grammaticalization process than its Portuguese cognate. Yet further research is needed to test his hypothesis.

### 3. The Val.Es.Co. model of discourse units

The description in Section 2 above can be better accounted for within a model of discourse segmentation. Models of discourse segmentation aim at dividing texts and conversation into pragmatic-based units and subunits, and

<sup>4</sup> The Portuguese reformulation marker that also displays a modal value seems to be *quer dizer*. Cf. Lopes (forthcoming).

have been developed mainly in Romance languages (Roulet, 1985; Roulet et al., 2001, Blanche-Benveniste, 1994, Morel/Danon-Boileau, 1998, Cresti, 2000; Cresti/Moneglia, 2005, Briz/Val.Es.Co, 2003, Ferrari, 2003; Ferrari et al. 2008, Preti 2004, Cortés Rodríguez/Camacho Adarve, 2005). In the following, we will adopt the Val.Es.Co. model of discourse segmentation (Briz/Val.Es.Co, 2003), which will be sketchedly introduced in this section. Section 4, in turn, will reinterpret the description of OSS in Section 2 in the light of such model.

When applied to the study of DMs in general, and to the description of OSS in particular, the adoption of a model of discourse segmentation offers several advantages: first, it provides a theoretical framework with a limited number of discourse units and a limited number of discourse positions within a unit. Second, it offers a common ground in which similarities and differences between DMs are easily graspable. Third, it can offer schemata for every function distinguished. Provided that heterogeneity in descriptions is one of the recurrent problems to set a common basis for the study of DMs (“We can’t even talk to one another without a clarifying statement”, Bruce Fraser *apud* Fischer 2006: 17), models of discourse segmentation can provide the minimum requirements for such a comparison.

To introduce the Val.Es.Co. model, we will first present the set of discourse units and discourse positions that will be employed in the rest of this paper:<sup>5</sup>

Figure 1: Units and positions in the Val.Es.Co. model

Unit Position	Subact	Act	Intervention	
			Initiative	Reactive
Initial				
Medial				
Final				
Independent				

<sup>5</sup> Presentation is limited to the purposes of this paper. For a more complete description, please refer to Briz and Val.Es.Co. (2003).

### 3.1. Units

Example (16) will be used to illustrate Figure 1 above:

- (16) A: ee mira/ eso es IMPRESIONANTE §  
 A: eer look / that is IMPRESSIVE  
 V: §ÁNGELES / [eso es=]  
 V: §ÁNGELES/ [that is=]  
 A: [es un-]  
 A: [it's a-]  
 V: = una PINTURA  
 V: = a painting  
 A: ¡ah!/ ¡es un trampantojos!  
 A: oh! / it's a trompe-l'oeil!  
 V: claro §  
 V: right §  
 A: §se llama así/ trampantojos / pues no había caído;eh?  
 A: §that's what it is/ a trompe-l'oeil / didn't realize uh?

In example (16), changes of speaker delimit the first kind of unit: *intervention*. An intervention is the maximal monological unit of this model; it is uttered by a same speaker and is limited by pauses, and coincide with the *turn* in Conversation Analysis. Interventions are indicated by a number to the right of the capital letter identifying the speaker (e.g., A1 in 17):.

- (17) A1: ee mira/ eso es IMPRESIONANTE§  
 V1: §ÁNGELES/ [eso es=]  
 A2: [es un-]  
 V1: = una PINTURA  
 A3: ¡ah!/ ¡es un trampantojos!  
 V2: claro §  
 A4: § se llama así/ trampantojos/pues no había caído; eh?

Following Roulet et. al. (1985), interventions can be either *initiative*, when they provoke a linguistic reaction; *reactive*, when they respond to previous linguistic material; or, more commonly, *reactive-initiative*. In excerpt (17), all interventions are reactive-initiative, that is, they are a response to a previous intervention and they provoke further interventions.

Not all interventions are created equal. Some of them are accepted by the rest of the conversationalists for the following up of a conversation. If

this is the case, besides being interventions, they are also *turns*<sup>6</sup>. Turns are social units, this meaning that their status depends crucially the (social) acceptance of the rest of the conversationalists. Turns are indicated by a number to the left of the capital letter identifying the speaker (e.g. 1A1), In example (18), all interventions except A2 are also turns:

- (18) 1A1: ee mira/ eso es IMPRESIONANTES  
1V1: ¿ÁNGELES/ [eso es=]  
A2: [es un-]  
1V1: = una PINTURA  
2A3:¡ah!/ ¡es un trampantojos!  
2V2: claro §  
3A4: § se llama así/ trampantojos/ pues no había caído¿ eh?

Interventions can be further divided into *acts*. An act is a monological discourse unit with (full) propositional content and with non-full propositional elements attached to it. Acts show two additional properties: they are *identifiable* (that is, they have clear formal boundaries), and are independent in a given context (that is, they can stand alone in an intervention). Acts are indicated by a (#) sign at their boundaries. See example (19):

- (19) 3A4: #se llama así/ trampantojos#/ #pues no había caído¿eh?#

In (19), there are two predications with full propositional content: *se llama así/ trampantojos*, and *pues no había caído¿eh?*. Each of them, in isolation, would suffice for 3A4 to be coherent. Therefore, they can be analyzed as two acts.

The second act in 3A4, *pues no había caído¿eh?*, can be further analyzed into minor constituents. The first of them has propositional meaning (*pues no había caído*), whereas the second one does not (*¿eh?*). As *¿eh?* can be identified but does not have propositional content and cannot stand alone in the context of (20) below, it is not an act but a minor unit, called *subact*. Subacts are indicated by braces to the right and to the left of a subact({}).

- (20) 3A4: #se llama así/ trampantojos#/ #{pues no había caído}{¿eh?}#

---

<sup>6</sup> From this, it follows that every turn is an intervention, but not every intervention is a turn. This difference is not accounted for in Roulet's hierarchical model.

Subacts are classified according to the parameter of propositional meaning. Those with propositional meaning are called *substantive* subacts (*pues no había caído*); those without it, *adjacent* subacts (*¿eh?*).

Substantive subacts can be further classified into *directive* substantial subacts (DSS), *subordinate* substantial subacts (SSS), and *topicalized* (TopAS), if they are parenthetical, detached constituents of an act. The former introduce the main propositional content, like conclusions. The latter, subordinate propositional content, like arguments (Roulet et al. 1985, 2001). The type of subact is indicated by subindexes attached to each brace:

(21) 3A4: #se llama así/ trampantojos#/ #<sub>{DSS}</sub>pues no había caído<sub>DSS}</sub>{¿eh?}#

Adjacent subacts are further classified into three groups according to their function: *interpersonal* (IAS), if they regulate the speaker-hearer relationship (for instance, *look, hear, huh?* usually function as IAS). *Textual* (TAS), if they connect discourse units (parenthetical connectives like *besides, moreover* or *yet* can be found in this group), and finally, *modal* adjacent subacts (MAS), for parenthetical constituents showing the speaker’s stance towards his message. In example (16), reproduced below as (22), adjacent subacts have been explicitly marked:

(22) A: {IAS<sub>See miral</sub>AS} / eso es IMPRESIONANTES<sub>§</sub>  
 V: §<sub>{TopAS}ÁNGELES<sub>TopAS}</sub></sub> / [eso es=]  
 A: [es un-]  
 V: = una PINTURA  
 A: {MAS<sub>ah!</sub>MAS} / ¡es un trampantojos!  
 V: claro <sub>§</sub>  
 A: §se llama así/ trampantojos /pues no había caído {IAS¿eh?<sub>IAS</sub>}

Figure 2 summarizes the units in the Val.Es.Co. model explained in this section:

FIGURE 2 - Units in the Val.Es.Co. model

Turn	Intervention			
	Act	}	{ Directive Subordinate	
				substantive
	Subact	}	{ Textual Interpersonal Topicalized Modal	
				adjacent

### 3.2. Positions

The second variable in the Val.Es.Co. model regards positions. Positions are defined in relationship to units. This means that in the Val.Es.Co. model there is not one single initial position, but an initial position of an intervention ([I, I]), an initial position of an act ([I, A]), and an initial position of a subact ([I, SA]). The same will happen to medial ([M, I], ([M, A], ([M, SA]), and to final positions ([F, I], ([F, A], ([F, SA]).

Every unit hosts different functions. Therefore, interactive adjacent subacts, which host interactional functions, will typically be placed in [I, I]:

(23) A1: {<sub>IAS</sub> ee mira <sub>IAS</sub>} / eso es IMPRESIONANTE  
[I, I]:

Prototypical connectives can bind together acts, in [I, A]:

(24) A: #se llama así/ trampantojos# /#pues no había caído¿eh?#  
[I, A]

Finally, subordination markers prototypically join subacts, in [I, SA]:

(25) A: #<sub>DSS</sub>nos hemos ido DSS} {<sub>SSS</sub>porque no había nadie <sub>SSS</sub>}#  
[I, SA]

### 4. Interpreting the distribution of OSS

The data offered in Section 2 can be interpreted within the framework of the Val.Es.Co. model presented in Section 3. This will provide us with three advantages: first, a clearer picture of all meanings developed by OSS; second, the distributional structure of every meaning, represented by the discourse unit which hosts it, as well as the position OSS has within that unit. Finally, the places where Spanish *o sea* and Portuguese *ou seja* diverge.

To provide a global description, Figure 1, reproduced here as 3, maps functions onto a chart, together with discourse positions and discourse units. Functions in italics are exclusive of Spanish *o sea*. Portuguese *ou seja* does not have exclusive functions.

FIGURE 3 - Structural description of OSS

Unit Position	Subact	Act	Intervention	
			Iniciative	Reactive
Initial	Self-reformulation Conclusion	Self-reformulation <i>Hedging</i>		Heteroreformulation
Medial		Formulation		∅
Final		<i>Stressing</i>		∅
Independent				Asking for clarification

This chart provides an easy-to-grasp way to describe a DM, as well as a coherent framework to compare two closely-related DMs, as is the case in this paper.

In the rest of this section, the results of Figure 3 will be explained with the framework of the Val.Es.Co model. To do so, the examples in Section 2 will be reproduced below with their structural description included. In order to make identification easier, they will not be renumbered consecutively, but numbered as 1', 2', and so forth. For any of the constructions described in Section 2, three data will be offered: the description of the reformulation structure, the position of the marker, and its structural description.

4.1. In cases of *paraphrastic self-reformulation* (Section 2.1.1.1), OSS occurs typically in a construction *p OSS q*, the connected segments *p* and *q* having propositional content. If *p* and *q* are semantically autonomous, then they will be considered acts; in case *p* and *q* depend on a wider structure, they will be considered subacts. In turn, OSS is a TAS, and it always occurs in the initial position of the second member, be it an act ([I, A]) or a subact ([I, SA]). For instance, in example (2'), OSS joins two acts: (*pegando...acidentes*), and (*ou seja...acidentes*). Both acts have full propositional content and, in example (1'), are communicatively autonomous :

- (1') #pegando nesta operação que tem agora um mês, faz agora um mês que reduziu, eh, de sessenta para vinte o número de acidentes#, #[<sub>TAS</sub> ou seja <sub>TAS</sub>] em relação ao mesmo período do ano passado há três vezes menos acidentes#

In the Val.Es.Co. framework, this is reflected in the following description:

FIGURE 4 - Structural description of OSS in SPR

Structure:	a)	A1 [[TAS] A2]
Position of the DM:	a)	[I, A]
Structural description of OSS:		TAS

Example (2') is a case of reformulation between subacts:

(2') *Fanerógama* (del griego “phaneros” visible, y “gamos”: unión).<sub>[SSD]</sub>Plantas provistas de flores<sub>SSD</sub>, <sub>[SSS'</sub> <sub>[SAT</sub> o sea<sub>SAT]</sub><sub>[SSS</sub>de órganos reproductores visibles<sub>SSS]</sub><sub>SSS'</sub>. (2001. Fuentes Yague. *Iniciación a la botánica*)

The first subact (*plantas...flores*) carries the semantic load of its hosting act; therefore it is a directive subact (SSD); the second subact, in turn, (*o sea...visibles*) merely rephrases the first one and, as a consequence, is a subordinated subact (SSS). *O sea*, in turn, is a textual subact (TAS), embedded within an SSS, placed in initial position of a subact ([I, SA]). This SSS, together with a SSD, build up the reformulative structure, which is itself an act.

FIGURE 4' - Structural description of OSS in SPR

Structure:	#[[SSD] [ [TAS][SSS] ]]#
Position of the DM:	[I, SA]
Structural description of OSS:	TAS

In example (3'), reformulation does not happen as the immediate constituent of an act, but as a structured subset within an act. That is, the set SSD + SSS is the boundary of a discourse unit which is not the immediate constituent of a higher unit:

(3') Port....daqui a pouco vamos já ouvir o principal da actualidade...do resto da actualidade, eh, esta manhã, mas para já nesta manhã aqui em directo <sub>[SSD]</sub>do, eh, <sub>[SSS'</sub> <sub>[TAS</sub>ou seja<sub>TAS]</sub>, <sub>[SSS</sub>do instituto de patologia e imunologia molecular da universidade do porto<sub>SSS]</sub><sub>SSS'</sub>, será interessante nós eh, avaliarmos o curriculum deste instituto em apenas dez anos ... (Ref: O-0008-R-Ci-P-Lis-Redlip)

FIGURE 4'' - Structural description of OSS in SPR

Structure:	#[SSD] [ [TAS][SSS] ]#
Position of the DM:	[M, SA]
Structural description of OSS:	TAS

In sum, in examples (1') to (3'), OSS connects two discourse units and has scope over the second one of them. Both discourse units can be either subacts or acts. This means that the minimum scope for self-, paraphrastic reformulation to take place is an act.

4.2. In cases of *hetero-paraphrastic reformulations* (Section 2.1.1.2), the scope of reformulation is now the whole intervention of a speaker: I1:pI2: OS q. Unlike self-reformulations, in HPRs the most important constituent is the one on the reactive intervention. Consider that, on conversational grounds, what is at issue in HPRs is mutual comprehension. As a parenthetical marker, OSS constitutes a subact on its own: a TAS, which appears in initial position of an intervention ([I, I]):

Figure 5 - Structural description of OSS in HPR

Structure:	I1: #A1##A2# ... # An# I2: #[TAS] A1## A2# ... # An#
Position of the DM:	[I, I]
Structural description of OSS:	TAS

4.3. In cases of *non-paraphrastic self-reformulation* (Section 2.1.2.1.), two subacts are again connected by OSS within a single act. The second subact is this time the directive one, because it rectifies or corrects a previous formulation. Again, parenthetical OSS will be analyzed as a TAS in initial position of subact ([I, SA]):

(5') Span. E :[y nada↑] [como al final estaba muy ((...)) muy mal→] [entonces me dio que no]/ [SSSmuy desanimada→SSS] [DSS[TASoseaTAS] [desilusionada]]- no me hacía nada ilusiónDSS](Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 111, l. 1220)

FIGURE 6 - Structural description of OSS in SNPR

Structure:	#[SSS] [ [TAS][DSS] ]#
Position of the DM:	[I, SA]
Structural description of OSS:	TAS

4.4. In *non-paraphrastic heteroreformulations*, the interactional relationship between the two speakers is reflected in the fact that OSS has scope over an intervention ([I, I]):

- (7') Port. L4: as pessoas que nascem com mucinas 1 pequenas têm muito maior susceptibilidade à infecção pelo helicobacter pylori1, do que as pessoas que nascem com mucinas grandes.  
 L3: [ <sub>SAT</sub> *ou seja* <sub>SAT</sub> ] [ <sub>SSS</sub> entrando dentro desse infinitamente pequeno que é possível, eh, desencadear acções preventivas <sub>SSS</sub> ] [ <sub>SSD</sub> e... e... e avançar para o tratamento, neste caso... <sub>SSD</sub> ]  
 L4: exactamente (Ref: O-0008-R-Ci-P-Lis-Redip)

FIGURE 7 - Structural description of OSS in NPHR

Structure:	I1: A1 A2 ... An
I2:	[TAS] A1 A2 ... An
Position of the DM:	[I, I]
Structural description of OSS:	TAS

In example (9'), OSS, in independent position, is the only constituent of the intervention which hosts it, and, being semantically autonomous, is an act on its own:

- (9') Port. L1: Não basta querer, é preciso investir.  
 L2: ***Ou seja?***  
 L1: Não te armes em ingénuo, sabes muito bem o que quero dizer.

FIGURE 8 - Structural description of OSS in NPHR (independent position)

Structure:	I1: A1 A2 ... An
I2:	OSS
Position of the DM:	[Independent, I]
Structural description of OSS:	TAS

4.5. When OSS introduces a conclusion (Section 2.2), OSS has scope over the SSD of an act, because this discourse unit is the conclusion of a preceding argument, hosted in the preceding SSS (Roulet et. al. 1985, 145-153):

- (11') Span.S: un seguro de vida en realidades un seguro de muerte ¿o no?/// debería llamarse seguro de muerte// pero es un rollo<sub>[SSS]</sub>[porque LUE=]  
A: [yo lo que →]  
S: = GO↑/ cuando-cuandoo/ faltó nuestro padre↑/ está toda la vida pagando/ y luego tu vimos que pagar nosotros ciento y pico mil pelas↑<sub>[SSS]</sub>// <sub>[SSD]</sub> **o sea** quee/ [°(quees un rollo)°]<sub>[SSD]</sub>.

OSS, as a TAS, occupies the initial position of a subact ([I, SA]).

FIGURE 9 - Structural description of OSS as conclusion marker

Structure:	[SSS] + [ [TAS][SSD] ]
Position of the DM:	[I, SA]
Structural description of OSS:	TAS

4.6. OSS can also appear in formulations, placed in medial position within an act ([M, A]):

- (13') Sp. S: #me pasa lo mismo con el alcohol y con las drogas#/// #<sub>[SSS]</sub>yo cuando vi que tuve problemas<sub>[SSS]</sub><sub>[SSD]</sub> tuve qu'(d)ecir/ n- ni un cigarro/ ni una cerve- **o sea** n- ni un cigarro/ ni un porro/ ni una cerveza↑<sub>[SSS]</sub> nada<sub>[SSD]</sub>##// #<sub>[SSS]</sub>porque el día que yo me t- tome una cerveza↑<sub>[SSS]</sub> <sub>[DSS]</sub>ya se m'haacabao la histor<sub>[DSS]</sub>##(Briz and Val.Es.Co Research Group 2002, 158, l. 609)

Figure 10 - Structural description of OSS as a formulative marker

Structure:	#...[TAS]...#
Position of the DM:	[M, A]
Structural description of OSS:	Formulative marker

4.7. Lastly, *o sea*, but not *ou seja*, occurs within an act, as a modalizer subact (MAS) with two modal functions (Briz 2001, 2002a): the first one is hedging, and occurs in initial position of a act [I, A]:

- (14') Sp. Yo no sé↓la mayoría de tus preguntas↑ para mí↑**o s(e)a** son lógica ¿no?#<sub>[MAS]</sub>**o sea**<sub>[MAS]</sub> no sé# (example taken from Briz 2002, 181)

The second modal function is stressing. *O sea* conveying stress is found in the final position of an act ([Final, A]), as example (15') shows:

(15') Sp. Con un presidente que mete esos pies la ministra Aguirre tiene perfecto derecho a escribir Baquero con uve. #Está en la línea, [MAS **o sea** MAS]#. (example taken from Briz 2002, 187)

The structural description of modal meanings is the following:

FIGURE 11 - Structural description of Sp. *o sea* as a modal marker (hedging)

---

Structure:	#[MAS]...#
Position of the DM:	[I, A]
Structural description of <i>o sea</i> :	MAS

---

FIGURE 12 - Structural description of OSS as a modal marker (stressing)

---

Structure:	#...[MAS]#
Position of the DM:	[F, A]
Structural description of <i>o sea</i> :	MAS

---

## 5. Final Remarks

The description of two reformulative markers (Spanish *o sea* and Portuguese *ou seja*) widens the corpus of descriptive contrastive information on this subject (Garcés dir. 2009). Nevertheless, instead of replicating an existing contrastive method, this paper suggests an alternative way to describe and to compare DMs within the Val.Es.Co framework.

The results have shown that OSS share most of their functions and differ in the wider range of functions of *o sea*. These results can be taken as a departure point for further contrastive research and also for diachronic studies.

In this sense, the synchronic description presented here lets us hypothesize that modal functions are the last development of Sp. *o sea*, in the sense that modal functions are a further development on any DM with a prototypical connective function (Pons 1998). This hypothesis has to be falsified in further research.

We believe that the method we have followed in this study offers a general framework for the description of DMs regardless of the language they belong to. To our knowledge, there does not exist in the current literature on DMs any alternative model to compare DMs outside discourse segmentation models.

## REFERENCES

- Blanche-Benveniste, C., 1994. *Approches de la langue parlée en français*. Ophrys, Paris.
- Briz, A., 2001. El uso de o sea en la conversación. De Kock, J. (Ed.) *Gramática española. Enseñanza e investigación. I. Apuntes metodológicos*. Salamanca, Universidad, 287-317.
- Briz, A., 2002a. Otra vez sobre o sea. Saralegui, C. Casado, M. (Eds.) *Pulchre, bene, recte. Estudios en homenaje al prof. Fernando González Ollé*. Pamplona, Eunsa, 169-190.
- Briz, A., 2002b. Apuntes para la definición lexicográfica de o sea. In Pöll, B. H. Rainer (Eds.) *Vocabula et vocabularia. Études de lexicologie et de (meta)lexicographie romanes en l'honneur de D. Messner*. Frankfurt, Peter Lang, 45-52.
- Briz, A. & Grupo Val.Es.Co, 2003. Un sistema de unidades para el estudio del español coloquial. *Oralia* 6, 7-63.
- Briz, A., S. Pons & J. Portolés (dirs.) *Diccionario de partículas discursivas del español (DPDE)*. Online since 2003: [www.dpde.es](http://www.dpde.es).
- Cortés Rodríguez, L., 1991. Sobre conectores, expletivos y muletillas en el español hablado. *Ágora*, Málaga.
- Cortés Rodríguez, L. & Camacho Adarve, M., 2005. *Unidades de segmentación y marcadores del discurso*. Arco Libros, Madrid.
- Cresti, E. & Moneglia, M., 2005. *C-Oral-Rom: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. John Benjamins, Amsterdam.
- Cresti, E., 2000. *Corpus di italiano parlato*. Accademia della Crusca, Firenze.
- Cuenca, M. J., 2001. Los conectores parentéticos como categoría gramatical. *LEA* 23, 211-235.
- Cuenca, M. J., 2003. Two ways to reformulate: a contrastive analysis of reformulation markers. *Journal of Pragmatics* 35, 1069-1093.
- Cuenca, M. J. & C. Bach, 2007. Contrasting the form and use of reformulation markers. *Discourse Studies*, 9/2, 149-175.
- Del Saz, M., 2007. *English Discourse Markers of Reformulation*. Peter Lang, Bern.
- Ducrot, O., 1984. *Le dire et le dit*. Minuit, Paris.
- Ferrari, A. et alii, 2008. *L'interfaccia lingua-testo*. Edizioni dell'Orso, Alessandria.
- Ferrari, A., 2003. *Le ragioni del testo. Aspetti morfosintattici e interpuntivi dell'italiano contemporaneo*. Accademia della Crusca, Firenze.
- Fischer, K. (Ed.), 2006. *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam, Elsevier.
- Fraser, B., 1999. What are discourse markers?. *Journal of Pragmatics* 31, 931-952.
- Fuentes, C., 2009. *Diccionario de conectores y operadores del español*. Arco Libros, Madrid.
- Garcés Gómez, P., 2008. *La organización del discurso: marcadores de ordenación y de reformulación*. Iberoamericana / Vervuert, Madrid.
- Garcés Gómez, Pilar (dir.), 2009. *La reformulación del discurso en español en comparación con otras lenguas*. Universidad Carlos III, Madrid.
- Güllich, E. & T. Kötschi, 1983. Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, 5, 305-351.

- Gülich, E. & T. Kotschi, 1995. Discourse Production in Oral Communication. A Study Based on French. Quasthoff, U. (Ed.) *Aspects of Oral Communication*. De Gruyter, Berlin, 30-66.
- Kotschi, T., 2001. Formulierungspraxis als Mittel der Gesprächsaufrechterhaltung. Brinker, K. G. Antos et al. (Eds.) *Text- und Gesprächslinguistik*. De Gruyter, Berlin, vol. ii, 1340-1348.
- Lopes, A. C. M., forthcoming. Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos *quer dizer, ou seja e isto é* no português europeu contemporâneo.
- Marques, R., 2010. Sobre a semântica dos tempos do Conjuntivo. *XXV Encontro Nacional da APL. Textos Seleccionados*. Lisboa: APL, 549-565.
- Martín Zorraquino, M.A. & Portolés, J., 1999. Los marcadores del discurso. J. Bosque & V. Demonte (Eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Espasa-Calpe, Madrid, III, 4051-4213.
- Morel, M. A. & Danon-Boileau, L., 1998. *Grammaire de l'intonation. L'exemple du français oral*. Ophrys, Paris.
- Murillo Ornat, S., 2007. *A Contribution to the Pragmalinguistic Contrastive Study of Explicatory Reformulative Discourse Markers in Contemporary Journalistic Written English and Spanish*. University, Zaragoza. Unpublished dissertation.
- Murillo Ornat, S., 2009. Los marcadores de reformulación explicativa en español y en inglés. Estudio contrastivo de *o sea* y sus traducciones *that is (to say)* e *in other words*. In: Garcés Gómez, P. (dir.) *La reformulación del discurso en español en comparación con otras lenguas*. Universidad Carlos III, Madrid, 137-161.
- Ochs, E., 1979. Planned and unplanned discourse. In T. Givón (Ed.) *Syntax and Semantics*. New York, Academic Press, 51-80.
- Pons Bordería, S., 2008. Grammaticalización por tradiciones discursivas: el caso de *esto es*. J. Kabatek (Ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas*. Frankfurt am Main, Vervuert, vol. 31, 249-274.
- Pons Bordería, S., 2013. Un solo tipo de reformulación. *Cuadernos AISPI* vol. 2, 151-170.
- Pons Bordería, S., 2014. Paths of grammaticalization in Spanish *o sea*. Chiara Ghezzi & Piera Molinelli (Eds.) *Pragmatic Markers from Latin to Romance Languages*. OUP, Oxford, 109-136.
- Pons Bordería, S. & Estellés Arguedas, M., 2014. Absolute Initial Position. Pons Bordería (Ed.) *Models of Discourse Segmentation. Explorations across Romance Languages*. John Benjamins, Amsterdam.
- Preti, D., 2004. *Estudos de língua oral e escrita*. Lucerna, Rio de Janeiro.
- Rossari, C., 1994. *Les opérations de reformulation*. Peter Lang, Berne.
- Roulet, E. et alii, 1985. *L'articulation du discours en français contemporain*. Peter Lang, Berna.
- Roulet, E., 1987. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs. *Cahiers de Linguistique Française*, 8, 111-140.

- Roulet, E., Laurent Fillettaz, A. G., 2001. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Peter Lang, Berne.
- Santos, L., 2003. *Diccionario de partículas*. Salamanca, Luso-Española de ediciones.
- Schiffrin, D., 1987. *Discourse Markers*. Cambridge, CUP.
- Schwenter, S. 1996. Some reflections on 'o sea': a discourse marker in Spanish. *Journal of Pragmatics*, 25, 855-74.
- Sornicola, R., 1981. *Sul parlato*. Il Mulino, Bologna.
- Weydt, H., 1989. *Sprachen Mit Partikeln*. De Gruyter, Berlin.

# O contraste português / espanhol em Nicolau Peixoto (1848)\*

Sónia Duarte

duarte.sonia@sapo.pt

*Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

**ABSTRACT:** In previous studies, the importance of the work edited by Nicolau Peixoto – *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Oporto 1848) – as the first grammar of Spanish published in Portugal has already been stressed. This paper aims to go further in Peixoto's work, focusing on the contrastive notes regarding the target language and the mother tongue of its audience, so as to frame those comments in the previous tradition of Portuguese-Spanish contrastive studies, among which the works of Howell (1662), Bluteau (1721) and Moura (1821) stand out.

**KEYWORDS:** Nicolau Peixoto; Portuguese-Spanish contrastive gramaticography; linguistic historiography.

**RESUMO:** Em trabalhos anteriores já foi posto em relevo o valor da obra editada por Nicolau Peixoto – *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Porto 1848) – como a primeira gramática de espanhol publicada em Portugal. Este artigo pretende agora aprofundar o estudo da obra de Peixoto, centrando-se sobre as notas contrastivas a respeito da língua-meta e da língua materna dos destinatários da obra, para enquadrar esses comentários na tradição precedente de estudos contrastivos entre o espanhol e o português, na qual se destacam as obras de Howell (1662), Bluteau (1721) e Moura (1821).

**PALAVRAS CHAVE:** Nicolau Peixoto; gramaticografia contrastiva português-espanhol; historiografia linguística.

## 1. O texto em estudo

Segundo a informação disponível, a *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Porto 1848), editada por Nicolau António Peixoto (? – 1862), é a primeira gramática de espanhol publicada em Portugal, como atestam tanto estudos gerais sobre os materiais para o ensino do espanhol em Portugal (Álvarez 2005; Ponce de León 2005, 2007; Salas Quesada

---

\* O presente trabalho foi realizado no âmbito das atividades de doutoramento financiadas pela Fundação de Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/74989/2010) e subordinadas ao projeto de tese "La lengua y la gramaticografía españolas desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)", inscrito no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica* da *Universidad de León* e realizado sob orientação de María Dolores Martínez Gavilán. Merece ainda referência e agradecimento o contributo dos revisores deste texto, através das suas sugestões.

2005a), assim como os poucos trabalhos especificamente publicados sobre a gramática em estudo, os quais se resumem a uma única monografia (Duarte 2008a) e alguns artigos (Salas Quesada 2005b<sup>1</sup>; Duarte 2008b, 2009a, 2010).

O texto encontra-se escrito em português e ocupa um total de cento e quarenta e sete páginas, estruturadas em dois textos preliminares – a nota do editor (p. [3])<sup>2</sup> e o prólogo (pp. 5-7) – e quatro partes de texto gramatical propriamente dito. A primeira parte (pp. 9-14) está dedicada à prosódia; a segunda (pp. 15-105) – a mais extensa –, à morfologia; a terceira (pp. 105-119), à sintaxe; a quarta (pp. 119-131), à ortografia.

Desta gramática foi publicada, em Lisboa, em 1858, uma segunda edição revista e aumentada por José Maria Borges da Costa Peixoto (1833-1862), filho de Nicolau Peixoto<sup>3</sup> e responsável também pelo *Guia da conversação Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Lisboa 1860). O conjunto das duas obras forma aquilo que Ponce de León (2005: 677; inédito<sup>4</sup>) descreve como um projeto didático assente na complementaridade entre material gramaticográfico e lexicográfico, identificada igualmente por Salas Quesada (2005b: 2). Nesse projeto se deveriam incluir ainda, talvez, os *Diccionarios Hespanhol-Portuguez e Portuguez-Hespanhol*, anunciados na contracapa do texto de 1848 e no jornal portuense *Defensor Diario* ao longo do mês de agosto do mesmo ano, nos dias 17, 18 e 19.

Contudo, como alerta Ponce de León (inédito, 2007: 63), não há registo de que estes dicionários se tenham efetivamente publicado ou de que a sua edição estivesse a cargo dos Peixoto.

Além do que fica por esclarecer acerca dos dicionários, há ainda outras lacunas a respeito da vida e obra dos Peixoto, como se expôs já noutra lugar (Duarte 2008a: II-V). Entre elas, merece particular relevo a que persiste sobre a autoria da gramática. O próprio Nicolau Peixoto parece diferenciar entre a identidade do autor e a do editor, assumindo a última e deixando em branco a primeira, como, aliás, observa Inocência Silva.

<sup>1</sup> Agradeço à autora a cedência do seu trabalho.

<sup>2</sup> A paginação indicada reporta-se, aqui, à edição original (1848), contudo, para efeitos de transcrição, ao longo deste estudo, utilizar-se-á como referência a edição crítica do texto a cargo da autora deste artigo (Duarte 2008a), indicando igualmente entre parênteses retos a paginação original da edição de 1848 e omitindo as notas do aparato crítico.

<sup>3</sup> Cabe advertir, no entanto, que, como foi já evidenciado em Duarte (2008a: XVIII), no que toca à exposição da teoria gramatical, as duas edições não diferem. As alterações introduzidas na segunda edição dizem exclusivamente respeito à correção de grialhas, opções ortográficas e aos suplementos.

<sup>4</sup> Agradeço ao autor a cedência do seu texto.

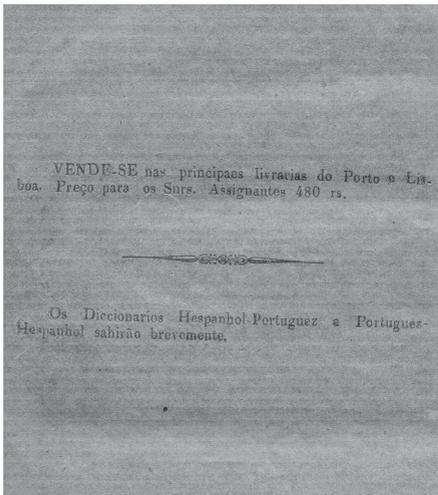


FIGURA 1 – Anúncio I  
Peixoto (1848: contracapa)

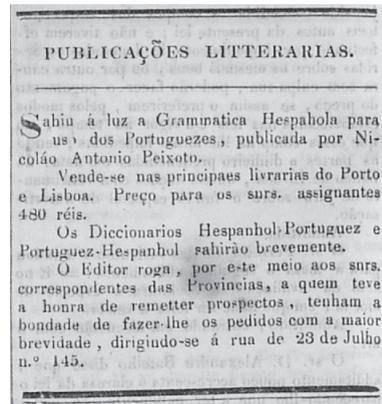


FIGURA 2 – Anúncio II  
O Defensor Diario (17 de agosto de  
1848, sem. 2, p. 740)

Convencido da utilidade, que deve d'aquí resultar á nossa litteratura e ao nosso commercio, **tenhei fazer publicar** a presente grammatica, com que desejo contribuir para o bem da Nação.

Se o publico a aceitar benigno, meus fins estão prehenchidos, e eu altamente recompensado.

#### O Editor

*Nicolao Antonio Peixoto* ”.

(Peixoto 2008[1848]: 1[3], **negrito meu**).

[...] Elle proprio [Nicolau Peixoto], em uma especie de prologo, se declara *editor*, da obra cujo auctor porém, se conservou anonymo”.

(Silva 1894: tomo XVII, 86, **itálico de Silva**).

É verdade que, no *Guia de Conversação*, no título completo da obra, apresenta-se José Peixoto como “auctor da Grammatica Hespahola”, contudo, parece pouco verosímil que a tivesse escrito aos quinze anos de idade.

Seja qual for a identidade do autor, a verdade é que o trabalho em questão vem preencher um vazio, como indica o seu primeiro editor: “De que será, que ninguem até agora se dêsse ao trabalho de beneficiar a Nação portugueza com um methodo de aprender esta rica e bella lingua?” (Peixoto 2008[1848]: 1[3]). Contudo, tais palavras devem ser matizadas, já que, apesar da inexistência de uma gramática ou de um manual, será justo não menosprezar a informação sobre o espanhol que já circulava nos textos que conformam a tradição apologética,

ortográfica, gramaticográfica e lexicográfica portuguesa ou latino-portuguesa anterior a 1848<sup>5</sup>. O inventário dos contributos mais significativos foi já realizado noutros lugares (Ponce de León 2005: 675-676; Duarte 2008a: VII-IX).

## 2. Os textos em confronto

De entre os contributos anteriormente referidos, realçam-se aqui três textos, pela sua explícita perspetiva contrastiva entre as duas línguas: i) “Of the Portugues language or subdialect” (Londres 1662) de James Howell; ii) “Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa” (Lisboa 1721) de Rafael Bluteau; iii) *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Linguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portugueza* (Coimbra 1821) de José Vicente Gomes de Moura.

O primeiro texto, em rigor, não faz parte da gramaticografia portuguesa nem sequer sobre o português. Corresponde antes a um opúsculo de pequenas dimensões (dois fólhos acompanhados de nove de léxico<sup>6</sup>) que integra uma gramática do castelhano destinada ao público inglês, onde figura articulado com outros textos discriminados no título completo da obra (cf. REFERÊNCIAS), os quais, no seu conjunto, são dedicados à portuguesa D.<sup>a</sup> Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra por essa altura. Não obstante, como foi evidenciado noutros estudos (Salas Quesada 2002-2004; Pablo Segovia 2009; Duarte 2009b), os dados oferecidos sobre o contraste entre o português e o espanhol são, efetivamente, merecedores de atenção.

O segundo texto – um opúsculo de extensão igualmente reduzida, que perfaz página e meia de texto doutrinal, acompanhadas de nove páginas de material lexicográfico<sup>7</sup> -, ainda que, como informa Ponce de León (2007: 74),

---

<sup>5</sup> Ponce de León (2005: 675) descreve da seguinte forma o papel que cumprem nessa tradição as referências ao castelhano: “pues bien, en tales tratados, la lengua española, cuando la finalidad es pedagógica – como en el caso de Manuel Álvares -, se utiliza como mero auxilio para la enseñanza del latín; en otros casos, los objetivos son estrictamente editoriales – de difusión de la gramática o del léxico”. Especificamente sobre o que acontece na gramaticografia portuguesa desde esta perspetiva tratam os trabalhos de José Luis Rodríguez (2005), Ana María García Martín (2007) e o projeto de tese de doutoramento no quadro do qual se elabora o presente artigo. Da presença do castelhano em alguns autores portugueses em particular tratam ainda os estudos de Ponce de León (2010) e Duarte (2012a, 2012b, no prelo a). Tal abordagem é frequentemente associada à que explora a presença dos gramáticos espanhóis na gramaticografia portuguesa, contudo, para este efeito, separam-se as duas perspetivas, não se mencionando aqui, portanto, os estudos que se orientam predominantemente para a questão das fontes espanholas na tradição de descrição do português.

<sup>6</sup> Precisamente sobre o material lexicográfico incide o estudo de Salas Quesada (2002-2004).

<sup>7</sup> O complemento lexicográfico consiste numa lista de palavras intitulada “Tabla de palabras portuguesas remotas de la lengua castellana”. Sobre a integração desta tabela dentro do *Methodo*, cf. Ponce de León & Duarte (2005: 377, n. 15). Sobre a tabela em si, cf. Salas Quesada (2007).

seja o primeiro texto que assume como propósito a difusão do português entre os espanhóis, em rigor, como se afirma noutro lugar (Ponce de León & Duarte 2005: 386), não constitui um manual de português como língua estrangeira, mas sim um recurso auxiliar para facilitar o acesso à obra lexicográfica que integra: o *Diccionario Castellano y Portuguez* (Lisboa 1721), publicado por Bluteau para, por sua vez, ampliar entre os hispano-falantes a difusão do seu *Vocabulario Portuguez & Latino* (Coimbra e Lisboa 1712-1728), como, aliás, se explicita no título completo do referido dicionário (cf. REFERÊNCIAS). Seja como for, como já foi evidenciado em Ponce de León & Duarte (2005: 387-389), embora o seu objeto seja primeiramente a compreensão escrita em português, este texto representa um contributo significativo para os estudos contrastivos entre os dois idiomas.

Finalmente, a obra de Moura, bem mais extensa que as anteriores (noventa e seis páginas), embora sem chegar a ser exatamente uma gramática, parece ser o primeiro material gramaticográfico publicado em Portugal no qual o espanhol figura como objeto expresso de aprendizagem em contraste com outros idiomas, entre os quais o português<sup>8</sup>. Como já foi sublinhado noutros trabalhos (Duarte 2006: 330; Ponce de León 2009: 523), apesar do que parece indiciar o título, a obra não está constituída meramente por tabelas ou paradigmas; pelo contrário, oferece valiosa informação teórica nos comentários sobre a articulação dos sons e sobre a morfologia, assim como importante material contrastivo nos exemplos sobre a sintaxe.

Noutros estudos (Duarte 2008a, 2009a), observou-se já que estes autores não se encontram entre os mencionados na gramática editada pelos Peixoto<sup>9</sup>. No entanto, tal não descarta a possibilidade de que o seu autor conhecesse os textos em questão, nem retira tampouco pertinência ao estudo do grau de proximidade / distância entre eles. Neste trabalho, procurar-se-á aprofundar

---

<sup>8</sup> Como clarifica o título da obra, além do português, são ainda considerados o francês e o italiano.

<sup>9</sup> Convém que se observe aqui que, entre as fontes que poderia ter usado o autor do texto em estudo, não havia tampouco gramatografia espanhola contrastiva com o português publicada anteriormente a 1848, como se esclarece em Ponce de León (2007: 60). Sobre as fontes metalinguísticas espanholas comprovadamente consultadas, cf. Duarte (2009), onde se procura situar em termos gerais a teoria gramatical do texto em estudo face à tradição espanhola precedente e, em particular, descrever a forma como as referidas fontes são incorporadas no texto editado pelos Peixoto, precisando a devida deste para com aquelas, entre as quais é possível identificar concretamente as obras académicas – com particular destaque para a *Gramática de la lengua Castellana* (Madrid 1796) – e a *Gramática Inglesa* de José Urcullu (Porto 1848) – à qual se fará referência mais adiante neste trabalho. Sobre o papel da gramática académica em Peixoto, cf. ainda Duarte (2010).

esta questão, tentando situar o texto de 1848 relativamente aos restantes no que concerne às evidências apresentadas no âmbito do contraste de línguas.

### 3. Levantamento de notas contrastivas

É importante vincar que a abordagem que aqui se leva a cabo se encontra efetivamente restringida aos pontos de contraste explícito entre o português e o espanhol identificados em Peixoto. O critério assumido não decorre, contudo, da perceção de que o foco contrastivo se encontre circunscrito aos casos expressos. Com efeito, tal perspetiva é transversal à gramática editada pelos Peixoto na sua globalidade. Mesmo quando não é explicitada, é ela que muitas vezes justifica a opção por determinados conteúdos ou por determinadas modalidades de apresentação<sup>10</sup>. Não obstante, de um ponto de vista didático, referir expressamente ou não esse contraste com a língua materna do público-alvo poderá ter implicações diferentes, razão pela qual se optará aqui por isolar as situações em que tal é explicitado.

Na tabela 1, apresenta-se uma visão geral dos factos de língua sujeitos ao contraste, organizando-os segundo a sua convergência ou divergência relativamente ao português, no âmbito de cada uma das quatro partes em que se estrutura a gramática editada pelos Peixoto.

TABELA 1 - Visão geral

Semelhanças	Diferenças
Ortologia	
Articulação de todas as vogais. Pronúncia de sons correspondentes a diversos grafemas: - <c>, antes de <a>, <o>, <u>, <l>, <r>, quando antes de <e> ou <i> há <u> de permeio ou em posição final de sílaba. - <g> antes de <a>, <o>, <u> <l>, <r> ou em posição final de sílaba. - <ch>, <r> e <v>. Representação do acento gráfico.	Pronúncia de sons correspondentes a diversos grafemas: - <c> e <g> antes de <e> ou <i>. - <j>, <ll>, <ñ>, <x>, <z>.

<sup>10</sup> A título de exemplo, é o que acontece no início do texto, quando, ao tratar da classificação das letras e dos sons que lhes correspondem, se esclarece que “no alfabeto hespanhol não ha vogaes nasas” (Peixoto 2008[1848]: 8[10]). Tal observação, à luz de que, neste aspeto, o sistema vocálico do português diverge do sistema vocálico do espanhol, torna-se particularmente significativa do ponto de vista contrastivo.

Partes da Oração	
Nomes: não aplicabilidade do conceito de caso. Adjetivos: preposições intervenientes na formação do superlativo. Pronomes: contração com preposição. Pronomes: coincidência de OD + OI. Verbos: inexistência de verbo passivo; estruturas substitutivas da passiva. Verbos: terminações verbais. Advérbios: formas terminadas em <i>-mente</i> . Preposições: emprego genérico.	Artigo: casos de omissão. Nomes: género. Nomes: certos diminutivos. Adjetivos: preposições intervenientes na formação do comparativo. Adjetivos: uso do artigo junto de numerais (expressão da hora). Verbos: terminações verbais.
Sintaxe	
Emprego da preposição antes de OD. Emprego dos tempos e modos verbais. Recurso à construção inversa.	Imperfeito do conjuntivo / condicional.
Ortografia	
Pontuação. Emprego de maiúsculas.	Emprego de hífen.

Numa primeira análise, conclui-se que a maior parte dos casos identificados diz respeito a situações de coincidência entre as duas línguas e que tal é especialmente vincado nos âmbitos da ortologia e da sintaxe. Verifica-se igualmente que a maioria das situações observadas (tanto no que concerne aos pontos de identidade como de divergência) se situa no âmbito da morfologia; contudo, como já foi observado, este domínio é também o que ocupa a maior porção de texto. A seguir, desenvolver-se-á cada um dos casos identificados, organizando-os em função da própria estrutura da gramática em estudo e cotejando-os com os textos de Howell, Bluteau e Moura. Assim se procurará aferir se estas aproximações se encontravam já na tradição precedente e, em caso afirmativo, se coincide a orientação (de convergência ou divergência) que preside às mesmas.

### 3.1. Ortologia

Neste âmbito, a estratégia adotada para reproduzir graficamente a pronúncia do alfabeto espanhol permite, logo de início, identificar os sons específicos da língua espanhola: “o alfabeto hespanhol consta de vinte e sete letras cuja pronúncia procuraremos imitar por meio de sons portu-

guezes, menos a do *c*, *g*, *j*, *z*, que vai em sons hespanhoes, por não haver os equivalentes em portuguez” (Peixoto 2008[1848]: 7[9]). Nestes casos, oferecem-se descrições articulatórias detalhadas – os casos dos sons correspondentes às grafias <c> e <z> (Peixoto 2008[1848]: 8[10], 10[12]) – ou adverte-se que tal “só de viva voz se pode ensinar” – os casos de <g> e <j> – (Peixoto 2008[1848]: 8-9[11]). Convém, igualmente, observar a existência de notas contrastivas a respeito do modo de pronunciar as grafias <ll>, <ñ> e <x>. Além do anteriormente exposto, o texto apenas realça a identidade na representação do acento gráfico: “Só se faz uso em hespanhol do *accento agudo*. Este *accento* marca-se com o mesmo signal que em portuguez (´)” (Peixoto 2008[1848]: 11[13]).

Verifica-se que algumas destas ideias já se encontram nos autores precedentes aqui em confronto. Efetivamente, Bluteau (1721: 14) põe em relevo a equivalência fonética na pronúncia dos sons correspondentes aos grafemas <ll>, em espanhol, e <lh>, em português, e o mesmo acontece em Moura (1821: 5), que comenta ainda a correspondência entre <ñ> e <nh>, para além de identificar igualmente a especificidade na articulação em espanhol das consoantes grafadas <g>, <j>, <x> e <z> (Moura 1821: 5-6).

### 3.2. Partes da oração

Começando pelo artigo, embora no texto se observe uma situação de semelhança global, aí se identificam também as diferenças entre as duas línguas relativamente a um conjunto de casos de omissão desta categoria antecedendo i) nomes comuns integrados numa sequência algo extensa; ii) determinados nomes usados indeterminadamente; iii) nomes comuns usados determinadamente junto a possessivos.

O artigo emprega-se ordinariamente nos mesmos casos, e segundo as mesmas regras em hespanhol e em portuguez. Ha com tudo algumas diferenças.

O artigo não se repete em hespanhol quando ha muitos nomes communs seguidos. Ex. *la union, amistad, buena inteligencia y frecuentes visitas de Juan y de Pedro son notables*. Os hespanhoes suprimem tambem o artigo diante das palavras *casa, palacio, paseo, misa, caza, pesca* e algumas outras semelhantes, sobre tudo quando estas se achão depois d’ um verbo de movimento. Ex. *voy á paseo, vengo de misa, comeré hoy en palacio*, etc. Porem não se omitta o artigo ajuntando-se qualquer palavra, que determine o *paseo, o palacio, misa*, etc., de que se falla. Ex. *voy al paseo del jardin; vengo de la misa mayor; comeré en el palacio real*.

Quando o nome commum se emprega n'um sentido determinado, põe-se, como em portuguez, a preposição com o artigo conveniente ao numero e genero. Ex. dá-me do pão, da carne, das cebolas, que acabas de comprar: *dame del pan, de la carne, de las cebollas, que acabas de comprar*. Porem havendo um pronome possessivo, emprega-se a preposição sem o artigo. Ex. dá-me do teu pão, das tuas cebolas: *dame de tu pan, de tus cebollas*.

(Peixoto 2008[1848]: 15-16[16-17]).

Quanto aos nomes, a gramática editada pelos Peixoto aponta para a coincidência entre os dois idiomas no que toca à inexistência de casos:

Alguns grammaticos designão uma terceira propriedade nos substantivos; a saber: a *declinação*. Porem consistindo a declinação em exprimir as relações entre as idéas, por meio de certas alterações feitas no material dos nomes; é evidente, que nas linguas em que aquelles não soffrem alteração nenhuma, e as relações se exprimem por meio de palavras separadas, não ha declinação. Assim em hespanhol (e tambem em portuguez) é absurdo dizer, que se declina, por ex. o nome *mesa*; pois diz-se: *de la mesa, á la mesa, para la mesa, etc.*, ficando sempre inalteravel a palavra *mesa*. Este é já um principio inconcusso entre os bons grammaticos, e quem quizer informar-se da demonstração, pode ler o art. *Cas da Encyclopedia*.

(Peixoto 2008[1848]: 17[18, n.1])

Por outro lado, o texto observa também as divergências quanto a alguns casos de atribuição de género nominal, questionando, nesse contexto, o valor da analogia como estratégia de aprendizagem desta matéria e oferecendo, seguidamente, uma listagem de algumas situações em que o referido recurso estratégico não funciona.

Não se deve, pois, ter atenção á analogia, que ha entre as duas linguas, porque alguns nomes ha, que em hespanhol são masculinos, e em portuguez femininos, e vice versa. São masculinos em hespanhol e femininos em portuguez:

<i>Dolor,</i>	dor.	<i>Color,</i>	côr.
<i>Arbol,</i>	arvore.	<i>Estante,</i>	estante.
<i>Ambages,</i>	ambages. (e alguns outros.)		

São femininos em hespanhol e masculinos em portuguez:

<i>Labor,</i>	lavor.	<i>Sal,</i>	sal.
<i>Leche,</i>	leite.	<i>Hiel,</i>	fel.
<i>Sangre,</i>	sangue.	<i>Nariz,</i>	nariz.
<i>Miel,</i>	mel.	<i>Estratagem,</i>	estratagem (e alguns outros.)

(Peixoto 2008[1848]: 18-19[19])

Finalmente, dentro ainda desta categoria, o texto comenta o caso de um nome diminutivo cuja importação do espanhol se defende aí, sustentando tal posição na *Grammatica Ingleza para uso dos portuguezes reduzida a vinte e sete lições* (Porto 1848) de José Urcullu<sup>11</sup>.

No Dicionario da lingua portugueza, de Moraes, edição de 1789, está a palavra *Mada-moesella*, tomada do francez, mas por ninguem usada, que eu saiba. Com quanta mais razão se poderia adoptar a palavra hespanhola *Señorita* na accepção referida, quando não ha equivalente na lingua portugueza, o decidirão os litteratos imparciaes. (*Gram. portugueza-ingleza, Edição de 1848, do illustre litterato D. José de Urcullu.*)

(Peixoto 2008[1848]: 32[30, n.1])

Sobre os adjetivos, as notas contrastivas centram-se no uso das preposições, na formação do comparativo e superlativo ou no uso do artigo junto a adjetivos numerais no contexto de expressão da hora.

Neste caso e outros semelhantes não se traduz em hespanhol a palavra portugueza *do*.  
(Peixoto 2008[1848]: 34[32]).

O que fica dito do comparativo de superioridade é applicavel ao comparativo de inferioridade.

(Peixoto 2008[1848]: 34[32]).

Os adjectivos *superior* e *inferior* regem a preposição *á*, tanto em hespanhol como em portuguez.

(Peixoto 2008[1848]: 37[34]).

Para exprimir as horas do dia ou da noite, emprega-se em hespanhol o numeral cardinal precedido do artigo *la* ou *las*. A palavra *hora* ou *horas* nunca se exprime neste caso. Ex. *es la una*, é uma hora: *son las tres y media*; são tres horas e meia. *Meio dia, meia noite*, empregados para marcar a hora, exprimem-se por *las doce*; ajunta-se *de la noche* ou *del dia* quando as circunstancias o exigem. Assim quando em portuguez se diz, *chegou á meia noite*; em hespanhol dir-se-ha, *llegó á las doce de la noche*.

(Peixoto 2008[1848]: 41[38-39]).

A respeito dos pronomes, o texto editado pelos Peixoto observa a identidade de estratégias nos casos que a seguir se discriminam: i) contração com preposição (numa perspetiva diacrónica); ii) coincidência de objeto direto e indireto.

<sup>11</sup> Sobre alguns aspetos da perceção contrastiva do espanhol e do português nas obras de Urcullu, cf. Duarte (no prelo b).

Os pronomes *mi, ti, si*, acompanhados da preposição *con*, tomão a syllaba *go* depois de *si* formando uma só palavra. Ex. *conmigo, contigo, consigo*. Antigamente acontecia o mesmo com os pronomes *nos, vos*, formando, o mesmo que em portuguez se usa, as palavras *connosco, convosco*, e em edições mais antigas achavão-se as palavras *connusco, convusco*. Porem hoje só se diz *con nosotros, con vosotros*.

(Peixoto 2008[1848]: 46[42])

O regime directo *le, la, lo, los, las* (em portuguez o, a, o, os, as) não pode estar junto na mesma frase hespanhola com o regime indirecto *le, les* (em portuguez *lhe, lhes*). Neste caso põe-se o pronome *se* em lugar do regime indirecto. Ex. Eu lha dei: *yo se la di*. Eu lho darei: *yo se lo daré*. Tu lha darás: *tu se la darás*. O mesmo acontece com os pronomes portuguezes *me, te*, que perdem o *e* quando são seguidos do artigo *o* ou *a* sem substantivo claro. Ex. *derão-mo, eu to darei*: em hespanhol diz-se: *me lo dieron, yo te lo daré*.

(Peixoto 2008[1848]: 46-47[43])

Em Moura (1821:15-17), estas situações podem deduzir-se dos dados recolhidos em tabela própria, mas não há nenhuma nota contrastiva a este respeito.

Quanto à descrição dos verbos, o comentário do texto de 1848 realça igualmente a semelhança entre as duas línguas. Aí se adverte, em primeiro lugar, a inexistência do verbo passivo e identificam-se as estruturas utilizadas em sua substituição: “na lingua hespanhola, assim como na portugueza não ha verbos passivos: a sua falta suppre-se unindo ás vozes do verbo *ser* o participio passivo dos verbos activos; como: *eu sou amado*, etc.” (Peixoto 2008[1848]: 53 [48]). Sobre isto não há qualquer referência nos restantes autores.

A perspetiva contrastiva sobre as formas verbais assume-se de forma especialmente evidente na tabela que sistematiza as terminações verbais dos verbos regulares em espanhol e português – “*Tabella geral comparativa das terminações dos tempos simples dos verbos regulares, tanto hespanholas, como portuguezas*” – (Peixoto 2008[1848]: 77-80[65-66]). Se bem que a referida tabela permita deduzir tanto as diferenças como as semelhanças e que, no referente à língua portuguesa, unicamente se apresentem as terminações divergentes, a verdade é que o comentário aos dados aí reunidos incide mais propriamente sobre as semelhanças detetadas.

Observe-se que são iguaes nas duas linguas:

- 1.º As terminações do presente do infinito das tres conjugações.
- 2.º A terminação do Gerundio da 1.ª conjugação.
- 3.º As terminações do participio passado das tres conjugações.
- 4.º As terminações do singular, e as da 2.ª e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo das tres conjugações.
- 5.º As terminações do singular e as da 1.ª pessoa do plural do imperfeito do indicativo da 2.ª e 3.ª conjugação.
- 6.º No preterito simples do indicativo as terminações da 2.ª pessoa do singular, e as da 1.ª pessoa do plural da 1.ª e 3.ª conjugação; e as da 1.ª pessoa do singular da 2.ª e 3.ª conjugação.
- 7.º As terminações da 2.ª e 3.ª pessoa do singular, e as da 1.ª e 2.ª do plural do futuro simples do indicativo das tres conjugações.
- 8.º As terminações da 2.ª e 3.ª pessoa do singular e as da 1.ª do plural do imperativo das tres conjugações.
- 9.º As terminações do singular, e as da 1.ª e 2.ª pessoa do plural do presente do subjunctivo das tres conjugações.
- 10.º As terminações do singular, e a da 1.ª pessoa do plural do 1.º imperfeito do subjunctivo da 1.ª conjugação.
- 11.º As terminações do singular, e as da 1.ª pessoa do plural do 2.º imperfeito do subjunctivo das tres conjugações.
- 12.º A terminação da 2.ª pessoa do singular do futuro simples do subjunctivo da 1.ª conjugação”.

(Peixoto 2008[1848]: 80-81 [66-67])

Embora a maioria destes dados possam ser extraídos dos paradigmas apresentados por Moura<sup>12</sup>, não há no seu texto nenhum comentário a esse respeito; antes pelo contrário, nas notas contrastivas que redige no final da secção dedicada às conjugações regulares, Moura (1821: 44) centra-se mais nos aspetos que separam as duas línguas. Quanto a Bluteau, o seu texto coincide com o editado pelos Peixoto ao observar as divergências a respeito da terceira pessoa do plural das formas verbais com terminações grafadas <-m> ou <-ão> em português *versus* <-n> em espanhol (Bluteau 1721: 14), ainda que Peixoto anule essa diferença no ponto 4º das notas conclusivas sobre as tabelas, como se pode comprovar pela pas-

<sup>12</sup> Com exceção do que concerne aos pontos 8º e 10º da citação anterior. No caso do imperativo, Moura apenas considera a 2ª e 3ª pessoas. No tocante ao imperfeito do conjuntivo, Moura não partilha a admissão das duas formas (1º imperfeito e 2º imperfeito), mas podemos transpor as observações encontradas em Peixoto a respeito do 1º imperfeito para as formas abrangidas por Moura dentro do paradigma do condicional.

sagem acima transcrita. Especificamente sobre a representação gráfica em português do referido ditongo nasal, importa advertir duas questões: i) esta é uma das matérias que alcançou mais visibilidade na tradição metalinguística portuguesa e também uma das que mais polémica suscitou, para além de que, inclusivamente, separa as duas edições da gramática em estudo<sup>13</sup>; ii) no quadro dessa polémica, a reflexão acerca da representação ortográfica das terminações verbais da terceira pessoa do plural é um fenómeno que frequentemente suscita a alusão à divergência relativamente ao espanhol<sup>14</sup>.

A orientação para os factos de língua convergentes mantém-se no tratamento dos advérbios e preposições. Sobre os primeiros, refere-se a correspondência das formas terminadas em *-mente*: “Os advérbios terminados em *mente* correspondem aos da língua portuguesa na mesma terminação” (Peixoto 2008[1848]: 125[101]).

Quanto às preposições, no texto editado por Peixoto, insiste-se igualmente nos aspetos idênticos: “As preposições hespanholas empregão-se da mesma maneira e baixo as mesmas regras que as preposições portuguesas” (Peixoto 2008[1848]: 126[103]). Curiosamente, embora esta observação precise de ser matizada, o texto não o faz neste ponto, apesar dos comentários contrastivos sobre o uso das preposições no âmbito da formação dos graus dos adjetivos – dos que já se tratou aqui –, assim como sobre o uso das preposições junto de objeto direto – do qual se tratará seguidamente –.

### 3.3. Sintaxe

Com efeito, é precisamente sobre algumas situações em que o objeto direto se encontra precedido de preposição que incide a primeira nota contrastiva no âmbito da sintaxe: “O regime directo é precedido algumas vezes de preposição assim como em portuguez” (Peixoto 2008[1848]: 135[109]). Produz certa estranheza que, neste caso, o texto da responsabilidade dos Peixoto realce a semelhança linguística, quando a distinta evolução do acusativo preposicionado nas duas línguas é precisamente uma das matérias

---

<sup>13</sup> A edição de 1848 utiliza a grafia <-ão>, enquanto que a de 1858 opta pela grafia <-m>. No atinente a esta matéria, tal implica, portanto, divergências entre a norma ortográfica da segunda edição e os textos de Bluteau e de Moura, que empregam a grafia <-ão>. Para mais informação sobre o debate ortográfico a este respeito na tradição coeva e precedente, cf. Gonçalves (2003: 465-466).

<sup>14</sup> É o que indicam os dados recolhidos até ao momento no quadro do projeto de tese de doutoramento em curso e a tal se alude em alguns trabalhos já publicados nesse âmbito (Duarte 2012b: 84-85, no prelo a).

mais merecedoras de atenção por parte dos estudos contrastivos diacrónicos entre o português e o espanhol, como atesta o trabalho de Hans-Jörg Dölha (no prelo).

As notas contrastivas respeitantes à sintaxe centram-se, no entanto, sobre o emprego e regência dos tempos verbais. É o que acontece quando se sublinha a semelhança no uso do presente do infinito e as suas implicações em termos de regência: “Emprega-se este tempo, nas duas línguas, d’uma maneira substantiva, e então da-se-lhe o regime directo e indirecto que pertence respectivamente aos verbos” (Peixoto 2008[1848]: 137[110]). Diferentemente de Moura (1821: 44, 46), ao discorrer sobre este tempo do infinito, o texto em estudo não faz qualquer comentário contrastivo a respeito do infinito pessoal português: “Emprega-se este tempo, nas duas línguas, d’uma maneira substantiva, e então da-se-lhe o regime directo e indirecto que pertence respectivamente aos verbos” (Peixoto 2008[1848]: 137[110]). Apesar de, na parte dedicada à morfologia, referir a invariabilidade em número e pessoa do infinito em espanhol, tanto aí como na parte dedicada à sintaxe – onde se orienta para um uso do infinito comum às duas línguas –, em nenhum momento o texto comenta explicitamente o carácter idiossincrático do infinito pessoal português, o qual, aliás, corresponde a outro tema de vincada relevância para a tradição de descrição do português, como já demonstrou Ponce de León (2006).

Já na descrição do emprego dos modos verbais, o texto de 1848 chama a atenção para a distinta abordagem do imperfeito do conjuntivo / condicional em português e espanhol nas respetivas tradições gramaticográficas, não obstante a identidade formal.

Em hespanhol usa-se dos tempos do indicativo, do imperativo, e do subjunctivo nos mesmos casos que em portuguez: mas é preciso attender só ás terminações dos tempos na forma, que vão combinadas nas conjugações, e não aos nomes desses tempos; pois que alguns grammaticos portuguezes põem no modo condicional a 2.<sup>a</sup> terminação do imperfeito do subjunctivo hespanhol, e outros reduzem esse modo ao subjunctivo assim como se usa em hespanhol.

(Peixoto 2008[1848]: 143[115]).

Também Moura (1821: 27), como se pode deduzir dos paradigmas apresentados nas suas *Taboas*, explicita essa coincidência entre o espanhol e o português neste aspecto concreto, embora de uma perspetiva diferente.

No âmbito da construção, o texto editado por Peixoto limita-se a assinalar que os dois idiomas partilham o recurso à construção inversa: “a construção *inversa* é usada igualmente em hespanhol e em portuguez, e contribue a dar ao estylo mais valor, variedade e nobreza” (Peixoto 2008[1848]: 144[116]).

### 3.4. Ortografia

A secção dedicada à ortografia é a parte do texto onde menos comentários contrastivos se realizam. Contudo, é precisamente neste âmbito que, no início do processo de gramatização do português, mais se insistiu na diferenciação relativamente ao espanhol, como evidenciam alguns estudos<sup>15</sup>. A primeira nota comparando a ortografia dos dois idiomas na gramática dos Peixoto pugna pela vigência do critério do uso na teoria ortográfica de ambas as línguas e, de alguma forma, apresenta a Academia espanhola como modelo para a Academia portuguesa. Mais uma vez, serve-lhe de suporte Urcullu, o qual, como se expõe no fragmento transcrito seguidamente, apresenta exemplos de algumas das mudanças já realizadas na norma espanhola e almejadas para a norma portuguesa.

“Ha poucos annos que tambem se escrevia com *h* em hespanhol *rehtorica, theologo, etc.*; porem a Academia Hespanhola simplificando em cada nova edição o tratado de orthografia, desterrou esta lettra como inutil no meio de dicção; e chegará o dia em que não se empregará senão unida com o *c*, para escrever as syllabas, *cha, che, chi*, etc. E a etymologia? O pequeno numero de litteratos nunca a ignorará: e a massa do povo, que aprende a ler, e a escrever por necessidade, pouco se embarça da etymologia, que só serve para augmentar as difficuldades dos que aprendem, e dos que ensinão. Que serviço tão grande faria á Nação a Academia Real das Sciencias de Lisboa, se publicasse uma Grammatica Portugueza, acompanhada d’um tratado de orthografia, em que se prescindisse da etymologia! O acerrimo etymologista Madureira não se vê muitas vezes obrigado a ceder ao uso, que tem podido mais que a etymologia? Por outra parte os escritores modernos portuguezes vão pouco a pouco perdendo o respeito a esta palavra; e no cahos e confusão que agora reina por falta d’um systema racional d’orthografia, o tratado que dêsse a Academia Real, serviria não somente para pôr fim ao scisma, que divide os litteratos portuguezes; mas tambem facilitaria muitissimo nas escolas o ensino

---

<sup>15</sup> “A ortografia serve para este fim: delimita um espaço, serve – afirmando a diferença, sempre em relação ao castelhano – como indicador de identidade e distância” (Vázquez Corredoira 1998: 54).

“Quando os gramáticos portugueses constroem a ortografia portuguesa, no tortuoso caminho que levou mais de três séculos para ser completado, trabalham simbolicamente no sentido de delimitar a língua em relação ao espaço maior do castelhano” (Sousa 2005: 307).

da mocidade. Em confirmação do que digo em ultimo lugar porei um exemplo entre mil que poderia citar.

Dizem a um rapaz, ou a um estrangeiro, que não deve pronunciar o *u* depois de *q*, como em *que, quente, aqui*, etc.; e logo vem para atormentar a sua memoria as palavras *quando, frecuencia, tranquillo*, nas quaes tem que pronunciar o *u*. Quanto mais simples seria escrever (como se usa agora em hespanhol) *quando, frecuencia*, etc., assim como se escreve em portuguez *cuidado* etc.! Isto parecerá a muitos uma cousa frivola; mas é que não se lembrão já do trabalho, e das lagrimas que lhes custou aprender a ler; e agora julgão que é muito facil o que trinta ou quarenta annos antes era um labyrintho de difficuldades.”

(Urcullu 1848: 10, n.1 *apud* Peixoto 2008[1848]: 150–151[120-121])

Cumprе observar que, nessa passagem, através de Urcullu, o texto não se limita a apresentar as situações merecedoras de reforma. Também se argumenta de um ponto de vista sociocultural e didático, mencionando expressamente a situação do ensino de língua estrangeira, e alude-se ao debate metalinguístico que em Portugal suscitam os factos de língua sobre os quais se propõem essas reformas<sup>16</sup>.

De resto, no texto a cargo dos Peixoto, apenas se observa ainda a convergência linguística genérica a respeito das regras de uso de maiúsculas e pontuação, com exceção do caso do uso do hífen, identificado seguidamente e destacado também em Moura (1821: 17).

As regras a respeito da pontuação, e do uso das letras maiúsculas, são as mesmas em hespanhol e em portuguez.

*Observações.* Quando os pronomes pessoaes se antepõem ou pospõem aos verbos, ajuntando-se-lhes, formão uma só palavra e não se emprega a união de que em portuguez se usa. Ex. *amandose, amando-se*.

(Peixoto 2008[1848]: 157[127])

#### 4. Notas conclusivas

Atingido este ponto, importa registar algumas conclusões:

- i) por um lado, a insistência, ao longo do texto em estudo, nos resultados e estruturas coincidentes entre as duas línguas, talvez como fator de motivação didática;

<sup>16</sup> Sobre o debate ortográfico geral no século XIX, cf. Kemmler 2001: 249-281 e, especificamente sobre os critérios ortográficos aludidos, cf. Gonçalves 2003: 395-400.

- ii) por outro lado, a inexistência de um critério claro ou sistemático no recurso à estratégia contrastiva explícita, já que nem sempre incide sobre as questões que poderiam levantar mais problemas à aprendizagem ou sobre as que mais convocaram a atenção da tradição precedente, postas em evidência nos estudos referidos no final do ponto 1 deste trabalho.
- iii) por último, e na sequência do anteriormente exposto, regista-se escassez de pontos de contacto com os comentários contrastivos recolhidos em Howell, Bluteau ou Moura, não obstante ser pertinente advertir que, quantitativamente, o número de situações partilhadas com Moura é mais elevado. Com efeito, não existe em Howell nenhuma observação contrastiva comum ao texto dos Peixoto, em Bluteau registam-se apenas dois comentários convergentes, enquanto que em Moura há já sete situações que denotam sintonia com os comentários contrastivos do texto em estudo. Tal parece explicar-se pela natureza e objetivo dos textos em causa: ao passo que os primeiros são pequenos tratados que põem em relevo correspondências regulares entre os dois idiomas no âmbito de determinados factos de língua mais relevantes para a compreensão escrita, o de Moura, como o de Peixoto assume um objeto e objetivo mais amplos. Seja como for, não há dados suficientes que garantam ou excluam a consulta dos textos de Howell, Bluteau e Moura por parte do autor da primeira gramática de espanhol para portugueses.

#### REFERÊNCIAS

- Álvarez, E. 2005. Decadencia de la lengua española, primeras gramáticas para luso-hablantes y comienzos de la enseñanza de esta literatura en la Universidad de Coimbra. In: Luís Filipe Teixeira, Maria José Salema & Ana Clara Santos (Orgs.). *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República. Actas do II Colóquio da A.P.H.E.L.L.E.* Coimbra: A.P.H.E.L.L.E., 39-56.
- Bluteau, R. 1721. *Diccionario castellano y portuguez para facilitar a los curiosos la noticia de le lengua Latina, con el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino.* Lisboa Occidental: Pascoal da Sylva, 14-24.

- Döhla, H.-J. No prelo. La marcación diferencial del objeto en español y portugués: un cotejo diacrónico". In: M. Castillo Lluch & M. López Izquierdo (Eds.). *El orden de palabras en la historia del español*. Madrid: Visor Libros.
- Duarte, S. 2006. A aproximação contrastiva ao Espanhol nas *Taboas* de José Vicente Gomes de Moura: a teoria sintáctica subjacente. In: J. Barbosa & F. Oliveira (Eds.). *Textos seleccionados do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, 28-30 de Setembro de 2005)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística / Colibri, 329-339.
- . 2008a. *O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes*, Tese de Mestrado, Departamento de Linguística e Literaturas, Universidade de Évora.
- . 2008b. Los apéndices de la *Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes* de Nicolau Peixoto: el apartado "Phrases familiares". *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. 6: 29-46.
- . 2009a. Fuentes de la *Grammatica Hespanhola para uso dos Portugueses* de Nicolau Peixoto (1848). *Documents pour l'histoire du Français langue étrangère ou seconde – Aproches contrastives et multilinguisme dans l'enseignement des langues en Europe (XVI<sup>e</sup>- XX<sup>e</sup> siècles)*. 42: 165-183.
- . 2009b. "Of the Portugues language or subdialect" (1662): a consideração do Português como dialecto do Castelhana na obra gramatical de James Howell. *Diacrítica*.23: 209-221.
- . 2010. A presença da GRAE em Peixoto (Porto 1848) e Cervaens y Rodriguez (Porto 1895). In: C. Assunção, G. Fernandes & M. Loureiro. *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)*, vol. I. Münster: Nodus Publikationen, 177-188.
- . 2012a. La presencia castellana en el *Arte da Grammatica Portuguesa* de Pedro José de Figueiredo. In: E. Battaner Moro, V. Calvo Fernández & P. Peña Jiménez (Eds.). *Historiografía lingüística: líneas actuales de investigación*, I. Münster: Nodus Publikationen, 295-395.
- . 2012b. El castellano en la ortografía portuguesa: el caso de João Franco Barreto. *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. 8: 73-94.
- . No prelo a. A perceção do castelhano no *Antidoto da Língua Portuguesa* [1710] de António de Melo da Fonseca. *Revue ReCHERches*.
- . No prelo b. A teoria verbal nas duas edições portuenses da Gramática inglesa de José Urcullu: pistas para uma abordagem contrastiva do Português e do Espanhol. In: S. Duarte, F. Outeirinho & R. Ponce de León (Eds.). *Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)*. Porto: APHELLE/CLUP.
- García Martín, A. M. 2007. Sobre la referencia al castellano en la tradición gramatical del portugués. In: Á. Marcos de Dios (Coord.). *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 209-218.
- Gonçalves, M. F. 2003. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1794-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Howell, J. 1662. *A New English Grammar, perscribing as certain Rules as the Language will bear, for Forreners to learn English: ther is also another Grammar of the Spanish or Castilian Tounge. with som special remarks upon the Portugues Dialect, &c. Whereunto is annexed A Discours or Dialog containing a Perambulation of Spain and Portugall, which may serve for a Direction how to travell through both countreys, &c* Londres: T. Williams, H. Brome & H. Marsh.
- Kemmler, R. 2001. Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama*. 47-48, 128-319.
- Moura, J. V. G. de. 1821. *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Linguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Pablo Segovia, G. de. 2009. El contraste de lenguas en el siglo XVII: la doble gramática de James Howell. In: T. Bastardín Candón, M. Rivas Zancarrón & J. M. García Martín (Coord.). *Estudios de historiografía lingüística*. Cádiz: Universidad de Cádiz – Servicio de Publicaciones, 565-576.
- Peixoto, J. M. B. da Costa. 1858. *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, segunda edição correcta e muito aumentada, contendo no fim um vocabulário portuguez-hespanhol das palavras mais usuaes e necessárias*, Lisboa, Typ. de Maria da Madre de Deus.
- . 1858. *Guia da Conversação Hespanhola para uso dos portuguezes contendo regras da pronúncia, e acentuação das palavras; um vocabulario, phrases, e diálogos familiares; modelos epistolares; e uma táboa comparativa no valor das moedas hespanholas e portuguezas, colligida dos melhores auctores e ordenada por José M. B. Da Costa Peixoto, auctor da Grammatica Hespanhola, obra util para aprender o hespanhol e para os viajantes á qual se ajuntou, no fim, uma collecção de locuções hespanholas, etc. por outro auctor*. Lisboa: Typ. de Maria da Madre de Deus.
- Peixoto, N. A. (Ed.). 1848. *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, dada á luz por Nicolau António Peixoto*. Porto: Typ. Commercial.
- . 2008[1848]. Cf. Duarte, Sónia (2008a).
- Ponce de León, R. 2005. Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia. In: *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Facultad de Filología de la Universidad de Sevilla, 675-682.
- . Inédito. La gramática y el léxico en la enseñanza del español en Portugal durante el siglo XIX. Conferência proferida no Fachbereich Romanistik, Universität Salzburg, 17 de maio de 2006.
- . 2006. O tratamento do infinitivo flexionado na gramaticografia portuguesa setecentista: descrição e uso. In: A. Endruschat et al. (Ed.). *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus, 167-198.
- . 2007. Materiales para la enseñanza del español en Portugal y para la enseñanza del português en España: gramáticas, manuales, guías de conversación (1850-1950). In: G. Magalhães (Coord.). *Actas do Congresso RELIPES III*. Covilhã/Salamanca: UBI/Celya, 59-86.

- . 2009. Comparativismo y enseñanza de lenguas en el Portugal del siglo XIX: en torno a las Taboas de declinação e conjugação de José Vicente Gomes de Moura. In: V. Gaviño (Ed.). *Las ideas y realidades lingüísticas en los siglos XVIII y XIX*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 519-533.
- . 2010. Gramática e defesa da língua: o Castelhana na *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (1672) de Bento Pereira (S. I.). In: Endruschat, A. & Kemmler, R. (Eds.). *Portugiesische Sprachwissenschaft: traditionell – modern – innovativ*. 189-199. Tübingen: Calepinus Verlag, 189-199.
- Ponce de León, R. & Duarte, S. 2005. O contributo da obra lexicográfica de Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: o *Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa*. *Revista da Faculdade de Letras. Série "Linguas e Literaturas*. 22: 373-429.
- Rodríguez, J. L. 2005. Visões do outro. O castelhana na óptica dos linguistas portugueses de Quinhentos. In: M. Gonçalves et al. *Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. I. Braga: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, 591-614.
- Salas Quesada, P. 2002-2004. El pequeño Diccionario de James Howell. *Archivo de filología aragonesa*. 1. 59-60: 845-858.
- . 2005a. Los inicios de la enseñanza de la lengua española en Portugal. In: M. A. Castillo et al (Ed.). *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE, Sevilla, 22 al 25 de septiembre de 2004*. Sevilla: Universidad de Sevilla – Servicio de Publicaciones, 799-804.
- . 2005b. Dos pequenos vocabularios de José Maria Borges da Costa Peixoto como testimonio de la lexicografía hispano-portuguesa del siglo XIX. In: *Diccionario y Traducción*. Málaga: Universidad de Málaga [documento electrónico cedido pela autora].
- . 2007. Comentario lexicográfico de la *Tabla de palabras portuguesas remotas de la lengua castellana* (1721), de Raphael Bluteau. In C. Pérez-Cordón & J. L. Rámirez (Eds.). *El español en sus textos. Manual de comentarios lingüísticos e historiográficos*. Lugo: Axac, 109-125.
- Silva, I. F. da. 1858-1958. *Diccionario bibliographico portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. [a partir do vol. IX: continuado e ampliado por Brito Aranha], 23 vols. Lisboa: Na Imprensa Nacional. Obra reeditada em reprodução fac-similada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.
- Sousa, M. C. P. de. 2005. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento. Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Vázquez Corredoira, F. 1998. *A construção da língua portuguesa frente ao castelhana – o galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.

Recensões



Maria Helena Mira MATEUS e Luísa SOLLA (orgs.)  
*Ensino do Português como Língua Não Materna:  
Estratégias, Materiais e Formação.*  
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013, 516 pp.,  
ISBN 978-972-31-1505-5

Celda Morgado Choupina  
celda@ese.ipp.pt  
*Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)*

Atualmente reconhecido como um país não monolíngue, Portugal apresenta uma população escolar multilíngue e multicultural. Esta situação deve-se não só ao facto de a Língua Portuguesa coabitar com o Mirandês (língua oficial desde 1999) e a Língua Gestual Portuguesa (ainda não legitimada como língua oficial, mas reconhecida como uma língua de expressão cultural e instrumento de acesso à educação em 1997 na Constituição da República Portuguesa), mas também porque convive com diversas línguas que chegam à escola em resultado dos fluxos de imigração. Estima-se, pelos dados dos inventários oficiais, que o sistema de ensino português possui atualmente cerca de 90.000 estudantes de outras nacionalidades (Mateus 2011).

Em resposta a esta diversidade e heterogeneidade dos alunos que frequentam as escolas portuguesas, houve a necessidade de criar condições de acolhimento e estratégias de ensino capazes de promover o sucesso escolar de todas as crianças e jovens, o que implicou e justificou o desenvolvimento de projetos de investigação conducentes ao levantamento das línguas faladas por esses alunos e à criação de estratégias de ensino inovadoras que podem aplicar-se quer no ensino monolíngue, quer no ensino bilíngue. Na área da Grande Lisboa, foram desenvolvidos dois projetos, *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa* (decorrido entre 2003 e 2007) e *Bilinguismo, aprendizagem do português L2 e sucesso educativo* (2008 a 2012), que estiveram na base do projeto que deu origem ao livro que agora se apresenta.

A obra em apreço resulta de uma formação desenvolvida no âmbito do Português Língua Não Materna (PLNM), no quadro do projeto *Criação e aplicação de estratégias e materiais conducentes ao sucesso educativo dos alunos*

de *Português Língua Não Materna*, assim como das estratégias e materiais utilizados na formação de docentes, trabalho levado a cabo com o apoio e o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, entre 2009 e 2012.

O livro está organizado em torno de três partes nucleares. Na primeira parte, intitulada *Recursos e Instrumentos para o Ensino do Português como Língua Não Materna*, são descritas as orientações gerais que nortearam o referido projeto e as propostas de trabalho desenvolvidas como experimentação realizada nas escolas (Capítulo 1), bem como são divulgados os instrumentos utilizados pelos professores de PLNM na planificação e preparação das aulas (Capítulo 2) e os dados recolhidos na observação dessas aulas em 3 agrupamentos de escolas (Capítulo 3). De referir que todas as atividades apresentadas como propostas de trabalho estão linearizadas em formato de guião para o professor, com indicação do nível de língua dos alunos a que se destinam. Pontualmente, ao longo do roteiro, vão sendo dadas sugestões de atividades e materiais alternativos, que podem ser aproveitados para trabalhar com alunos de níveis de língua mais avançados.

Na segunda parte, apresentam-se os dados relativos a um *Inquérito sobre Práticas de Ensino do PLNM*, de autoria e responsabilidade científica de Nelson Matias. O inquérito por questionário foi aplicado a professores de PLNM e a coordenadores dos agrupamentos de escolas dos distritos de Lisboa, Setúbal e Algarve. Este recurso de investigação teve, segundo os investigadores, a vantagem de alargar o universo da amostra em estudo, introduzir o anonimato e a liberdade de resposta e, finalmente, permitir uma recolha sistemática de dados e perspetiva comparativa nas respostas dos inquiridos. O inquérito era constituído por três partes: (i) um grupo de questões dirigidas aos diretores de escola ou agrupamento; (ii) uma parte principal (46 perguntas) dirigida a todos os professores de PLNM; e (iii) uma parte final (12 questões) a ser respondida apenas pelos professores com funções de coordenação.

Os resultados obtidos relativamente às atividades desenvolvidas e aos recursos pedagógicos utilizados nas aulas de PLNM apontam para uma inexistência de linhas orientadoras rigorosas quanto a este tipo de ensino, sendo os professores mais experientes (com formação específica ou não para a docência de PLNM) que guiam os novos professores desta disciplina. Já relativamente à relação entre o ensino do PLNM e as outras disciplinas do

currículo, os resultados são mais positivos, uma vez que a maioria dos professores de PLNM diz conseguir apoiar os seus alunos nas aprendizagens de outras disciplinas, ainda que sem uma periodicidade regular e sem planificação prévia. Da análise de todos os dados recolhidos com este inquérito a docentes de PLNM e a docentes coordenadores, destacam-se algumas questões que merecem aprofundamento em trabalhos futuros, nomeadamente as preferências de alguns professores em apoiar alunos de determinados níveis de proficiência em detrimento de outros, as preferências por dar apoio em disciplinas específicas e não em todas e a razão de o apoio às várias disciplinas estar tão pouco desenvolvido em algumas das escolas que pertenciam à amostra.

A terceira parte, *Textos de Formação*, integra um conjunto de nove textos de diversos autores, relacionados diretamente com o caráter formativo do projeto em que este livro se inscreve e com o trabalho desenvolvido pela equipa de investigação no âmbito do projeto. Estes textos podem organizar-se, no geral, em torno de quatro temáticas:

(i) A atitude da escola e as expectativas dos professores

No texto *Aquisição da linguagem – aspectos relevantes para instituições escolares em contextos de diversidade linguística*, Joana Duarte reflete sobre os fatores de natureza endógena e exógena que influenciam a aquisição da linguagem, em geral, e a aquisição de uma língua não materna, em particular. Um dado interessante em que a autora se foca prende-se com a oportunidade que a escola oferece de prática de língua a alunos de língua não materna, em contexto linguístico bi- e multilingue, relevando a importância das atitudes e expectativas positivas dos professores de língua no sucesso dos seus alunos e a necessidade de adaptação das escolas a alunos com competências linguísticas heterogéneas.

(ii) O papel do aluno no processo de desenvolvimento linguístico-comunicativo e as estratégias de aprendizagem

Ana Isabel Andrade, no texto *Comunicar e Aprender: que possibilidades em torno da Autonomia?*, situa a sua reflexão no quadro da educação para a diversidade linguística, procurando incentivar os professores de Português LNM ao uso de estratégias ativas, que envolvam os alunos no seu próprio desenvolvimento linguístico-comunicativo.

Luís Filipe Barbeiro reflete sobre a importância da colaboração entre alunos para a aquisição de uma língua segunda, no texto intitulado *Colaborar para aprender a língua*. O autor centra-se no facto de a língua ser o centro da pedagogia colaborativa, a par da tomada de consciência das particularidades das línguas maternas dos alunos.

*Música, Cognição Intermediária e Colaboração no Ensino da Língua* é o título do texto de São José Côrte-Real. A autora pretende destacar a importância da música na pedagogia das línguas, mostrando como o desenvolvimento linguístico e cognitivo podem beneficiar da integração da música no ensino, a partir de algumas sugestões práticas de similitude na construção semântica dos discursos falados e musicais.

(iii) O texto, a textualização e as tipologias textuais

O texto *A Narrativa como Estratégia – Uma Possibilidade de diálogo entre Culturas*, escrito por Maria do Céu Roldão, evidencia a necessidade de articulação entre a utilização da narrativa como estratégia didática e o entendimento do significado cultural e histórico que adquire em diversas sociedades, central na formação e na organização do conhecimento no aprendente.

Carlos Gouveia, no texto *A Escola como Sistema de Géneros: Conhecimento, Aprendizagem e Transversalidade*, apresenta a Língua Portuguesa como transversal a todas as disciplinas dos currículos, pelo que as vantagens do seu desenvolvimento, especificamente da escrita, emergem naturalmente. A escrita deve ser, segundo o autor, guiada por configurações estruturais diferentes e específicas.

Em *Diferentes culturas na escola – os textos e as imagens*, Maria da Natividade Pires apresenta a escola como uma realidade pluricultural e plurilinguística, o que implica uma metodologia de integração global e de implicação social. O foco principal deste texto prende-se com as estratégias de aprendizagem interculturais, nomeadamente as histórias literárias para crianças, evidenciando as potencialidades do texto literário nesta perspetiva de educação.

(iv) Questões de língua, variação e variedade linguísticas

Maria Helena Mira Mateus, no texto *Variação e Variedade do Português: porque interessa isto à escola?*, apresenta as noções de variação e variedade, a necessidade de as considerar no ensino do Português como

língua segunda e a importância de encarar o Português como uma língua com diversas normas, ainda que um dos objetivos do ensino a alunos que não possuem esta língua como materna exija um conhecimento da norma aceite no contexto em que estão inseridos, o Português Europeu.

No texto *Português língua não materna: das culturas de aprendizagem ao ensino da língua*, Maria Helena Ançã discute os conceitos de Língua Segunda (PL2) e de cultura(s) de aprendizagem, subjacentes e estruturantes da necessária apropriação da LP por aprendentes em contexto migratório. De modo a sustentar a sua reflexão apresenta dados reunidos durante o desenvolvimento de um projeto implementado na Universidade de Aveiro, com indivíduos cabo-verdianos, ucranianos e chineses. Neste projeto, pretendeu-se analisar as atitudes daquelas comunidades face à LP, à sua aprendizagem e ao papel que ela pode desempenhar na integração social de cada um.

Esta obra tem como principal objetivo ampliar o conhecimento dos professores relativamente à Língua Portuguesa a fim de garantir o sucesso escolar e social de todos os seus alunos. A nosso ver, a ideia de juntar numa mesma obra os resultados de um projeto de investigação com estas dimensões e implicações e textos reflexivos sobre diversas dimensões da Língua Portuguesa e do seu ensino enquanto LNM contribuiu positivamente, por um lado, para a consecução daquele objetivo e, por outro, para colmatar algumas das fragilidades detetadas ao longo do projecto, em particular a falta de algumas linhas orientadoras para os docentes de PLNM.

#### REFERÊNCIAS

- Mateus, M. H. M. (2011). Diversidade Linguística na Escola Portuguesa. In *Revista Lusófona de Educação*, n. 18. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 13-24. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/2560> (acesso 1/07/2014).
- Ministério da Educação (coord.) (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. Aprendizagem, ensino e avaliação*. Lisboa: Asa Editores. Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=88> (acesso 1/07/2014).



Edith A. MORAVCSIK. *Introducing Language Typology*.  
Cambridge: Cambridge University Press. 2013. xiii + 308 pp.  
ISBN: 978-0-521-15262-4

João Veloso  
jveloso@letras.up.pt  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto,  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)\*

1

Duas perguntas aparentemente contraditórias mas igualmente fascinantes que podemos formular quando estudamos a linguagem são as seguintes: (i) por que é que as línguas diferem tanto em certas propriedades; (ii) por que é que as línguas se assemelham tanto noutras propriedades?

Em linguística teórica, estas questões têm sido alimentadas, desde pelo menos meados do século passado, por programas de investigação como, designadamente, a Gramática Generativa (GG) (nomeadamente, mas não só, no âmbito da Teoria dos Princípios e Parâmetros – cf., p. ex., Chomsky 1981; 1986) e a Teoria da Otimidade (TO) (cf., p. ex., Prince & Smolensky 2004), através de propostas, respetivamente, como a de uma *gramática universal* (GU) parametrizada de língua para língua ou a de um conjunto de restrições também universais mas hierarquizadas de forma singular pela gramática particular de cada língua.

Independentemente do quadro teórico adotado – e de outras vias para se alcançar a caracterização da GU –, um dos caminhos para se poder chegar a uma perspetiva das estruturas linguísticas que ultrapasse a mera descrição das gramáticas particulares para se poder atingir um conhecimento das propriedades “universais” ou, no mínimo, regulares e recorrentes numa grande diversidade de línguas tem consistido na descrição e comparação do maior número possível de línguas individualizadas<sup>1</sup>.

A ideia, um tanto utópica, da construção de uma “tabela periódica dos universais linguísticos” (cf. Baker 2001; Kirby, Smith & Brighton 2007: 118 ss.) não tem dispensado, mesmo no paradigma generativo, esta busca

---

\* FCT, PEst-OE/LIN/UI0022/2014.

<sup>1</sup> Para uma discussão de outras metodologias de acesso à GU, veja-se, a título de exemplo, o estudo de Evans & Levinson (2009).

aprofundada de propriedades estruturais recorrentes em línguas, grupos e famílias de línguas. Trabalhos de diferentes orientações teóricas, como Greenberg (1966), Greenberg, Ferguson & Moravcsik (Eds., 1978), Croft (1990), Haspelmath (2001), entre outros, têm-no demonstrado. No mesmo sentido, esta via tem sido reforçada por resultados como, p. ex., os dos projetos dirigidos por M. Haspelmath no Departamento de Linguística do Instituto Max-Planck de Antropologia Evolutiva de Leipzig<sup>2</sup>.

## 2

A disciplina que presentemente se ocupa da identificação e sistematização das propriedades que caracterizam e individualizam línguas e grupos de línguas, olhando unicamente às propriedades estruturais que se repetem de forma regular de língua para língua, independentemente de estas descenderem ou não de uma mesma protolíngua e/ou de partilharem ou não, do ponto de vista extralinguístico, de circunstâncias geográficas, sociais, culturais ou históricas que as aproximem (ou afastem) de forma especial, é a **tipologia linguística** (TL). O objetivo principal deste ramo dos estudos linguísticos ultrapassa o nível da simples identificação e inventariação de tais propriedades, embora aí resida também um dos fins a que a TL procura dar seguimento. O seu principal desígnio, porém, consiste em agrupar línguas em categorias – **tipos de línguas** – em função unicamente da partilha de características gramaticais comuns (e, conforme dissemos, independentemente de eventuais laços genéticos entre línguas tipologicamente aparentadas), designadas, neste contexto, como **propriedades tipológicas**.

De certa forma descendente dos estudos comparatistas e “filogenéticos” do século XIX, devido ao esforço de descrição e comparação de gramáticas particulares<sup>3</sup>, a tipologia linguística é uma disciplina da maior importância

---

<sup>2</sup> De entre estes, merece especial destaque a base de dados WALS – *The World Atlas of Linguistic Structures*, com edição impressa (Haspelmath et al. (Eds.) 2005) e eletrónica (permanentemente atualizada), graças à qual é possível fazer buscas simples e cruzadas, num elevado número de línguas do planeta, de diversos traços linguísticos (morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, fonológicos, etc.), com descrições e exemplificações das propriedades procuradas e a identificação e localização precisas das línguas que respondem a tais propriedades. Cf.: <http://www.eva.mpg.de/linguistics/staff/martin-haspelmath/http://wals.info/>

<sup>3</sup> No entanto, torna-se obrigatório firmar uma distinção verdadeiramente fundamental entre (i) a gramática histórico-comparada oitocentista – prioritariamente centrada na identificação de parentescos genéticos motivados pela partilha, entre línguas, de uma protolíngua comum – e (ii) a TL contemporânea, que agrupa línguas em “tipos linguísticos” em função da identificação de propriedades estruturais (“tipológicas”) na maior parte dos casos totalmente independentes de parentescos genéticos.

para a compreensão das questões centrais relativas à linguagem e às línguas. A sua afirmação e crescimento atuais são comprovados, p. ex., por uma bibliografia profícua (cf., entre outros: Dressler 1979; Hammond 2006; Blevins 2007; Hyman 2007) e pela vitalidade de associações como a *Association for Linguistic Typology*<sup>4</sup> e de publicações como a revista *Linguistic Typology*<sup>5</sup>.

3

É no contexto do interesse e da produtividade da TL como área de investigação em linguística que surge o livro aqui em apreço, um manual universitário publicado numa coleção de introduções especializadas a diversas áreas da linguística (“Cambridge Introductions to Language and Linguistics”). A autora, professora emérita da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, distinguiu-se, ao longo da sua carreira, como uma linguista eminente graças a uma lista muito extensa de publicações e cursos sobretudo na área da sintaxe e dos universais linguísticos.

Logo no prefácio, a autora assume que o livro não se destina somente a linguistas, podendo ser uma fonte de estudo e conhecimento para interessados por diversas áreas e domínios e estando ao alcance, em seu entender, de qualquer académico com conhecimentos muito básicos de linguística geral e sem um conhecimento de mais do que uma língua (p. ix). Trata-se, ainda segundo a autora, de uma obra descomprometida teoricamente, não se alinhando com nenhuma das correntes que, em TL como em qualquer outro domínio científico, concorrem com visões alternativas ou complementares dos problemas considerados. Neste sentido, Edith A. Moravcsik destaca ainda a prioridade dada, ao longo de todo o livro, aos dados – nas suas várias dimensões (fonológica, morfológica, sintática, etc.) e à sua análise em detrimento da discussão teórica que diferentes interpretações de dados poderiam sustentar (p. ix).

Partindo desta orientação geral, o livro segue a estrutura seguinte. Antes do texto propriamente dito, o leitor encontrará: um índice geral (“Contents”), pp. v-vi; um índice de figuras (“Figures”), p. vii; um prefácio, da própria autora (“Preface”), pp. ix-x; os créditos de publicações anteriores (“Copyright permissions”), p. xi; uma lista de abreviaturas (“Abbreviations”), pp.

<sup>4</sup> <http://www.linguistic-typology.org/>

<sup>5</sup> <http://www.linguistic-typology.org/journal.htm>

xii-xiii. O conteúdo académico mais substancial da obra reparte-se por sete capítulos: 1 – “What is language typology?” (pp. 1- 23); 2 – “The worlds of words. Lexical typology” (pp. 25-63); 3 – “Assembling words. Syntactic typology” (pp. 65-107); 4 – “Disassembling words. Morphological typology” (pp. 109-147); 5 – “The sounds of languages. Phonological typology” (pp. 149-191); 6 – “Language in flux. Typologies of language change” (pp. 193-242); 7 – “Explaining crosslinguistic preferences” (pp. 243-275). O volume termina com um índice das línguas mencionadas (“Languages mentioned” pp. 277-280), um glossário (“Glossary”, pp. 281-282), a lista de referências bibliográficas (“References”, pp. 283-293), um índice temático (“Subject index”, pp. 295-301), um índice remissivo das línguas citadas ao longo do texto (“Language index”, pp. 303-306) e, a terminar, um índice remissivo dos autores citados (“Authorindex”, pp. 307-308).

Refira-se desde já que cada um dos sete capítulos principais do livro inclui, na primeira página, um pequeno resumo e uma lista dos principais conceitos e termos a apresentar e termina com um novo sumário, uma série de exercícios de aplicação dos conteúdos trabalhados e uma lista muito sintética com sugestões de leitura para aprofundamento dos tópicos tratados, o que se coaduna com o carácter introdutório assumido pela obra em apreço.

Nestas apreciações gerais, não podemos deixar de fazer um reparo ao que pode ser visto como uma lacuna da obra: relativamente ao português, estranhámos a total ausência de dados relativos a esta língua ao longo de todo o livro. Com efeito, lendo o texto e consultando os índices de línguas inseridos no final do volume, verificamos que os contributos da linguística portuguesa para a caracterização de uma língua com a projeção e as idiossincrasias do português numa obra de introdução à tipologia linguística, sendo completamente ignorados, de certa forma limitam o acesso a informação que poderia completar o conhecimento dos leitores acerca de propriedades do português com impacto nos estudos tipológicos, o que nos parece ser uma ausência que, de certa forma, pode comprometer o alcance da obra em análise.

De um ponto de vista eminentemente teórico, os capítulos porventura mais interessantes do livro serão o primeiro, dedicado precisamente à definição

do que é a TL e à circunscrição do seu campo epistemológico, o sexto, que se ocupa de um assunto relativamente recente – a tipologia das mudanças linguísticas, que serão a génese das próprias diferenças tipológicas maiores entre as línguas –, e o sétimo, que procura ir além da pura enumeração das principais diferenças tipológicas constatadas, concentrando-se numa tentativa de *explicação* das principais tendências tipológicas registadas nas línguas do mundo.

Os restantes capítulos, como dissemos, reúnem informação muito pertinente sobre os principais padrões de variação tipológica nos diversos níveis gramaticais identificados nas línguas contempladas pela investigação em que se baseia a obra em análise.

Na secção seguinte, faremos uma resenha sumária do conteúdo de cada um dos capítulos do livro, respeitando a ordem sequencial por que nos são dados ao longo do texto.

## 5

No primeiro capítulo (“What is language typology?”, pp. 1-23), a autora explora as questões de partida da TL. Com exemplos lexicais e frásicos de diversas línguas, a autora condensa as questões iniciais com que iniciámos estas notas de leitura numa frase que é dada como o ponto de partida da TL – “The fact that languages are both different and similar is a puzzle.” (p. 2)

Acompanhando sempre a sua exposição com a apresentação e explicação de exemplos em diversas línguas, a autora isola algumas causas para a variedade linguística atestada e, simultaneamente, para a possibilidade de agruparmos as línguas em categorias *tipologicamente aparentadas*: os parentescos genéticos entre línguas, o contacto entre línguas, a partilha de contextos culturais entre comunidades de falantes de línguas diferentes, os *tipos linguísticos* e os *universais linguísticos* (pp. 4-5). Para a defesa da importância particular destas duas últimas causas, a autora sublinha a necessidade de se proceder à análise das estruturas linguísticas profundas – por exemplo, na ordem e relação estabelecidas entre Cabeça e Dependente de uma estrutura –, mais esclarecedora do que uma análise mais “superficial”, como a ordem linear dos constituintes frásicos, por exemplo. Nas pp. 10 e ss. do capítulo, a autora apresenta alguns procedimentos metodológicos seguidos em TL para a identificação de tipos linguísticos e para o estabelecimento de relações tipológicas entre línguas,

como, p. ex., o estabelecimento de relações implicacionais entre universais linguísticos (pp. 10-17) e a constituição de bases de dados e amostras significativas (pp. 17-20). A este respeito, parece-nos interessante pôr aqui em destaque a seguinte reflexão da autora: estimando-se que a linguagem tenha aparecido na espécie humana há cerca de 50.000 anos aproximadamente e que, desde o aparecimento desta faculdade, se tenham extinto já perto de 233.000 línguas, as 7.000 línguas faladas nos dias de hoje correspondem apenas a cerca de 3% de todas as possibilidades combinatoriais de construção de gramáticas naturais, não se tendo em conta o número imprevisível de línguas que ainda possam vir a surgir no futuro (p. 17). Ainda assim, destas 7.000 línguas, só cerca de um terço se encontram cientificamente descritas, de acordo com Bakker (2011) (p. 17). Assim sendo, como legitimar qualquer conclusão com pretensões de se aplicar a *todas* ou a um *número* de línguas *representativamente grande* (p. 17)? A resposta a esta interrogação de base, que constitui um tema de debate muito interessante em linguística geral e teórica, é a que encontramos normalmente neste tipo de reflexões: um esforço de exaustividade e de representatividade na seleção dos dados a considerar é uma forma aceitável – porventura **a** forma mais legítima, à luz dos pressupostos atuais da linguística descritiva – de suprir a referida lacuna (pp. 17-18).

As reflexões da autora sobre este tópico, da maior pertinência, são continuados com a enumeração de alguns critérios para a constituição das amostras de línguas, que devem cobrir todas as famílias genéticas existentes, a maior diversidade geográfica possível e o maior número possível de línguas anteriormente testadas em estudos tipológicos para aproximação ou afastamento em relação a determinadas propriedades gramaticais (pp. 18-19). Estes procedimentos, de acordo com os princípios da TL, embora não possam ser vistos como inteiramente infalíveis, são aqueles que correspondem ao padrão metodológico mais aceitável face aos conhecimentos atuais:

“Given that our knowledge of the entire set of human languages, past, present, and future, is only **partial** and unavoidably so, **our universal statements are mere hypotheses whose validity can never be proven**. This holds regardless of whether the statement is absolute or statistical: the next language may be a counterexample to an absolute statement or may change the probabilities of a statistical one. **They must be viewed as best-possible guesses. They involve extrapolations from what is KNOWN about SOME languages onto what ALL languages MIGHT be like.**” (p. 19; negritos nossos).

Nos capítulos seguintes, dedicados às recorrências tipológicas de base lexical, morfológica, sintática, semântica e fonológica, a autora reúne exemplos e comentários abundantes que revisitam tópicos clássicos neste tipo de abordagens, como, a título exemplificativo, os nomes das partes do corpo (pp. 31 ss.), as designações dos graus de parentesco (pp. 34 ss.), os sistemas dos pronomes pessoais (pp. 39 ss.), os sistemas dos numerais (pp. 45 ss.), os nomes das cores (pp. 56 ss.), a ordem dos constituintes sintáticos e dos papéis temáticos na frase (pp. 69 ss.), a quantificação e determinação (pp. 83 ss.), as classes de palavras (pp. 101 ss.), os processos de formação de palavras (pp. 110 ss.), os inventários fonémicos (pp. 153 ss.), os sistemas de escrita (pp. 176 ss.), etc..

Como dissemos antes, os dois capítulos finais retomam questões que ultrapassam o domínio mais descritivo dos capítulos que acabamos de resenhar, dado que se procura encontrar uma explicação mais abstrata, de certa forma, para as semelhanças e dissemelhanças tipológicas descritas pela TL e sobejamente apresentadas nos capítulos precedentes. No capítulo 6 – “Language in flux. Typologies of language change”, pp. 193-242 –, a autora ocupa-se fundamentalmente não de tipos de estruturas linguísticas atestadas, mas de tendências nas mudanças a que as línguas são sujeitas. Logo no sumário inicial do capítulo (p. 193), são identificados três níveis de mudança linguística: aquisição, uso e evolução histórica, relativamente aos quais, segundo a autora, é possível identificar “crosslinguistically recurrent patterns” (p. 193). Neste âmbito, ao longo do capítulo é prestada atenção, entre outros, a dois eventos históricos que, de acordo com Moravcsik, permitem reagrupar as línguas em categorias tipológicas diferenciadas: (i) a génese dos artigos (pp. 195 ss.) e (ii) a alteração da ordem das palavras (pp. 201 ss.), considerada um dos fatores mais marcantes na determinação de fronteiras tipológicas entre línguas e estádios de língua.

O sétimo e último capítulo da obra – “Explaining crosslinguistic preferences”, pp. 243-275 – assume, logo no sumário e nas páginas iniciais, o seu pendor claramente teórico, ao propor-se encontrar *explicações* para as diferenças tipológicas. A autora começa por discutir o interesse e o próprio conceito de *explicação* (pp. 244 e ss.) e relaciona, nesta discussão, as dimensões sincronia/diacronia, diacronia/aquisição/uso, aquisição/uso/função, fazendo ainda apelo a questões clássicas como relação parte/todo,

dependência, *types* e *tokens*, marcação, linearização, simbolismo, iconicidade, imitação, simplificação estrutural e conflito de restrições. Trata-se de um capítulo onde se encerram não só reflexões de índole filosófica sobre a natureza da TL, mas sobre a natureza da própria linguagem e do seu estudo a qualquer nível, e onde a autora, devido à “ambição” das interrogações epistemológicas fundamentais aqui traçadas, admite que “both the UG [= Universal Grammar] approach and the functional one offer functional explanations since they both assume some goals – cognition and/or communication – and also some tools. They differ only regarding the nature of the tool they posit: whether all of them are domain-general or whether some are domain-specific” (p. 271).

Reservando espaço para reflexões desta natureza, esta obra mostra bem o seu alcance teórico – relativizando um pouco as observações iniciais da própria autora, acima referidas, que pretendiam apresentar o livro como o mais liberto possível de filiações ou discussões de âmbito mais teórico. Na verdade, estamos perante um livro que vai bastante além de uma mera introdução escolar a uma matéria, podendo ser lido não só como uma “introdução” à TL, mas também como uma introdução à própria natureza das línguas na relação com a faculdade da linguagem e ao seu estudo científico.

## 6

Por todas as qualidades realçadas ao longo destas notas de leitura, estamos, em nosso entender, na presença de uma das mais importantes publicações em linguística dos últimos anos. Estamos perante um livro que contém ensinamentos, orientações e conteúdos muito úteis para todos os professores, investigadores e estudantes de linguística com um interesse mais direcionado para as grandes questões fundamentais da linguística geral e teórica. *Introducing Language Typology*, de Edith A. Moravcsik, será sem dúvida um *companion* imprescindível para os estudiosos da TL, mas lê-lo-á também, com o maior proveito, para todos os interessados noutras áreas da linguística descritiva e teórica.

#### REFERÊNCIAS

- Baker, M. C. 2001. *The Atoms of Language: The Mind's Hidden Rules of Grammar*. New York: Basic Books.
- Bakker, D. 2011. Language sampling. In: J. J. Song (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 100-127. Citado por Moravcsik, E. A. 2013. *Introducing Language Typology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Blevins, J. 2007. The importance of typology in explaining recurrent sound patterns. *Language Typology*.11: 107-113.
- Chomsky, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use*. New York: Praeger. Trad. port.: A. Gonçalves, A. T. Alves. *O Conhecimento da Língua. Sua Natureza, Origem e Uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- Croft, W. 1990. *Typology and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Dressler, W. U. 1979. Reflections of phonological typology. *Acta Linguistica Academiae Scientiarum Hungaricae*. 29(3-4): 259-273.
- Evans, N. & Levinson, S. C. 2009. The myth of language universals: Language diversity and its importance for cognitive science. *Behavioral and Brain Sciences*. 32: 429 –492.
- Greenberg, J. 1966. *Language Universals: With Special Reference to Feature Hierarchies*. The Hague: Mouton.
- Greenberg, J., Ferguson, C. A. & Moravcsik, E. A. (Eds.). 1978. *Universals of Human Language: Word structure*. Stanford CA: Stanford University Press.
- Hammond, M. 2006. Phonological Universals. *Encyclopedia of Language & Linguistics (Second Edition)*. Amsterdam: Elsevier, 525-531.
- Haspelmath, M. 2001. *Language Typology and Language Universals: An International Handbook. Volume 1*. Berlin: De Gruyter.
- Haspelmath, M. et al. (Eds.). 2005. *The world atlas of language structures*. Oxford: Oxford University Press.
- Hyman, L. M. 2007. Where's phonology in typology? *Language Typology*.11: 265-271
- Kirby, S., Smith, K. & Brighton, H. 2007. From UG to Universals. Linguistic adaptation through iterated learning. In: M. Penke, A. Rosenbach (Eds.). *What Counts as Evidence in Linguistics: The Case of Innateness*. Amsterdam: John Benjamins, 587-607.
- Prince, A. & Smolensky, P. 2004. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Cambridge: Blackwell.



Graça RIO-TORTO, Alexandra Soares RODRIGUES,  
Isabel PEREIRA, Rui PEREIRA, Sílvia RIBEIRO. *Gramática  
Derivacional do Português*, Coimbra, Imprensa da  
Universidade de Coimbra, 2013. 512 pp.  
ISBN 978-986-26-0640-8

Ana Maria Brito  
abrito@letras.up.pt  
*Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)*  
*Centro de Linguística da universidade do Porto*

O livro *Gramática Derivacional do Português*, publicado em 2013 pela Imprensa Universitária da Universidade de Coimbra, é uma obra importante no panorama da Linguística Portuguesa por várias razões: por um lado, porque é um livro abrangente sobre a formação de palavras em Português, incluindo o estudo da afixação, da composição, da conversão e de processos não afixais, como a amálgama, a truncação, a siglação, entre outros; em segundo lugar, porque representa um trabalho de equipa, reunindo especialistas em cada um dos processos referidos, um trabalho dirigido e orientado pela Prof. Graça Rio-Torto desde há sensivelmente vinte anos, no quadro das atividades do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA), uma Unidade I&D da Fundação para a Ciência e Tecnologia, sediada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 1966.

Apesar de existirem outros manuais de Morfologia do Português, trata-se de uma obra inovadora. Desde logo pelo título: usando o termo *gramática*, a obra está a valorizar as regras, os processos subjacentes à formação de palavras por parte dos sujeitos falantes; usando o termo *derivacional*, embora baseado na distinção clássica entre Morfologia flexional e Morfologia derivacional, este título demarca-se da noção tradicional de derivação como formação afixal de palavras para designar todo o processo de formação e produção de novas palavras. E inovadora igualmente pelo diálogo muito equilibrado entre sincronia e diacronia e pela comparação, sempre que justificada, das variantes do Português Europeu e do Português Brasileiro.

O livro começa com *Palavras de apresentação*, de Graça Rio-Torto, em que é feita uma definição do objeto de estudo e das conceções teóricas

e metodológicas fundamentais que nortearam a investigação e a que me referirei mais adiante. É também aqui que se indica a forma de recolha dos dados. As palavras analisadas neste livro são reais, extraídas de fontes diversas, não sendo apenas as de uso mais corrente, mas incluindo palavras usadas por setores menos jovens e de meios não urbanos.

A *Introdução*, de Alexandra Rodrigues, prolonga e reforça as orientações teóricas fundamentais para a compreensão da investigação, assim como define as noções e conceitos básicos com que trabalha a Morfologia. Trata-se de um capítulo utilíssimo, muito claro e que quase constituiria um texto autónomo, pois nele são descritos e ilustrados todos os processos de formação de palavras que irão ser estudados nos capítulos seguintes.

O capítulo 2, *Formação de nomes*, de Graça Rio-Torto (e de Alexandra Rodrigues, o ponto 2.4.), distingue os vários tipos de formação de nomes: formação deadjetival (*dureza*), denominal (*despesismo*) e deverbal (*revelação*), as suas subclasses, os semantismos de afixos e produtos.

O capítulo 3 de Graça Rio-Torto (e de Alexandra Rodrigues o ponto 3.4.) é dedicado à formação de adjetivos, quer aqueles formados por sufixação a partir de um radical verbal (*consumista*) quer através de formação denominal (*azulado, accidental*) quer os obtidos por conversão (como *penetra*), um processo menos produtivo em Português. Como em todos os outros capítulos, há quadros muito úteis, em que cada sufixo é analisado nas suas propriedades assim como o tipo de bases a que se junta.

O capítulo 4, de Rui Pereira, estuda a formação de verbos de acordo com vários critérios. Tendo como base o critério formal analisa-se os diversos processos de afixação (*antepor, mordiscar, adormecer*) e de conversão (*comprar*). Tendo como base o critério categorial estuda as categorias das bases de que os verbos podem derivar (deadjetival como *aclarar*, denominal como *assustar*, e deverbal como *saltitar*) e os seus semantismos.

O capítulo 5, dedicado à formação dos advérbios em *-mente*, de Graça Rio-Torto, mostra como estes advérbios se situam entre a composição e a derivação, uma problemática já estudada anteriormente pela autora e por outros morfologistas. São estabelecidas as restrições das bases adjetivais que estão na base deste processo, mas é dado espaço a formas criadas por grandes autores da língua portuguesa, que os usam de forma tantas vezes transgressora; veja-se *lucreciamente*, em Camilo Castelo Branco, *mulher-*

*mente*, em Filinto Elísio, *bastantemente*, em Mia Couto e *antesmente*, *coraçãomente*, em Guimarães Rosa.

O capítulo 6, de Graça Rio-Torto, é dedicado à prefixação: como vários gramáticos da tradição luso-brasileira têm notado, a prefixação não é um fenómeno homogéneo, pois alguns tipos de formas prefixadas partilham propriedades com a composição, como é o caso de *contra-ataque*, *sobrecarga*. Por outro lado, nem sempre os gramáticos se põem de acordo em relação ao número e natureza dos prefixos, sobretudo os de origem erudita.

A composição é estudada no capítulo 7 por Sílvia Ribeiro, desenvolvendo trabalho conjunto com Graça Rio-Torto. Os compostos são vistos englobando três tipos: os morfológicos, em que pelo menos um radical é não autónomo (*hidroavião*); os morfossintáticos, resultado da reanálise de uma estrutura sintática (*beija-mão*); e os sintagmáticos, que seguem várias estruturas sintáticas do português: por exemplo, N prep N, *água de colónia*, ADJ N, *alto relevo*, V N, *abre-latas*. As relações semânticas entre as partes dos compostos são longamente estudadas. Mostra-se bem que os compostos tanto podem ter um significado composicional, como em *abre-latas*, como podem ter um significado não composicional, como em *bico-de-obra*, *pé descalço*.

O capítulo 8, Formação de avaliativos, de Graça Rio-Torto, parte da sua tese de doutoramento de 1993 e nele se estudam os chamados “diminutivos” e “aumentativos”, isto é, os processos afixais usados na língua portuguesa para a expressão da avaliação que os sujeitos falantes fazem de entidades (*carrinho*), de qualidades (*amigão*), de ações ou processos (*escrevinhar*), assim como a partir de advérbios (*pertinho*), de pronomes (*elezinho*, *nadinha*, *tudinho*). Embora o foco da atenção sejam as características formais das bases que justificam a escolha dos afixos, são também evidenciados alguns fatores pragmáticos envolvidos na avaliação.

Chegamos ao último capítulo, o 9, de Isabel Pereira, sobre processos de formação não concatenativa, que incluem o cruzamento vocabular (*cháfé*), a truncação (*cusco*), a siglação (*Mercosul*), a reduplicação (*bombom*), a acronímia (*sida*). Não é por acaso que neste capítulo se cruzam de forma rigorosa conhecimentos de Fonologia e Morfologia. O grau de aceitabilidade de siglas, nomeadamente a aceitação de certas irregularidades fonológicas, como a não redução de vogais átonas em *PALOP*, *GEFAC*, leva a autora

a propor a hipótese de o Léxico de uma língua ser estruturado em vários patamares, em que as siglas ocupam um lugar periférico, distante do núcleo constituído pelo vocabulário nativo (p. 489).

Gostaria agora de me referir a algumas conceções teóricas que estão na base deste livro. Embora Rio-Torto afirme nas *Palavras de apresentação* que não há uniformidade absoluta nas conceções teóricas dos vários autores do livro e que muitas destas conceções são ditadas pela especificidade dos materiais que cada um trabalha, podemos dizer que há algumas ideias comuns que atravessam o livro.

Desde logo, a conceção de Morfologia como área de interface com outras áreas da gramática. Em línguas altamente flexionais como as línguas românicas, a Morfologia flexional tem uma estreita relação com a Sintaxe, entre outros aspetos, pelos fenómenos de concordância (p. 44).

A Morfologia estabelece também relação com a Fonologia. Como Rodrigues evidencia na Introdução a este livro, na flexão operam regras fonológicas de vários tipos: ilustrando, a acentuação em *partis* é na última sílaba e a vogal é [i], alta e não recuada, enquanto em *partes* o acento recai na penúltima sílaba, o que leva a que a vogal seja, no PE, alta e recuada (p. 46).

Por sua vez, a formação de palavras, que é o objeto central deste livro, e, em particular a derivação exocêntrica, tem importantes repercussões na Sintaxe, visto que as palavras de categorias distintas não podem ocorrer nos mesmos contextos e têm propriedades de seleção argumental distintas (p. 45).

A Morfologia tem igualmente uma relação privilegiada com a Semântica a vários níveis: mais uma vez, pela flexão: vejam-se os valores semânticos distintos de tempo e aspeto em *vi / tenho visto / verei* (p. 45); por outro lado, há diferenças óbvias de significado lexical entre as palavras base e as derivadas, como em *observa / observação, acidente / accidental, laranja / laranjeira* (p. 45-6).

Quanto à formação de palavras, e como bem acentua Graça Rio-Torto nas *Palavras de apresentação*, neste livro e nas produções desta equipa, a formação de palavras é entendida “como uma área que conglomerava um conjunto de estruturas da linguagem de modo dinâmico e interactivo (...) para a construção dum lexema convergem, de forma solidária, os afixos, as bases e os processos que estão na sua génese.” “Os afixos são, tal como as bases, unidades portadoras de sentido” (p. 22).

Esta conceção é influenciada por vários autores, Corbin (1987), Matthews (1974), Aronoff (1994), Plag (2003), entre muitos outros. Na sua tese de doutoramento, publicada pela Niemeyer no já longínquo ano de 1987, Danielle Corbin propôs um modelo em que fazem parte das entradas lexicais e, portanto, são a base de toda a formação de palavras, não só as palavras não construídas, mas também os afixos. Desprovidos de estrutura argumental, os afixos são concebidos como remetendo para a regra de formação de palavra à qual estão associados (p. 466), sendo preconizado um tratamento, na linha do tratamento tradicional, de orientação do mais simples ao mais complexo (p. 473).

Jackendoff (1997) e (2002) e o seu modelo de Arquitetura Paralela são também uma influência sentida neste livro e, em particular, nos textos de Alexandra Rodrigues: as estruturas gramaticais são vistas como uma estrutura tripla, em que as estruturas fonológicas se relacionam com as estruturas sintáticas e as sintáticas com as estruturas conceituais (Jackendoff 1997, p. 39). Neste modelo, o Léxico é concebido não como um repositório de peças soltas da língua, mas como o repositório destas estruturas triplas que permitem estabelecer correspondências entre as peças formadas pelos três sistemas da gramática, a Fonologia, a Sintaxe, a Semântica. Neste modelo, as unidades lexicais são as palavras, certas expressões idiomáticas que possam ser consideradas como palavras, mas também os afixos, derivacionais e flexionais (p. 110).

A questão psicológica é também colocada neste livro. Escreve Jackendoff (1997: 121) e traduzo: “A questão morfológica do ponto de vista psicolinguístico é saber se as formas complexas são guardadas na memória de longo prazo ou compostas “online” na memória de trabalho a partir de constituintes guardados / armazenados”. Desenvolvendo esta ideia, o autor distingue entre regularidades semi-produtivas, sendo estas guardadas na memória de longo prazo; e regularidades produtivas, em que os afixos estão guardados como entradas lexicais separadas, sendo as formas derivadas compostas na hora [“on the fly”] na memória de trabalho.

Estas conceções são parcialmente retomadas por Rodrigues, embora distinguindo “produtividade” e “criatividade”. Escreve a autora: “(...) os lexemas atuais não são necessariamente blocos rígidos de componentes inscritos e solidificados na memória. A sua atualização pode passar pela

montagem *online* entre os componentes morfológicos que o constituem de acordo com os padrões do português.” (p. 70)

Enquanto a produtividade é um mecanismo inconsciente e é ele que leva a criança a produzir as formas *fazi*, *trazi*, mostrando que a construção de padrões da flexão está a ser processada dinamicamente (p. 71), a criatividade é um mecanismo mais consciente e é o que permite a um falante como Marçal Grilo ter criado pela primeira vez a palavra *eduquês*, ou a jornalistas e falantes produzirem palavras como *socratização*, *troikizar*, *antibiot(ic)izar*, *Cavaquistão*, *Kadafistão*. (p. 74)

Sendo assim, “a formação de palavras deve ser entendida (i) como o domínio de geração dinâmica e em linha, na mente de cada falante, de palavras já existentes na língua (...). (ii) como o domínio de geração de novos lexemas ainda não existentes na língua.” (p. 74)

Sabemos também que as palavras, os produtos lexicais, nem sempre têm um significado composicional; de facto, os produtos lexicais são muitas vezes “portadores de sentidos não composicionais, não computáveis a partir dos das suas unidades constituintes”, escreve Graça Rio-Torto nas *Palavras de apresentação*, sendo “(...) afetados por processos figurais de metaforização, de metonimização, de extensão ou de especialização de sentido, que os tornam parcialmente ou totalmente opacos.” (p. 22)

Esta conceção tem consequências teóricas importantes e em última instância é uma justificação para a própria existência do Léxico de uma língua e para a incapacidade de a Sintaxe dar conta da formação de palavras que têm um sentido não composicional.

Em síntese, a Morfologia é definida neste livro como um domínio de interface com outras áreas da gramática, a Sintaxe, a Semântica, a Fonologia. Por sua vez, o Léxico de uma língua é concebido não como uma listagem de lexemas em número finito, mas antes como um domínio aberto, constituído quer por formas fixas quer por padrões e regras que permitem, por um lado, gerar palavras a partir de mecanismos já disponíveis e, por outro lado, criar novas formas a partir de parâmetros e materiais linguísticos de uma dada sincronia.

Pelo que ficou dito, percebe-se que estamos perante um livro importante no panorama da Linguística portuguesa na área da formação de palavras, numa análise rigorosa, muito ilustrada, bem fundamentada e alicerçada

em bibliografia abundante e bem selecionada. Um texto de leitura muito agradável e que, estou certa, a partir deste momento, será para todos os que estudam a Língua Portuguesa uma obra de consulta obrigatória.

#### REFERÊNCIAS

- Aronoff, M. 1994. *Morphology by itself*. Londres / Massachusetts: The MIT Press.
- Rio-Torto, G. 1993. *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Corbin, D. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Jackendoff, R. 1997. *The Architecture of the language faculty*, Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Jackendoff, R. 2002. *Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution*. Oxford: Oxford University Press.
- Mathews, P. H. 1974. *Morphology. An introduction to the theory of word-structure*. Londres: Cambridge University Press.
- Plag, I. 2003. *Word formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.



Marion SANDRÉ. Analyser les discours oraux. Approche pluridisciplinaire. Paris: Armand Colin, 2013. 227 pp.  
ISBN 978-2-200-28859-4

Isabel Margarida Duarte  
iduarte@letras.up.pt  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Marion Sandré é doutora e investigadora em Ciências da Linguagem e integra o grupo Praxiling da Université Paul Valéry de Montpellier, onde se ocupa sobretudo de análise conversacional, especificamente das interações orais de discursos dos *media*, de carácter político, por vezes registadas em vídeo também. A obra em apreço apresenta, quer a investigadores e estudantes da área quer a um público eventualmente mais vasto, uma abordagem clara e acessível para quem necessite de analisar discursos orais. Assim, destina-se não apenas a investigadores de Ciências da Linguagem, mas a outros que precisem de constituir *corpora* de discursos orais, de os transcrever de forma fiável e facilmente manuseável, para os poder analisar. O livro está bem organizado e é completo, apresentando, no final de cada capítulo, um balanço útil, com as ideias centrais.

Depois de uma I parte clara e muito didática a que voltaremos, a autora exemplifica as ideias expostas com a análise de transcrições de três géneros orais: a troca institucional (transações comerciais, transações administrativas e consultas médicas); a entrevista (entrevista de pesquisa, de recrutamento e jornalística) e debate (mediático, político e participativo).

A I parte, intitulada “Méthode d’analyse des discours oraux” consiste numa exposição bem organizada e clara, organizada em três capítulos e vai até à p.112: no primeiro, fala-se da análise do discurso oral; no segundo, do *corpus* oral e, no terceiro, de questões ligadas às diferentes formas de transcrição. No primeiro capítulo desta I parte, a autora começa por distinguir discurso escrito e oral, tendo por base, sobretudo, Kerbrat-Orecchioni (2005), para passar para outras distinções fundamentais: entre discurso em situação formal e informal (dependendo o grau de formalidade de haver mais ou menos constrações exteriores sobre a produção do discurso), monologal

e dialogal. Nos discursos informais, inclui apenas as trocas orais normais, a conversa quotidiana, considerando todos os restantes discursos orais como inscritos em situação formal. Passa, seguidamente, para questões metodológicas, começando por situar este tipo de trabalho na Análise do Discurso, cuja história traça rapidamente; apresenta os diferentes géneros orais; depois, mais especificamente, os géneros orais em situação formal e, por fim, de modo cada vez mais afunilado, os géneros orais mediáticos. O segundo capítulo tem um carácter muito prático, já que fornece sugestões sobre como constituir um *corpus* (ponto 2.1.), como abordá-lo e, especificamente, que características definem um *corpus* dialogal. Como a autora nota, para juntar, organizar, classificar e apresentar os discursos que o investigador quer submeter a análise, de forma coerente e representativa, ele tem de fazer opções que são parte da pesquisa, porque os dados não existem em estado puro e a constituição de um *corpus* é já um momento da investigação, por obedecer a critérios que o investigador tem que estabelecer e controlar. Sobre a recolha de *corpora* orais, a autora dá vários conselhos úteis, incluindo alguns acerca do modo de gravação e do papel do investigador na interação registada, tendo em conta, também, diferentes tipos de gravação: de discursos solicitados, de discursos “naturais” (com a participação ou não do investigador), de discursos mediáticos. Para abordar um *corpus* oral (ponto 2.2.), como a autora sublinha, é necessário conhecer bem as especificidades da oralidade, que são complexas, múltiplas e pouco estudadas. E é essencial analisá-las sem preconceitos linguísticos porque, como bem refere Blanche-Benveniste (1997: 35) que Marion Sandré cita, “dans l’opinion courante, et même parfois chez certains linguistes contemporains, la langue parlée s’oppose à la langue écrite comme le mauvais français s’oppose au bon” (p. 61). Na sequência lógica desta ideia, a autora retoma as principais características da oralidade, antes de passar ao ponto 2.3., sobre “Le corpus dialogal”, que se debruça especificamente sobre *corpus* de interação oral. Neste apartado, Marion Sandré destaca o papel ativo do alocutário em qualquer discurso oral dialogal, papel a que volta, quase no final da obra, a propósito de discursos orais menos dialogais. No respeitante ao funcionamento da interação, escreve, como seria de esperar, sobre cortesia, sobre “softneurs” e outros mecanismos de proteção da face dos interlocutores. Tanto no que concerne a estes fenómenos de atenuação

como a questões de transcrição e análise de *corpora* orais, parece-nos uma falha não haver referência aos estudos de investigadores espanhóis, por exemplo de Antonio Briz e do grupo Va.Les.Co, da Universidade de Valência, responsáveis por trabalhos muito avançados nestas áreas (ver, por exemplo, Briz, A., Pons, S. & J. Portolés (coords.) (2008): *Diccionario de partículas discursivas del español*. Em linha, [www.dpde.es](http://www.dpde.es)). No 3º capítulo, a autora ocupa-se dos problemas da transcrição. Longe de ser uma inutilidade, a transcrição constitui um momento fundamental de “réflexion théorique sur les données”, como escreve Bilger (1999: 181) que a autora cita, na p. 79. Transcrever é um trabalho moroso e por vezes cansativo, mas que implica opções e observações que são fundamentais para um bom conhecimento dos dados: é necessário poder contar com uma representação gráfica dos dados orais. Obviamente que o modo mais ou menos rigoroso como os dados são transcritos decorre do objetivo da investigação, do material usado, da teoria que se adota. Mas, como Marion Sandré também sublinha, o facto de termos uma transcrição não dispensa o regresso frequente à gravação dos dados orais, ou seja, os dados transcritos são enriquecidos pelos gravados. Por outro lado, estes documentos exigem uma descrição completa do contexto enunciativo de cada discurso. A autora dá alguns conselhos práticos úteis, como decidir o tipo de transcrição em função dos objetivos do trabalho, rever em conjunto as passagens problemáticas, no caso de se estar a trabalhar em grupo, usar equipamento que permita diminuir o débito da fala, entre outros. Passa, depois desses conselhos, para uma apresentação crítica dos diversos tipos de transcrição possíveis: da fonética à ortográfica, que especifica, por seu turno, na transcrição ortográfica “arranjada”, com o uso de convenções que têm variado consoante o grupo de pesquisa. No ponto seguinte, 3.3., “Transcription d’un corpus dialogal”, a autora apresenta as convenções que utiliza, inspiradas pelas da escola de Birmingham, desenvolvidas, depois, pela escola de Genebra e pelo grupo de Eddy Roulet e retomadas, entre outros, por Catherine Kerbrat-Orecchioni. As transcrições terão de ter em conta, obviamente, as várias unidades do texto interativo, a saber, no caso em apreço: interação > sequência > troca > intervenção. Mais uma vez, cremos que teria sido bom referir também as propostas de divisão em unidades do discurso oral interacional do grupo Va.Les.Co.

A II parte, de carácter mais prático, como dissemos, destina-se a exemplificar, a partir dos pressupostos teóricos apresentados na I parte, a análise de diferentes discursos orais. Está também dividida em três capítulos, cada um deles dedicado a um género discursivo: o primeiro trata de análise de trocas institucionais, o segundo de entrevistas e o terceiro de debates. Cada um dos capítulos se organiza de forma idêntica: num primeiro momento, a autora define as características do hipergénero estudado (troca institucional, entrevista, debate); sugere como se pode constituir e depois transcrever um *corpus* para esse hipergénero. Posteriormente, refere diferentes subgéneros dentro desse hipergénero. No caso das trocas institucionais, considera três tipos, consoante os contextos: administrativo, comercial e telefónico; no caso das entrevistas, refere as de pesquisa, as jornalísticas e as de tipo profissional; quanto aos debates, debruça-se sobre o mediático, o político e o participativo. Na última parte de cada um dos capítulos, dá exemplos de análises de subgéneros de discursos orais dentro de cada hipergénero: no capítulo 4, analisa, concretamente, uma troca telefónica, duas comerciais e uma médica; no seguinte, analisa uma entrevista semidiretiva, uma científica, uma televisiva e uma de recrutamento e por fim, no capítulo 6, estuda um debate cultural, um entre dois políticos e um debate participativo radiofónico. Esta forma paralela de apresentar cada género discursivo permite que facilmente se possam comparar. Todos os excertos são do início dos documentos, ainda para facilitar o confronto de forma mais rigorosa e uniforme. No que diz respeito a esses excertos representativos estudados, a autora diz que são resultado da transcrição quer de gravações de conversas banais, a maior delas de “micro caché”, quer de discursos dos *media*, já utilizados noutras pesquisas. Três dos documentos são analisados com mais pormenor, dada a sua importância e o nosso permanente contacto com os géneros a que pertencem: a troca institucional, a entrevista e o debate mediático. Os exemplos não têm qualquer preocupação de representatividade em relação aos géneros escolhidos, mas são meras ilustrações de modos de operar. Por outro lado, antes de cada um deles, é descrita a respetiva situação enunciativa e as transcrições obedecem aos preceitos explanados na I parte do livro. Não é colocada, como nos pareceria dever ser, a questão ética do “micro caché” quando, a nosso ver, deveria sempre haver, para as gravações e as transcrições, uma autorização consentida, ou consentimento

esclarecido dos falantes em causa. O primeiro excerto de troca institucional analisado, gravado por telefone, é exatamente um exemplo de gravação sem consentimento e, embora o assunto, meramente administrativo, seja inócuo, poderão levantar-se questões legais (além das éticas) que não deverão, a nosso ver, ser descuradas. Nem sempre nos parece fácil, também, obter consentimento para gravar, como faz a autora, consultas médicas e até as duas trocas comerciais, no pequeno comércio, exigiriam, a nosso ver, um consentimento, mesmo que fosse posterior à gravação. Quanto às entrevistas, os exemplos são de uma entrevista semidirigida no quadro de uma investigação em Sociolinguística, uma de tipo científico a Chomsky, uma televisiva e de caráter político e a outra de recrutamento de pessoal para uma empresa. A pluralidade de situações analisadas reflete a heterogeneidade do campo, que partilha, no entanto, um conjunto de características prototípicas comuns. Quanto ao debate, a autora analisa um excerto de um debate cultural dos *media*, sobre cinema, um típico debate político de televisão, em contexto eleitoral para as presidenciais, e, finalmente, um debate radiofónico de antena aberta, sobre um tema não controverso. Como a autora afirma na p. 215, não teve, obviamente, pretensões de exaustividade: “Ce qui m’intéressait, outre la présentation de ces genres particuliers, était de montrer la démarche depuis le choix du genre à l’analyse elle-même”. E este objetivo é particularmente bem conseguido, o que reforça a utilidade do livro em apreço.

Antes da Conclusão, Marion Sandré dedica ainda cinco páginas a uma “Note sur les discours monologiques”, que é isso mesmo, uma “nota”, para referir brevemente discursos como comícios, missas, telejornal, discurso político, etc. Mesmo não respondendo, o auditório destes discursos participa neles de variadas formas, incluindo aquela que consiste em influenciar o locutor que, antecipando as expectativas do público, as tem em conta quando da construção discursiva.

A obra constitui, portanto, um manual claro e acessível para quem trabalhe discursos orais de vários pontos de vista, apresentando uma bibliografia final útil e razoavelmente completa, onde faltam, como foi dito anteriormente, os importantes contributos que os investigadores espanhóis têm dado para este campo de estudos.

#### REFERÊNCIAS

- Bilger, M. 1999. Quelques problèmes autour de la “représentation” des données orales.  
In: J.-M. Barbéris (ed.). *Le Français parlé. Variétés et discours*. Montpellier: Université Paul Valéry.
- Blanche-Benveniste, C. 1997. *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys.
- Briz, A., Pons, S. & J. Portolés (coords.). 2008. Diccionario de partículas discursivas del español. Em linha, [www.dpde.es](http://www.dpde.es) [consultado em 23 de julho de 2014]
- Kerbrat-Orecchioni, K. 2005. *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin.

## Instructions to authors

### **Editorial policy**

*Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* accepts papers on any linguistic topic. Papers from either fundamental or applied research will equally be considered for publication, no matter the theoretical background of the submitted studies.

### **Submission and acceptance**

Prospective authors are encouraged to submit manuscripts within the scope of *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*.

For initial submission an email copy should be sent to the Editor, without any authors' identification, accompanied by a separate title page, giving each author's name, affiliation, address (to which proofs and editorial correspondence can be sent), phone, fax and e-mail address. For co-authored papers, first author's contacts will be used in further correspondence.

After a paper is accepted for publication, authors must present a final version as specified below and in full accordance with the instructions provided by this style sheet.

*Word processors and other software:* MS Word for Windows (DOC, DOCX or RTF file). For papers with specific symbols or figures (phonetic transcription, OT tableaux, syntax trees a.s.o.), a PDF version (in addition to a DOC or RTF version) is required. Moreover, clear indication of the used software must be given to the Editor. For phonetic transcription, please use the IPA-samd Uclphon1 SILDoulos font.

### **Style**

Final versions of accepted papers will observe the following specifications. The Editor reserves the right to return the manuscript to the authors for any corrections when these norms are not respected.

As the style specifications globally corresponds to the MIT Press style sheet, for further information please consult <http://mitpress.mit.edu/journals/LING/li-style.pdf>.

### **Length**

*Articles:* The preferred length of articles is 20 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Full-length articles should deal with original topics or research.

*Research notes:* The preferred length of research notes is 8 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Research notes could include brief accounts of research or report important work in advance of a more comprehensive paper.

*Book/Software/Webpage reviews:* The preferred length of reviews is 4 A4 pages approximately, Times New Roman 12 points, double spacing, 2.5 cm margins on all sides. Reviews will normally be commissioned by the Editor; nevertheless, offers to review recent books, software or webpages are welcomed. Please get in touch with the Editor if you wish to publish a review. Each book review should specify full bibliographic details of the reviewed book (title, author(s)/editor(s), place and year of publication, publisher, number of pages, edition, hardback/paperback, ISBN). Software reviews should specify full authorial and technical details (commercial designation, authors, copyright owner, version number, required computer operating system). Webpage reviews should give all necessary details regarding the web host, page creators, http address and date of retrieval.

### **Languages**

Papers must be written in English, Portuguese or any widespread language. Contributions in English may use either British or American spelling, provided it is used consistently. Do not hyphenate English words. Contributions in Portuguese may use either Portuguese or Brazilian spelling, provided it is used consistently.

### **Layout**

*Margins:* 2.5 cm on all sides. Use A4 format for the printed copies.

*Font:* Times New Roman, 12 pt. For long quotations and captions: 11 pt (see below).

*Line-spacing:* Double-spacing, except for abstracts and key-words, tables and figures, long quotations and reference list (where single-spacing should be used).

*Page numbers:* Page numbers at page bottom, centred.

*Phonetic symbols:* For phonetic transcription, please use the IPA-samd Uclphon1 SILDoulos font.

*Title, authors' identification, abstract and key-words:*

- Top of first page: Title of the paper. Times New Roman, 18 pt, bold, centred, normal capitalisation.
- Empty line (18 pt)
- Author(s)' name(s) (name(s) and surname(s)). Times New Roman, 16 pt, regular, centred, normal capitalisation. One author per line. Together with each name, in a separate line underneath the author's name, give an e-mail address (Times New Roman, 12 pt, regular, centred). In the following line, indicate author's affiliation (institution, country, with the country's name in brackets). Times New Roman, 14 pt, italics, centred, normal capitalisation.
- Empty line (14 pt)
- Abstract in English (if original language different from English). Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 500 words approximately. Heading (11 pt, first line of the abstract text): ABSTRACT.
- Empty line (11 pt)
- Key-words in English (if original language different from English). Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 6 key-words in the paper's language. Heading (11 pt, first line of the abstract text): KEY-WORDS.
- Abstract in the paper's language. Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 500 words approximately. Heading (11 pt, first line of the abstract text): Empty line (11 pt)
- Key-words. Times New Roman, 11 pt, regular, justified. Up to 6 key-words in the paper's language. Heading (11 pt, first line of the abstract text).
- Empty line (11 pt)
- 2 empty lines (12 pt)
- Text

*Notes and acknowledgements:* Footnotes in the text should be identified by superscript numbers and listed consecutively at each page bottom. Acknowledgements should be made in a first note, marked with an asterisk (this note should be introduced immediately after the title's last word).

*Section headings:* All sections and subsections should have a heading. Section headings should be numbered as in the following:

1. Section title
- 1.1 Subsection title level 1
- 1.1.1 Subsection title level 2

*Examples, tables, figures, etc.:* Examples, tables and figures should be inserted in the text and numbered consecutively with Arabic numerals. Each table and figure should have a title, at its top (Times New Roman, 12 pt, single-spacing, left-aligned) according to the following examples.

TABLE 1 – Title of table

FIGURE 1 – Title of figure.

Captions must occur at the figure or table bottom: Times New Roman, 11 pt, single-spacing.

In the full printed version and in the electronic copy, tables and figures must be included in their intended locations. On separate sheets and separate files (DOC/RTF and PDF), additional copies of tables and figures should be provided (1 figure or table per A4 page). These additional versions may fit camera-ready quality (clear black print, laser or high quality ink-jet printer). Their lettering should be large enough to be legible after reduction. Only black and white tables and figures can be accepted for final publication.

*Italicisation:* Do not underline examples or emphasised terms; these should be italicised. Bold type or small capitals can also be used.

*Examples:* All examples included in paragraphs should be given in italics (except when representing phrase/sentence structure).

*Numbering of examples:* examples which are not included in the text of a paragraph should be numbered, with the number placed in parentheses. Tabs (not spaces) should be used to align the examples. Sets of related items may be listed together, and numbered with lowercase letters, as in the example below:

- (1) a. *a slice of bread, a glass of water*  
       b. *a pile of books, a row of houses*
- (2) *strawberry, raspberry, blueberry*

Examples should be numbered consecutively throughout the whole text. List numbering may be used automatically. This allows adding and updating

cross-references to examples. To enable it, choose **Format > Bullets and Numbering > Numbered**, or right-click and choose **Bullets and Numbering > Numbered**.

The preceding and the following text should be separated from the example(s) by one blank line.

References to numbered examples should take the following form: “as in (1b) and (2)”.

If the paper includes examples from a language that does not coincide with the one of the paper, glosses and translations must be given in the language of the paper; use SMALL CAPITALS to gloss a grammatical category or grammatical category morpheme in a linguistic example, like in the following:

(1) Paolo li ha già letti.

Paolo them (MASC.PL) has already read (MASC.PL)

‘Paolo has already read them.’

(2) Kodomo ga 3-nin waratta.

kids NOM 3-CL laughed

‘Three kids laughed.’

*Quotations:* Short quotations are included in the text, enclosed in quotation marks (Times New Roman, 12 pt). Longer quotations should begin a new line and be indented, in Times New Roman, 11 pt, single space, without any quotation marks. After each long quotation, its source must be indicated (right-aligned, Times New Roman, 11 pt, single-space), following the bibliographical references style (see below). Inside a quotation, a suppression of any original passage should be marked with [...].

*Experimental data:* Authors should supply sufficient information to enable replication of investigations. Statistical results must be clearly indicated, following the norms of the American Psychological Association. Give subjects’ chronological ages in years, years:months or years:months.days (when appropriate).

*References in the text:* Reference in the text should be to author’s name and date. When appropriate, indicate relevant chapter/section or, preferably, page numbers (see following examples).

According to Kuhn (1962: 44), ...

The links between emotion, language and behaviour are taken into consideration by several authors (e. g.: Cross, Blake, Turnbridge & Gill 2001: 228 ff.).

For co-authored papers, include '&' before the last author's surname (see example above). For papers with three or more co-authors, indicate all co-authors' names in the first mention; thereafter, indicate first author's name, '*et al.*' (italicised) and date of reference:

Cross *et al.* 2001

All personal communications should be identified as 'p.c.' after the source name and given a date (if possible) (e. g.: Matthews p.c. 2004).

#### *List of references*

References should be listed alphabetically by author at the end of the article. Please type REFERENCES (Times New Roman, 12 pt, bold, small capitals, left-aligned) before the first reference. An empty line (12 pt) should be kept immediately above and underneath this heading. All references in Times New Roman 12 pt, single-spacing, indented, as in the following examples. For references with more than one author, use a comma; and '&' to separate the last co-authors' name; or *et al.* (for three or above three authors) in the reference list.

Use the references style proposed at:

<http://mitpress.mit.edu/journals/LING/li-style.pdf>

Here there are some examples:

– Books:

Kuhn, T. 1962. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press.

– Papers in journals:

Jusczyk, P. W., Goodman, M. B. & Baumann, A. 1999. Nine-Month-Olds' Attention to Sound Similarities in Syllables. *Journal of Memory and Language*. 40(1): 62-82.

– Chapters in books:

Goodluck, H. 1986. Language acquisition and linguistic theory. In: P. Fletcher & M. Garman (Eds.). *Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 49-68.

Do not include the edited volume as a separate entry of the reference list, unless it is explicitly referred to as such in the text. In this latter case, proceed as follows:

Fletcher, P. & Garman, M. (Eds.). 1986. *Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

– Documents retrieved from the Internet:

Zeichner, K. M. 1983. Alternative paradigms of teacher education. *Journal of Teacher Education*. 34 (3): 3-13. Retrieved January 25, 1996, from the World Wide Web: <http://www.apa.org/journals/zeichner.html>.

For documents not available as printed publications:

Skehan, P. 2002. *Individual differences in second and foreign language learning*. Retrieved April 19, 2005, from the World Wide Web: <http://www.lang.ltsn.ac.uk/resources/goodpractice.aspx?resourceid=91>.

– Unpublished material and other sources:

Give as many details as you can. For unpublished manuscripts or mimeographs, consider them as books and indicate ‘ms’ instead of publisher’s identification. For submitted or forthcoming papers, treat them as papers and supply information such as ‘forthcoming’, ‘in press’ or ‘in preparation’.

### **Appendices**

When absolutely essential, a final section of appendices can be included after the reference list. This section may contain experimental items, corpora or iconic materials relevant for the illustration of the authors’ points of view or for the demonstration of experimental results. Appendices are ordered consecutively with capital letters (Appendix A, B, C...). The Editor reserves the right to judge any appendix irrelevant and therefore to suggest its suppression from the final publication. The inclusion of a section of appendices should be regarded as exceptional.

### **Proofreading**

Once a paper is reformulated on the basis of the referees’ suggestions and its final version is accepted, no substantial modifications will be allowed. Normally, all proofreading will be carried out by the Editorial Committee. Nonetheless, the Editor can ask the author to review a set of page proofs. No alterations other than of printer’s errors will be admitted at this stage.

# LINGUÍSTICA

REVISTA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

## Artigos

- Non epistemic perception and subeventive structure, *Ángeles Carrasco Gutiérrez*
- A princesa ficou \*adormir ou a dormir? Dados sobre a consciência da unidade *palavra* em Português europeu, *Catarina Afonso, Anabela Gonçalves, Maria João Freitas*
- A aquisição das consoantes líquidas em PE: contributos para a caracterização da faixa etária 4;0-4;11, *Clara Amorim*
- Ênclise e próclise na coordenação, *Gabriela Matos, Madalena Colaço*
- Ou seja vs. o sea: formal identity and functional diversity, *Salvador Pons Bordería, Ana Cristina Macário Lopes*
- O contraste português / espanhol em Nicolau Peixoto (1848), *Sónia Duarte*

## Recensões

- Maria Helena Mira Mateus e Luísa Solla (orgs.) Ensino do Português como Língua Não Materna: Estratégias, Materiais e Formação, *Celda Choupina*
- Edith A. Moravcsik. Introducing Language Typology, *João Veloso*
- Graça Rio-Torto, Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira, Sílvia Ribeiro. Gramática Derivacional do Português, *Ana Maria Brito*
- Marion Sandré. Analyser les discours oraux. Approche pluridisciplinaire, *Isabel Margarida Duarte*

Instructions to authors

VOLUME 9

ANO 2014





